

A ACADEMIA



SEMANARIO DE LITTERATURA

2 JUN 20

PREAMBULO

Os jornaes de Coimbra são como os perillampos — luminosos e rapidos.

A luz que derramam não é tanta, que deslumbre; a rapidez, com que desaparecem, essa sim, espanta.

Como a sombra de Job, tremulam um pouco, e extinguem-se.

A sua existencia, de curta que é, nem sequer deixa, como a estrella cadente, um rasto de luz por onde passa; por isso morrem sem epitaphio; enterram-se na valla geral.

Prometheu de aspiração alta, o espirito d'elles perde-se na ascenção gloriosa.

A ACADEMIA não promette ir aos astros para se não perder.

Nas faxas da humildade se envolve, e a humildade tem direito á bemquerença de todos.

Não arvora bandeira, porque a não tem: não se alista em Areopagos, porque os não conhece: não representa os estudantes de Coimbra, porque não recebeu mandato.

Tem o nome de ACADEMIA, porque representa o trabalho e a boa vontade de alguns, para quem a capa e batina ainda não deixaram de ser brazão de honra. Os RR.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

INTRODUÇÃO

Impellidos pela necessidade de escrever de algum modo os estudos que vão seguir-se, damos a preferéncia á epigraphé que ali fica, por nos parecer a mais exacta e precisa. E, para o ser de todo, acrescentaremos que tomamos o termo Philosophia na acceção moderna, na acceção que tomou esta palavra, quando no decurso dos seculos XVII e XVIII deixou de comprehender no seu ambito a Physica e a Mathematica.

A esphera do nosso trabalho fica d'este modo sufficientemente delimitada. Se alguma vez fallarmos, pelo nexó das materias, em livros que, pelo que deixamos dicto, rigorosamente nos são alheios, sempre o faremos, como quem procura em seara estranha apenas os materiaes necessarios para esclarecer mais o plano proprio.

Não defenderemos a importancia da materia. A historia do pensamento e da razão nas suas mais nobres manifestações sempre foi utilissima aos que amam saber a razão das cousas.

Será illusão investigar noticias no nosso paiz sobre tal assumpto? Uns dirão que sim, e não muitos se opporão. Mostra isto que é completamente desdenhado entre nós o trabalho a que resolvemos propor-nos.

D'aqui se depreheende já que estes estudos não passarão de apontamentos. Para melhores resultados fallecem-nos meios, tempo, entendimento e livros. No entretanto havemos de realizar o nosso proposito do modo mais perfeito que estiver ao nosso alcance. Quando a actividade do homem se exercita sobre materias tão importantes e desattendidas, conquista facilmente, e com razão, a benevolencia dos homens probos e esclarecidos. A não esperarmos tanto, bastaria para pormos peito á empresa a tranquillidade da nossa consciencia e a convicção da utilidade do presente trabalho.

Isto nos basta.

Não nos desmandaremos em biographias faíceis de accumular, nem junctaremos citações inuteis e superfluas. Longas digressões sobre o movimento geral da Philosophia tambem se devem facilmente dispensar. Nesta parte nos contentaremos com os traços sufficientes para ligar os pensadores portuguezes com os estranhos. Escusam-se dois capitulos, se um delles nos basta. Conseguiremos por este processo fridar ás nossas ideas um caracter de unidade mais santa, e porisso mais facilmente perceptivel.

De resto a traça d'estes estudos em quanto á materia não é complicada. Com o Collegio Conimbricense, chamado das Artes, precipita-se no seio do esquecimento Aristoteles, ou, se quizerem, a Philosophia Escholastica, porque era, sobre tudo, pelo Aristoteles da idade media que batiam fé os nossos Jesuitas. Ergueuse em seguida o eclecticismo a inspirações de Wolfio; degenera depois num sensualismo mais ou menos determinado; até que modernamente parece ir renascendo a Philosophia a impulsos das theorias escossesas e avisos de Cousin.

A ultima parte não nos pertence. A primeira finda em D. José, e a segunda continua-se nos nossos dias; mas ainda a poderemos ver na sua dupla variante eclecticico — sensualista.

E nestas breves palavras temos comprehendido o necessario para entrar directamente no curso de nossas investigações.

PRIMEIRA EPOCHA

Desde o começo da Monarchia até o reinado de D. José.

I

Os seculos XIV e XV formam o primeiro periodo d'esta epocha. Nelle apparece menos copia de documentos. Pouco mais podemos haver do que alguns nomes e poucas datas assignaladas por factos importantes. Nesta escacez de noticias resolvemos de algum modo supprir esta lacuna, approximando as datas do caracter uniforme, que, durante estes seculos, devia tomar a Philosophia sob o impulso da Sé de Roma.

Data o começo da Monarchia de antes do meado do seculo XII. Conceba-se o que um povo, segurando á custa de valentes e heroicos feitos a disputada independencia do seu paiz, e alargando passo a passo os limites acanhados do seu territorio, poderia fazer em relação á sciencia.

Sem paz nem repouso, sem autonomia bem solidificada, sem linguagem correcta, entre renhidas pelejas e sanguinolentos combates, Portugal constitua-se laboriosamente, formava-se, organisava-se, e nada mais.

Pode dizer-se que o genesis dos povos é analogo. Depois de Marte, Minerva; com a paz surgem as letras; depois de Affonso III, o reinado glorioso de D. Diniz. Dilatado ao meio-dia o poderio portuguez, senhores dos Algarves, os nossos reis poderam então voltar suas attenções para as letras.

O chronista Francisco Brandão, mencionando os lentes, para cujo honorario contribuiam os commendadores de Soure e de Pombal, nos deu conta da organização scientifica da Universidade, fundada em Lisboa por D. Diniz em 1290.

Desde o começo da Universidade se encontra nella estabelecido o estudo da dialectica. Assim o asseveram os chronistas, e nos consta de documentos authenticos. A Provisão de D. Diniz de 1309 é expressa a este respeito:

Item in Facultatibus Dialecticæ et Grammaticæ Doctores esse volumus.... Este ponto está portanto superior a toda a hesitação.

Que dialectica fosse a ensinada alli não encontramos outro meio de o especificar com certeza, a não ser o processo indirecto, de que havemos de lançar mão em todas as investigações posteriores e pertencentes a este primeiro periodo da nossa historia philosophica.

Um apontado de nomes de pessoas, que de si nos não deixaram provas de saber, é deslocado nestes apontamentos. Escriutores dignos de memoria, ou que podessem esclarecer-nos

por seus escriptos e theorias sobre o estado philosophico de Portugal naquelles seculos não nos é permittido encontrar nem conhecer, entrando assim na esphera d'uma probabilidade mais ou menos attendivel, o que podera ser de uma certeza indisputavel. E, pois nos foi necessario notar este facto, não devemos despedir-nos sem outras considerações.

Tendo confessado que não podemos dar a estes apontamentos o numero de penosas vigalias, que elles muito mereciam e demandavam, e sendo possivel terem-nos escapado noticias d'entre as collocadas ao nosso alcance, se bem que poucas, entretanto é certo, ao que se nos afigura, não existirem, de feito, naquelles seculos escriptores distinctos de Philosophia entre nós.

Esta observação só por si justifica o nosso methodo.

Á parte as liberdades da poesia, se pode, até certo ponto, dar fé a uns versos de Ayres de Barbosa, que antecedem o compendio de Physica de Pedro Margalho. Verdade seja que a sua data é posterior aos seculos de que tractamos; mas esta circumstancia, se attendermos bem, longe de attenuar a prova, antes a vem reforçar; alem de que o citado escripto pertence a uma epocha muito proxima á de que actualmente nos occupamos.

Citaremos apenas dois trechos. O primeiro, que se refere aos bons tempos da Hispanha, diz assim:

O quales genuisti, Hispania fertilis, olim
Omne genus sophiae qui tenuere, viros.

Em seguida a estes versos indica alguns nomes illustres, como que para fazer resaltar a falta de homens illustres no seu tempo, assim é que elle acrescenta:

Sed tamquam sterilis, steriles modo gignis, habesque
Armorum strepitu, barbaraque truces.

Não deixaremos de observar, para mais rigorosa exactidão, que esta obra foi impressa em 1520.

Por em quanto estamos convencidos de que a penuria de sabios portuguezes era, naquelles tempos, consideravel, e tem para nós fé o testemunho citado, principalmente depois de o termos fortalecido com algumas investigações infructiferas.

Ainda mais; as leis por que se rege o espirito humano e a sua historia não se oppõem á veracidade de taes asserções.

A Philosophia não pode crear-se nem desenvolver-se espontaneamente nem de salto. Não é na meninice das sociedades que o individuo, dobrando-se sobre si mesmo, se pode erguer em theatro de suas propias reflexões. A reflexão é a faculdade, cujo exercicio, perseverante e bem regulado emprego demandam o esforço mais avultado da actividade humana.

A Philosophia é o fructo da reflexão, vivi-

ficada por todo o vigor do espirito; é por isso que ella precisa para a sua creação e elevação o trabalho continuado de muitos genios no longo perpassar dos seculos. Não é, pois, de estranhar que, nos primeiros dois seculos da sua vida litteraria, Portugal não aponte luzeiros insignes nos fastos da mais elevada das sciencias; dados estes esclarecimentos, podemos sem escrupulo proseguir nestes apontamentos, procurando determinar segundo o processo já indicado a dialectica que se estudara desde o estabelecimento da Universidade, e cujo estudo, talvez tivesse já começado nas eschololas, que, provavelmente, tinham precedido os Estudos Geraes de Lisboa.

Desde o começo da idade-media se conheciam a Introducção de Porphyrio, as categorias e o livro chamado *Perehermeneias* ou de *interpretatione*. Estes escriptos com alguns outros de pouco vulto mereceram a veneração continuada dos Escolasticos. No *Organum* de Aristoteles comprehendiam-se as categorias, o livro dos juizos—de *interpretatione*; os dois *analyticos*, isto é, a doutrina das conclusões da sciencia; a *Logica* ou a doutrina da *Dialectica* e das ideas geraes auxiliares, e enfim o livro dos *sophismas*, de *sophisticis elenchis*, a que se devem juntar os tres livros da *Rhetorica*.

Como a idade-media foi uma verdadeira epocha de elaboração scientifica, não admira que esta fosse de todas as obras de Aristoteles a mais facilmente accetivel e venerada.

Ora, sendo commum a todos os estabelecimento scientificos da Europa a mesma tendencia e movimento, e como todos se desenvolviam debaixo do impulso romano, estudada a questão sob um aspecto commum e menos determinado, não será difficil accommodar as ideas apresentadas ao ponto de que aqui se tracta.

Quando em Portugal se creou a eschola de dialectica, de que já fizemos menção, era ainda a *Dialectica* de Aristoteles que imperava. Antes d'essa epocha foi por esta substituida nas eschololas de Paris a *Dialectica* de S. Agostinho. D'aqui a conjectura probabilissima do seu predominio entre nós. Só nos falta, portanto, averiguar rapidamente o grau de desenvolvimento a que ella chegara naquelles tempos.

Com quanto a *Dialectica* de Aristoteles fosse bem accetida da idade-media, nem por isso devemos concluir que o espirito genesiaco e organisador d'aquella epocha o não modificasse, e d'um modo accommodado ás suas inspirações e tendencias. Os elementos pagãos evangelicos, antigos e contemporaneos, herdados e vindos da vitalidade dos povos barbaros, convergiam sobre novos moldes todas as instituições e todos os conhecimentos.

A finalidade da *Dialectica* limita-se a ser um instrumento da cultura das sciencias, mas os instrumentos tambem se aperfeiçoam.

O progresso que, por via d'ella, realison a escolastica é consideravel; mas aqui só curaremos, e de passagem, do aperfeiçoamento da dialectica em si e pelo lado extrinseco, onde, sobre tudo, ella progrediu notavelmente. O dialogo foi a primeira forma que ella tomou. O *Cur Deus homo* basta para nos indicar esta primeira phase da *Dialectica* entre os escolasticos.

A anthese foi a segunda forma. Esta foi a segunda manifestação da logica escolastica. A anthese é posterior ao dialogo. Naquella a negação equivale á interrogação, a duvida representa o anseio pela convicção. Esta transformação revelava a melhor disposição dos espiritos para o desenvolvimento intellectual.

Mas quando D. Diniz estabeleceu a Universidade lusitana, já a *Dialectica* existia no seu maior grau de aperfeiçoamento. Expunham-se os argumentos, e ou se sustentavam directamente, ou se recorria á discussão. Vinham a campo as auctoridades, demonstrava-se a proposição pelos meios possiveis, e terminava-se destruindo as objecções. Preparado o methodo podiam surgir as theorias. Foi o que succedeu; mas, antes de entrarmos na epocha do renascimento, diremos duas palavras acerca da metaphysica e moral d'um modo accommodado ao nosso proposito.

J. J. LOPES PRAÇA.

Começamos hoje a publicar alguns fragmentos do curioso poemeto de João de Deus — *A Lata*. — Sentimos não poder fazer a publicação na sua integra: o leitor, que já conhece o poeta suavissimo, o trovador mavioso, teria occasião de apreciar em João de Deus uma qualidade, que talvez esteja longe de lhe attribuir, a mordacidade pungente e implacavel, satyra fina e delicada. Infelizmente *A Lata* contem algumas estrophes, que não podem ser dadas á estampa: não que ellas deslustrem o reconhecido ingenho do poeta; mas porque, escriptas num momento de enfado, não foram destinadas a passar o circulo dos *intimos* do seu auctor. Publical-as seria uma indiscripção imperdoavel.

Contente-se, pois, o leitor com o pouco que lhe podemos dar: pouco, dissemos, não com relação ao seu valor litterario, que é muito; mas ao que somos forçados a esconder-lhe.

A LATA

(FRAGMENTO)

20

Vaidade humana! — Do que é simples, claro
Faz-se mysterio: dão-lhe um nome... e basta...
Com esse ameno sacerdocio, avaro,
Que da verdade as multidões afasta!

Mas a *verdade* não é pedra d'ara:
Nem *Arca-Sancta*, que só certa casta
Tem privilegio de levar ao hombro,
Ou ver ao perto sem cahir d'assombro!..

21

Padre — *ministro* do Crucificado
É bom ferreiro afeiçoando o ferro,
Com que ha de prestes ir rompendo o arado
Os campos d'este secular desterro.
Melhor explicam um *logar sagrado*
Bigorna e malho, que explica o berro
De bonzo gordo... que asperos abrolhos
Não viram nunca seus inchados olhos.

22

Apostolo é o pae, que se afadiga
Só para que descance o filho amado!
Apostolo é a rocha, em que se abriga
Ave agoireira, ou pobre desgraçado!
Apostolo é a lagrima, que amiga
Cahe pela face em peito amargurado!
E esse — Monstro do Céu — que solitario
Correu o mundo á busca do Calvario!

49

É a mulher!.. que amor sómente esmalta,
Como esmalta o perfume a violeta!
E a mulher!.. que da terra ás nuvens salta
Em pondo um pé na estrada do propheta!
Que nas azas de Christo a Deos se exalta
Quando em berço baixinho a face deita,
Cortando os seios... amputando a vida...
Para entre monstros taes andar mettida!

50

Irmãs da caridade! A Caridade
Tem só duas irmãs, a Fé e a Esperança!...
Não veste as côres só d'uma irmandade;
Veste as côres do Arco-d'Alliança.
Leva *sósinha* o pão da piedade;
Traz d'essa roda a infeliz creança
...Roda de vida, que anda de tal sorte
Que em se lhe tocando é já contar co' a morte!

51

Bemdicta sejas tu — victima triste
D'um seio amante, e d'um amante ingrato,
Que nunca, inda mamando, lançar viste
A mesma loba cachorrinho ao mato!
Bemdicta sejas tu! — que o que pariste
— Teu filho, imagem tua, o teu retrato —
Conservas como espelho onde te vejas...
Bemdicta sejas tu!... Bemdicta sejas!...

52

Pára suspensa a pomba no seu vôo
Ao ver-te contemplando-o, ajoelhada;
E dizendo-te (a pomba): «Eu te abenço
«Da parte de meu pae, irmã amada!
«Pozeste o seio ao sol: e fecundou-o
«Aquella luz, que o mundo extrahê do nada,
«E deu o campo á flor, á flor semente,
«Com que a mãe os filhinhos alimenta.»

53

«Bemdicta sejas tu! Quando se escolhe
«Debaixo da tua aza o que creaste,
«Aperta ao peito os anjos Deos... lá onde
«A jarra está da flor, de que és a haste.
«Um dia, que não tenhas terra avonde,
«Ou do céu te não chova agua, que baste,
«Ergue-o á luz do sol, na mão direita,
«Mostra-l'ho! Deos... os filhos não engeita!»

JOÃO DE DEOS

A LIBERDADE E O MONOPOLIO

Na emissão da moeda fiduciaria

Uma das feições mais características da sociedade moderna, aquella, talvez, por qua mais se distancia do antigo mundo, é esta preeminencia dada ao espirito sobre o corpo, que faz com que, em assumptos de credito, se tenha hoje em mais a dignidade do homem e a nobreza dos seus sentimentos, do que a materia que os substitua, como garantia das obrigações.

Este triumpho, esta conquista da nova geração, é um dos seus mais gloriosos brasões, e ao mesmo tempo a consubstanciação dos mais nobres principios, que constituem o seu credo moral e economico. *O credito* é uma das condições para a liberdade do trabalho; é um instrumento valiosissimo do principio da associação; é a realisação mais fecunda e elevada do dogma da fraternidade universal. Quem diz *credito* — diz tambem esforço e justiça, moralidade e illustração — progresso economico e rehabilitação moral. O desenvolvimento do credito assignala, pois, com justo motivo uma epocha notavel na peregrinação da humanidade.

Olhemos em roda: que vemos?! — A industria moderna, convertida numa de aquellas fadas caprichosas, de que fallam os contos arabes, desenrolando perante nós uma criação de maravilhas, que a razão rejeitaria, se os olhos não vissem, e se ainda as mãos não tacteassem a esplendida realidade para destruir as suspeitas de um sonho doirado, por ventura manifestado numa illusão de optica.

E é o credito a varinha magica a que tudo isto se deve. Pela sua influencia benéfica perfuram-se montanhas, rasgam-se oiteiros, entulham-se valles, e as distancias desapparecem; seccam-se pantanos, mais ainda, enxugam-se mares, — e em vez de perniciosos focos de infecção surgem prados viridentes, fonte de riquezas; unem-se pelo pensamento dois mundos, que a immensidade do Oceano separava; constroem-se canaes, que vão dar animação e vida a uma vegetação rachitica, a

uma industria paralyzada; derrubam-se matas virgens, que se transformam em campos fecundos; arrancam-se da terra as preciosidades escondidas nas suas entranhas; por toda a parte se abre um novo theatro ao esforço e ao trabalho; o homem corre na via do progresso, e é assim que elle vai reconquistando um a um os flóres da coroa gloriosa, que o primeiro crime lhe fez perder.

Mas ha no credito alguma cousa de comum com a electricidade: fecundante e creador, é por vezes um terrivel agente de destruição. Descrevemos uma das faces da medalha; mas o seu reverso é tão desolador como lisongeiro era o seu aspecto. — De subito, em um céo purissimo, sem que um trovão longinquo annuncie a tempestade, ainda mesmo sem que algumas nuvens presagiem a tormenta, o raio fuzila; desencadeia-se o cyclone, e os fructos de muitos annos de trabalho, as conquistas de toda uma geração somem-se de baixo de ondas de areia e de pó!

Estes duplos effeitos do credito, ou, antes, estes diversos effeitos do uso e do abuso do credito, têm-se manifestado com intermittencias quasi periodicas, desde a fundação e desenvolvimento dos *bancos de circulação*, seus principaes instrumentos. Um phenomeno tão notavel e de tão subida importancia não podia deixar de merecer a attenção reflectida dos mestres da sciencia; e assim é que desde 1845, tempo em que a Academia real das sciencias moraes e politicas de Paris abriu concurso para a solução d'um dos mais importantes problemas bancarios, as questões, relativas a bancos, têm-se conservado na tela da discussão, como sendo das primeiras, de que a economia politica haja de occupar-se.

Uma das mais controvertidas é aquella, a que se refere a nossa epigraphe: — a emissão de notas deve ser monopolizada por um unico banco, ou deve ser plenamente livre? ¹ Para resolver esta questão, cuja influencia no mundo industrial é reconhecida ainda pelos menos versados em assumptos de economia politica, invocam-se principios, recorre-se á estadistica, encastellam-se algarismos, e no fim de tãmanha lido, não é raro ver deduzir dos mesmos elementos de argumentação systemas oppostos.

É cousa sobre modo notavel o ver escriptores, — alias acerrimos defensores da liberdade do trabalho, da liberdade de associação, da liberdade commercial, de todas as liberdades economicas, em fim, — sustentarem com todas

¹ Alem dos systemas de pluralidade, e unidade de bancos — ha ainda um terceiro — o dualismo bancario — que, se não vale pelo numero dos seus adeptos, tem por si a auctoridade de um nome, por todos respeitado no mundo scientifico, o nome de Miguel Chevalier. Como, porem, entre a liberdade e o monopolio não ha, não pode haver meio termo, tudo quanto dissermos a respeito d'este ultimo se pode applicar ao systema, de que é apostolo o illustre economista francez.

as suas forças o systema do monopolio bancario, preconizando-lhe as melhorias sobre o systema opposto. Admittem em principio a excellencia da liberdade: mas entendem com Machiavel que — a sua estatua deve algumas vezes ser velada pelas conveniencias sociaes.

As conveniencias sociaes! É aqui boa occasião de dizer com E. de Girardin, — *Ô Routine! toujours et partout tu es la même.* — Quando ha uma injustiça a commetter, um principio a falsear, as pretendidas *conveniencias sociaes* são sempre chamadas a justificar o que não pode ser justificado, porque traz um vicio de origem. No mundo economico, como no mundo moral, a liberdade não pode scindir-se: é uma e indivisivel.

Sem examinar por em quanto qual dos systemas bancarios é mais conforme com os principios scientificos e com os interesses da circulação industrial, diremos algumas palavras para explicar o motivo, por que na solução d'este problema rejeitamos o testemunho da estadistica, em contrario do que é geralmente usado.

As cifras nem sempre têm uma eloquencia irresistivel: quando ellas exprimem factos isolados, as suas indicações nada valem, porque de factos isolados não pode deduzir-se uma formula generica. O testemunho da estadistica se deve ser tido como verdadeiro, quando os seus algarismos enunciarem uma sequencia de factos succedidos regularmente, e ao mesmo tempo todas as differentes causas que os produziram. Só assim é que podemos elevar-nos á lei geral que os domina.

Estarão as crises bancarias neste caso? Parece-nos que não. Vejamos:

Qual é o caracteristico das crises bancarias? É o panico, que se apossa dos detensores de papeis de credito. O que é o panico? É uma guerra assoladora num paiz commercial; é uma febre vertiginosa de empresas tresloucadas; é a infamia d'um banqueiro dolosamente fallido; é a especulação desordenada da agiotagem; é uma phrase menos pacifica, proferida por um monarcha poderoso; é um telegramma innocentemente viciado; — é um rochedo, um pequeno seixo, um grão de areia, um atomo imperceptivel, fazendo encravar o eixo do mundo industrial.

As crises monetarias podem ser produzidas por um conjuncto de causas diversissimas: a circulação economica é resultante d'uma engrenagem formada por milhares de rodas, de sorte que a mais leve alteração em uma dellas vai repercutir-se no movimento geral. É por isso que a estadistica das crises bancarias não pode adduzir-se como argumento contra este ou aquelle systema de bancos.

Ahi vão dois exemplos, que assás provam o que avançamos: um é a crise manifestada em Inglaterra no anno de 1825; o outro é a

crise que rebentou em Londres nos começos d'este anno, e de cujos desastrosos effeitos ainda se resentem as principaes praças commerciaes.

A catastrophe de 1825 teve por causa *immediata* uma verdadeira doença, a que bem pode chamar-se *empresomania*. Para se avaliar o estado de exaltação, a que chegou a fleugma britannica, bastará dizer que se organizou uma sociedade com o fim de seccar um dos braços do Mar Vermelho, na esperança de ahí encontrar os thesouros submergidos com os egypcios, perseguidores dos israelitas!² Poderá o exemplo d'esta crise servir de argumento, como se tem feito, pro ou contra o systema da pluralidade de bancos, pro ou contra o systema do monopolio? Seguramente que não: o eredito tem por fim auxiliar e fomentar o desenvolvimento industrial, mas não dar azas ás loucuras dos novos Icaros, que pretendem enriquecer sem trabalho. Perante uma excitação d'estas não ha systema bancario que resista; todos são máos.

Da ultima crise succedida em Londres podemos dizer o mesmo. O *Daily News*, periodico d'aquella capital, investigando as causas d'aquelle espantoso abalo, apresenta em primeiro logar a especulação combinada d'uma sociedade de infâmes agiotas, que por meio das tricas usadas na *Bolsa* conseguiam produzir uma rapida descida ou elevação de fundos, conforme convinha aos seus interesses. Em vista d'isto poderá imputar-se *plenamente* esta crise commercial a este ou áquelle systema de bancos? Não, por certo; assim como tambem se não imputa á má gerencia d'um individuo o prejuizo que soffre com um roubo.

Assim, pois, as indicações das crises bancarias são apenas a expressão de factos isolados das causas que os motivaram; e como taes não podem converter-se em leis. Os algarismos podem alternadamente condemnar este ou aquelle systema, porque podem variar a cada instante, segundo o influxo de causas diversas, impossiveis pela maior parte, de serem previstas. Os principios é que não variam; constituem sempre uma norma fixa, ainda que algumas vezes os factos pareçam contradizel-a.

Será perante elles que examinaremos a questão.

EMYGDIO NAVARRO.

ESCUTA

I

Abre-me o Céu esplendido, estrellado,
O Céu das creancinhas, quando á noite
Se põem contando os astros. Não me digas,
Ó sibylla do amor, ó sancta esposa,
Por que estão lá em cima essas espheras

² Alphonse Esquiros — R. des deux mondes. 1863.

Como um throno de luzes movediças,
Suspensas pela abobada azulada!
D'onde vêm tantos mundos que se agitam,
Como seios de virgem palpitantes
Na walsa eterna do festim das noites!
Não me apontes com o dedo essa escriptura;
Que eu nella não sei ler. O olhar do sabio,
Esse que vá de noite mergulhar-se
No oceano insondavel do infinito:
Esse que pense e leia, e se afadigue
Em procura da lei, tyranna, eterna,
Que as estrellas suspende nas alturas!
O sabio tambem chora, quando scisma
Na triste escravidão de tantos mundos,
Que nascem, vivem, morrem sempre escravos!
Escravos sim, amor!.. Sonhei-os deoses
Disfarçados em luz, eram tão bellos!
Mas belleza apertada numa fibra
Da materia do ser, com elle escrava...
O coração me doe!.. Não queiras, filha,
Levantar esse véo que envolve chagas!
Quero Céu, quero estrellas, mar e terra;
Mas como outr'ora os vi, quando erança.

II

Ó Biblia do amor, só tu me ensinas
O que eu dos outros livros não sabia.
Aberta sobre a rocha de granito
Na secular montanha das edades
As gerações, que passam, vão submissas
Beijar as tuas letras, Evangelho!
É que tu és a historia encadernada
Na pelle de cada homem. As tuas letras
São vermelhas, da cor do nossó sangue;
Por isso, ó Biblia sancta, se em ti leio,
No arco das tuas virgulas suspensa
(Pois n'ella as proprias virgulas são poemas)
Minha alma vai pairando noutros mundos,
Paraisos d'amor sempre sonhados,
Eldorado infantil d'um sonho lindo.
É o milagre da ascensão divina;
As portas do futuro que se entre-abrem
Ao clarão d'uma esp'rança! A gotta immensa
Do sangue do Calvario sobre a rocha
Escorre ainda amor. A caridade
Sorri na cruz ao distender os braços;
É a esperança d'entre a aureola do martyr
Rompe formosa, como á tarde um Iris!
Curvado sobre as paginas da Biblia
Eu soletro o mysterio d'uma lagrima,
Que insensivel me cahe por muitas vezes
Sobre a letra de amor, e nesse instante
Eu canto amor e esperança aos que sentiram
Assim como eu senti, quando era infante!

III

Nas horas silenciosas do mysterio,
Quando as ondas do mar dormem na praia,
As aves no seu ninho, e o arvoredado
Nem sequer sente menear-lhe a coma
O respirar da aragem, nessas horas
Ineffaveis de gozo e de tristeza,
É quando mais anhele erguer-me á altura

D'uma voz mysteriosa, delectavel,
 Que me vem pelos Céos não sei de donde.
 Em vão me ponho a phantasiar' ordinas,
 Sombras com que me abrace, e ao fim da tarde
 A alongar esta vista, a ver se vejo
 Lá pelo espaço a luz da patria bella;
 É sempre o mesmo anção: os olhos timidos
 Despenham-se da altura ao mar immenso
 Do negro turbilhão das minhas noites.
 E todavia o amor bem sei que existe
 Nas ancias do desejo... mas ao cabo
 Do desejo, senhor, que mais se encontra?
 O frio d'uma lousa que enregela..
 A solidão, mais nada!.. Ó sonhos lindos
 Das minhas noites infantis, que vento
 Vos levou tão depressa da minha alma?

IV

Eu sinto ás vezes repassar-me os seios
 Aroma tão suave e delicado,
 Que julgo ser aquillo algum suspiro
 Da tua bocca, lyrio! Oh! se é verdade
 Que o marmore gelado tambem sente
 O beijo d'uma aurora, então eu sinto
 A luz d'esses teus olhos derramando-se
 Por cada fibra que ainda em mim palpita.
 Se tu vives no Céo, a Deos implora
 Que os ventos da montanha me não levem
 Esta pedra que resta das ruinas,
 Unico apoio que meus pés supporta!
 Diz á brisa que passe e que não dobre
 A folha d'este livro, onde me curvo
 A solettrar o amor. Oh! Biblia sancta,
 E tu onde é que estás, se eu te não vejo
 A não ser como a luz que a furto rompe
 Detrás da cerração? És tu um sonho?

V

Dize-me tu que não, meu anjo amado,
 Oh! mulher das mulheres supra—sanctissima,
 Que no seio de Deos a face escondes,
 Pois não existe o amor? Tu é que sabes
 O muito que te amei, e se ainda agora
 Creio em Deos e em ti! Mas quando eu morra
 Ha de acabar comigo o amor eterno,
 Que em vida te jurei! Oh! anjo, esconde-me
 D'esse phantasma que põe medo—a duvida!
 Pois a essencia d'um lyrio, mal fenece,
 Não sobe para o Céo, como na encosta
 O fumo do casal! Pois este corpo
 Não é como um thuribulo acceso
 Onde a vida crepita; e quando expira,
 Como o fumo sequer, não sobe á altura
 Tambem a alma nossa? Pois a lagrima
 Não ha de ser pesada na balança
 Da justiça eternal! Deos não existe?
 Eu quero os sonhos que sonhei no berço,
 Ver a face de Deos em cada estrella,
 Ver um beijo de mãe em cada bocca,
 Um sorriso de irmão em cada homem!
 Quero sonhar contigo horas inteiras,
 Por alta noite, quando em paz immerso
 For o mundo um sepulchro; então sósinho

Hei de amar-te em segredo, e levantar-me
 Ao Céo em que ora vives, Margarida!

VI

Um dia junto ao mar, vê se te lembras,
 O sol estava a pôr-se, perguntaste-me
 Com essa tua voz—suspiro—d'anjo
 —Ja viste, filho, ao declinar da tarde
 As listas côr de rosa que o Sol deixa
 Soltas no firmamento; e a nuvem branca
 Transparecer, franzir-se como a tunica
 D'um velho antiste desfraldada ao vento?—
 E eu que disse então, vê se me lembro,
 «É Deos que a face amostra em toda a parte,
 No azul do firmamento e do sacrario,
 No baloiçar da messe e do arvoredado,
 No Sol que alem se abaixa, e alem desponta:
 Cantam-no as solidões e o mar em furia,
 As estrellas do Céo e o tenro infante
 De joelhos no berço, mudo, estatico!
 Cantemol-o tambem!» E como a cythera
 Dos velhos de Israel sobre os salgueiros
 Vibrada pelos ventos, da tua bocca
 Rajadas de harmonia suspiraram
 Por sobre a onda azul dos vastos mares!
 Nesse dia de festa perlibámos
 Dos jubilos do Céo—Hoje o que valem
 Gozos que só provei na minha infancia?

VII

Ás vezes quando o Sol se estira em brasa
 Por esses plainos solitarios, vagos,
 Num círculo de fogo, ó minha esposa,
 Então beber quizera a longos sorvos
 Um raio d'esses, que me lança a prumo,
 E sequioso morrer em pó desfeito!
 Oh! se assim fosse, Archanjo, que me escutas,
 Lá d'esses thronos, onde o amor suspira,
 Talvez que o vendaval, que ás soltas corre
 D'um polo a outro furibundo e rapido,
 Meu pó erguesse ás nuvens e naltura
 Me fosse dado contemplar a estrella,
 Por quem suspiro ha tanto e nunca vejo..
 Talvez...—Alma inquieta que me foges,
 Se um dia a nuvem se rasgar do Emyreo
 Descansa e adora que esse mundo é nosso!
 Mas esse dia! Oh! misero destino,
 Sonhei-o uma só vez, lembra-me tanto!

VIII

Ha de passar o Sol pelo deserto,
 E seu manto de fogo enregelar-se
 Na solidão dos polos, desmaiado;
 E tu, Archanjo, realidade ou sonho,
 Mas sempre grató aos olhos da minha alma,
 Has de existir comigo noutros mundos
 Nos páramos do amor que Deos habita.
 Ha de ao cahos volver o mundo inteiro,
 O vento emmudecer, seccar o oceano,
 Sumir-se para sempre a terra e a vida,
 E tu 'stendendo ao longe as azas brancas
 Minha alma afflicta roubarás ao nada!
 Mas o nada o que é? Quem me levanta

O véo da sepultura e o Apocalypse
Expõe da Eternidade aos quatro ventos?
Quem me diz se esta luz que me alumia,
Como um froxo clarão de exausta lampada,
Já nos teus olhos foi um sol brilhante?
E quando um sopro a leve na aza negra
Quem sabe onde se irá! Ao Céu, acaso?
Dize-me tu que sim, e quando eu morra
Vem busca-a p'ra ti, contigo a leva!

IX

Se eu amasse no mundo a virgem pallida,
A languidez prolifica d'um beijo,
Que deixa o labio doce e alma farta,
Se eu amasse a volupia d'uma noite
Té no leito cahir, languido, inerte,
E depois com mais ancia me abraçasse
Á perdida mulher, que de cansada
Se encosta ás horas tristes da saudade,
De noite, ao parapeito da janella,
Com os olhos langorosos, estendidos
Para a nuvem que passa, receando,
Que assim lhe passe o lustro da belleza;
Se eu me pozesse a ler as tristes paginas
Da negra historia das mulheres vendidas,
Das estatuas de pedra que se movem
Da festa ao lupanar, da sala á orgia,
Presas pelos cabellos á corrente
D'um destino fatal irresistivel;
Choraria talvez nessas ruinas,
Velhos destroços de gentil creança;
Mas esqueceres-me tu, mulher sanctissima,
Renegar do teu nome, e os teus altares
Vel-os ruir no chão em vida minha!..
Primeiro a morte gelará meu sangue,
O sol do Oriente brilhará de noite!

X

Pomba, que lá do Céu me estás ouvindo
O fremito da prece que murmuro
Desalentado e triste, Margarida!
Ó tu, a quem meus carmes vão subindo,
Como a nota perdida pelo espaço
Em procura d'um seio, onde se abrigue,
Baixa os teus olhos e propicia attende
Aos cantos que são teus, pois nelles vives!
Vem descansar teu seio, se palpita,
Noutró seio. Tambem por muitas vezes
Tu tens descido á terra a dar-me forças
Para subir ao céo, se um Céu existe!
Tu só pelo silencio d'alta noite
Me tens visto chorar, horas e horas,
No teu regaço, filha!.. Ai! se te lembras,
Ainda lá no Céu, de quem supporta,
Acorrentado á cruz, o peso enorme
Da maldição dos homens, filha, ampara-me!
A tua imagem de manhã me acorda,
De noite vem cerrar-me os olhos languidos;
O amor vejo-o fugir, se tu me foges,
Radiante erguer-se, se teu rosto avulta...
Mais uma hora de gozo... vem sentar-te
Á beira do caminho, e quando eu passe
Levanta-me do pó... irei contigo!

J. SIMÕES DIAS.

REVISTA

É hoje o 226.º anniversario da restauração de Portugal...

O leão do occidente aspirou ao nascer a vida dos gigantes.

Veio á luz numa selva espessissima de al-fanges e cimitarras; cresceu ao lado d'um irmão ciumento e poderoso; robusteceu os musculos em lutas titanicas de um contra cem. Depois, olhou em roda; e como não visse mais inimigos a debellar, mais desvalidos a proteger, como não tivesse mais ultrages a punir, foi ao oceano indico desседentar-se das fadigas d'um combate incessante. Quiz des-cançar: com a cauda ficou açoitando a velha Europa, apoiou as garras em quatro mundos differentes, e humedeceu a juba possante nas aguas de todos os mares.

Perdeu-se! Aquella natureza robusta edu-cara-se com o ar frio das serranias, com o aroma do sangue das batalhas, com a rude simplicidade de quem tem por unica riqueza a cruz de ferro da sua espada. O ar tepido e embalsamado dos palmares do Ganges, as mysteriosas harmonias das matas virgens da America, os perfumes da canella e da magnolia, infiltraram-lhe nas veias um torpor mortifero; — e o louco, em vez de se arrancar por um esforço de energia ao langor suavissimo, que o enervava, forjou-se uma cadeia de perolas e diamantes, e assim algemado veiu offerecer-se ao odio dos seus contrarios.

O velho inimigo das Hespanhas, o *Crescente*, descarregou o primeiro golpe; e logo o leão de Castella acudiu a cevar no cadaver do irmão os ciumes, que seus gloriosos feitos lhe haviam accendido. Enganou-se, julgando encontrar um cadaver; nas palpebras amortecidas luzia-lhe ainda um lampejo de vida. Quando o gigante, no seu lethargo, ouviu o'borborinho confuzo do tripudio dos seus inimigos, quando percebeu que lhe calcavam todos os seus loiros, que lhe arrancavam as melhores joias da sua coroa, sentiu-se animado do vigor dos bons tempos d'Aljubarrota; soltou um rugido temeroso, e os adversarios desappareceram, levando nas costas os signaes da sua colera real.

Depois... inclinou-se de novo... adormeceu... e... silencio!..

A historia no seu eloquente laconismo exprime o feito glorioso da restauração de Portugal com a indicação d'uma data. Chama-lhe — 1640! — Recordemol-a; não para avivar odios, mas para soffrear ambições.

1 de Dezembro.

Responsavel — Bacharel Francisco Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

II

Como na Dialectica, assim tambem na Metaphysica e Moral, para se atinar o caminho seguido nos seculos XIV e XV entre nós, não ha senão conferir leves noticias proprias com as abundantes, que manam d'outras fontes, embora estranhas, puras e interessantes.

O apuramento da Dialectica, a sciencia do Dogma e da Moral christã é em que consiste toda a gloria da meia idade. Assim é que o Dogma e a Moral Evangelicos foram perfeitamente scientificados, e tão perfeitamente, que, hoje mesmo, podem servir de modelo ás outras sciencias positivas. O dialogo, a catechese e a homilia transformaram-se, d'este modo, em proposições rigorosamente demonstradas, e sabiamente deduzidas. E esta deveu ser a razão por que o dogma philosophico (a Metaphysica) e o cathecismo d'elle derivado (a Moral), tão divinamente suppridos, deixaram de occupar, como deviam, as lucubrações de todos os pensadores.

Pôr ponto neste genero de investigações não o podia fazer o homem, porque seria brigar com as tendencias inviolaveis da sua natureza racional. Houve, apenas, estacionamento, e até esse feneceu quando, pelo decurso do seculo XII, chegaram ás eschololas da Europa as obras de Aristoteles. Caminharemos sempre, que tal é a força irresistivel do nosso destino.

Foi em 1209 que, segundo Rigordo, succedeu o seguinte facto: «Naquelles tempos liam-se em Paris alguns livros, que se diziam compostos por Aristoteles, os quaes tractavam de Metaphysica, e, transportados de Constantinopla, tinham sido vertidos para latim. Estes livros foram queimados a titllo de darem occasião a heresias, e, continua o mesmo autor: «*sub poena excommunicationis cautum est in eodem concilio, nequis eos de cetro scribere et legere praesumeret vel quocumque modo habere.*»

Em 1215 o Legado da Sé Apostolica promovia o estudo da Dialectica Aristotelica, e ao mesmo tempo prohibia a Physica e Metaphysica do mesmo philosopho. «*Non legantur, escrevia elle, libri Aristotelis de Metaphysica*

et de Naturali Philosophia, nec summae de iisdem.»

Não podia ser mais formal a opposição, nem mais auctorisada. A bulla de Gregorio IX, dirigida aos mestres e estudantes de Paris, sancionava as disposições do Concilio. Houve grave illusão. Quizeram apagar a luz para evitar incendios. Felizmente a barca da civilisação velejava em sentido contrario.

Até já o Corão tinha abrandado os seus rigores, e se pozera em campo em abono da sua terrivel adversaria — a sciencia. A destruição da Bibliotheca Alexandrina e o convenio, que se diz celebrado entre Alamoun e Miguel Paleologo, offerecem ao observador uma anthese notavel.

D'uma parte os arabes, da outra o imperio latino dos cruzados no Oriente, deviam preparar os espiritos para o impulso decisivo, que, ao depois, lhe communicaram os sabios de Constantinopla, fugitivos da patria em ruinas, e bem acceitos na Italia pela familia illustre dos Medicis.

A propria Roma voltou sobre seus passos. Não ia ainda em meio o seculo XIII, quando o pontifice, que presidia aos destinos da egreja, modificava as disposições do concilio parisiense, ajunctando o seguinte correctivo: «*Quousque tandem, dizia o pontifice, examinati fuerint et ab omni errorum suspitione expurgati.*» Em sendo expurgados de erro, por tanto, os livros de Aristoteles, mesmo os da Physica e Metaphysica, poderiam ser professados publicamente nas eschololas.

Dado similhante passo não se retrogradou. Era impossivel a contradicta. Os escrupulos desvaneceram-se. Todos os decretos posteriores de Roma, permittindo e recommendando o estudo dos livros de Aristoteles, foram precedidos, e como que exigidos pela opinião publica. S. Thomaz, que foi canonisado, estudou e explicou Aristoteles. Roma acompanhou o movimento geral. O papa Nicolau V mandou em 1447 traduzir em latim as obras do philosopho grego.

A nossa Universidade, restituída a Coimbra em 1537, foi reformada por D. Manuel com novos estatutos. D'elles consta existirem já no seu gremio eschololas de Moral e Metaphysica; e é summamente provavel que ella seguisse o impulso e movimento geral, jámais se considerarmos que para o adiantamento das letras patrias foram convidados os melhores professores, assim naturaes como estrangeiros.

Como em Dialectica, pois, em Metaphysica e Moral prevaleceram entre nós as doutrinas de Aristoteles.

Uma circumstancia, á primeira vista pouco importante, confirma d'um modo peremptorio a probabilidade das nossas asserções. Referem as chronicas que em 1431 mandara o infante D. Henrique pintar um Aristoteles nas aulas de Philosophia Natural e Moral. Este facto dispensa todos os commentarios. Saber, agora, quaes as doutrinas de Aristoteles em Metaphysica e Moral será o nosso primeiro cuidado, e nos disporá convenientemente para avaliarmos o esplendor a que ellas chegaram nos seculos immediatos.

J. J. LOPES PRAÇA.

NA PRAIA

Era por fins da tarde: somnolentas
As ondas resonavam sobre a praia;
Deitavam-se ao depois tredas e lentas,
Como as ondas do amor, que o amor espraia.

Sentada, como a Aleyon, sobre as fraguas,
Murmurando em silencio seus cantares,
Sentia no gemer das mansas aguas
O intimo gemer de seus pezares.

Linda alvorada aos labios lhe acudia,
Se fallava d'amor ao seu amor;
Sombra graciosa as faces lhe encobria,
Se um queixume espirava intima dor.

Era a imagem da virgem na collina
D'olhos postos na aurora — sua irmã:
Era a petala branca da bonina
A receber o orvalho da manhã.

Mulher, que assim adora, é como a vela
Que se espera e se avista alem no mar;
É rasto que deixou cadente estrella,
Por onde a alma vôa a delirar.

É pomba que recolhe á arca sancta
Mostrando-nos o ramo da oliveira;
Hymno que nossa mãe a Deos levanta,
Sentada ao nosso berço a vez primeira.

Eu vi-a assim á tarde... Oh! quem podera
Volver aos dias de hoje a paz de então!
Satisfeito, por ella aqui morrera,
Fosse ella muito embora uma illusão.

S. DA CONCEIÇÃO.

O PROGRESSO POLITICO, SEGUNDO A HISTORIA

(FRAGMENTO)

A historia nos ensina que o estabelecimento de novas instituições, operado por uma geração qualquer, é preparado e disposto pela anterior, que nos ultimos paroxismos aquece as suas entranhas á luz do sol, que illumina os espiritos ainda embryonarios.

Estes pontos de transição d'uma para outra idade, d'uma para outra civilisação, e d'uma para outra instituição, residem em regra geral na desharmonia entre o principio e o facto da instituição anterior.

Na republica romana, que assentava sobre o verdadeiro principio da soberania representada pe'a iniciativa popular, apparece, como notavel contradicção, na vida social a privilegiada classe patricia, que tanto acabou comsigo, que pôde gerar o triumvirato, o qual pouco depois produziu o imperio.

A republica por tanto serviu-se da republica para crear o imperio, e depois d'isso a republica desabou; a liberdade serviu-se da liberdade para crear a escravidão, e depois a liberdade extinguiu-se.

No imperio, representante do falso principio do despotismo symbolisado em qualquer dos Cesares, apresenta-se-nos durante muitos seculos o verdadeiro facto da melhor organisação das liberdades municipaes.

Posteriormente essas liberdades cessaram por influxo, já da sociedade christã, já da ambição imperial em materia de governação publica e de riquezas sociaes.

Nestas circumstancias a abolição dos municipios, que era o grito de desespero regorgitado pelo imperador Leão nos ultimos momentos do imperio, foi a consignação do principio da liberdade, porque elles se haviam transformado em um symbolo de escravidão, e na mais poderosa arma do despotismo e da absoluta arbitrariedade. Pouco antes encontramos Justiniano dando a immortalidade ao seu seculo, e derramando a flux a liberdade no mundo civil.

O que é tudo isso, senão a contradicção e a desharmonia entre os grandes factos sociaes e o falsissimo principio despotico, que esses imperadores representavam? O que é tudo isso, senão o presagio da queda e da ruina da organisação imperial?...

O absolutismo por tanto serviu-se do absolutismo para derramar a liberdade, e depois o absolutismo cahiu.

Na França vemos nós Luiz XIV dando unidade á politica, e Luiz XVI realisando constantemente no meio social os justos principios da descentralisação, sendo certo que a

elle cabia representar a centralisação suprema, como rei absoluto, que não desdenhava ser.

Estabelecer esta desharmonia do elemento, que elle representava, respectivamente á egualdade, que proclamava, e á liberdade, que deramava, era evidentemente preparar o caminho para a ruína do seu poder, e para a erupção das lavas revolucionarias, que, fecundando o germen disseminado por Luiz XVI, vomitaram novas e admiraveis instituições sociaes.

Em Portugal, não mui longe da nossa organização constitucional e livre, apparece-nos D. José I reformando por intermedio do seu braço direito, o marquez de Pombal, as velhas e absolutas instituições, cerceando os privilegios do clero e da nobreza, e organisando a egualdade social.

Tanto em Portugal, como na França, por consequencia o absolutismo serviu-se de si mesmo para dar a liberdade aos povos, e esta idea, uma vez lançada ao seio da multidão, apossou-se do coração do proletario, restabeleceu-lhe a consciencia da sua dignidade, e, sustentando-o na coma dos seus frondosos ramos, foi-o successivamente elevando até ao burguez d'ahi até ao nobre, e por fim até ao rei, com quem nivelou todas as classes. Eis como o que por ahi se chama — civilisação moderna — alcançou lançar por terra o que soem de baptisar de velho mundo. O tumulo das instituições passadas foi, como acaba de ver-se, começado a cavar pelas mesmas instituições desde o tempo em que deixaram de estar em harmonia com o principio que lhes dera origem, e que lhes ministrava força e vida.

Concluindo d'aquí sobre o futuro, pois que para nada mais nos servem as lições da historia, sendo incontestavel que uma certa fatalidade rege mais ou menos as grandes evoluções sociaes, e não sendo finalmente menos certo que já modernamente começam de apparecer desharmonias sensiveis entre os principios e os factos — tenho de mim para mim que não vêm mui longe os funeraes do governo representativo e o aprazivel reinado das formas republicanas na organização das sociedades modernas.

Milhares de considerações nos forçam a terminar aqui a publicação do nosso apoucado estudo. LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO.

AO LUAR

Archanjos dormentes, ó pallidas moças,
Erguei-vos do leito, que eu vou descantar;
As trovas que solto são minhas, são vossas,
Ouvi nossas trovas d'amor, ao luar.

A Lua desponta num Céu de saphiras,
O orvalho arrocia nos prados a flor.
Ó Lua saudosa, só tu é que inspiras
Ardentes de fogo meus cantos d'amor.

Cantai, raparigas, trazei as violas,
Passae-lhes nas cordas os dedos gentis.
Ó lyrios da noite, dobrae as corollas
Aos beijos da Lua, mimosas huris.

A Lua vai alta, n'altura descança,
Resvala formosa nas ondas do mar:
As ondas murmuram suspiros de espr'ança
Aos beijos da Lua, que a Lua vem dar!

O vento não geme, nem brisa volteia;
Profundo silencio, que noite d'amor!
Saltae delirantes na alegre corêa,
Dobrae vossas hastes, roseiras em flor.

Um dia em que as auras beijavam as cordas
Tremetes, queixosas, do meu bandolim,
Vê lá, Magdalena, se bem te recordas,
Sorraste, pousando teus olhos em mim.

E as auras frementes em trepido adejo,
Qual bando de fadas suspensas no ar,
Correndo ligeiras roubavam-te um beijo...
Oh! noites formosas d'argenteo luar!

Teus seios tremeram, teu rosto de neve
D'amor incendiado volvestel-o ao chão.
Por que é, Magdalena, que alli se conteve
Tua voz sobre o labio, se o amor é paixão?

Que louca não eras! Acaso é delicto
Que um homem te beije teu rosto gentil?
A Lua, que baixa do espaço infinito,
Não pousa em teus labios um beijo subtil?

E a onda, que morre na praia distante,
Não beija as areias do branco areal?
Por que é que fugias dos beijos do amante,
Se o amor é dos homens, ó lubrica Omphale!

Tu eras o lyrio do val recatado
Que o vento nordeste nas azas levou;
Eu fui como o vento, meu lyrio orvalhado,
Meus beijos te queimam, o mesmo ainda sou.

Ó filhas da noite, tal sou como o vento,
Que passa e desfolha nos prados a flor;
As notas que saltam do alegre instrumento
São como os desejos, que matam d'amor.

Dança, anjos lindos, tremete suspiro
Na dança ligeira se escute a gemer.
Dizei nas violas que eu morro e deliro
Nas ancias do peito, que eu vejo accender.

Correi delirantes, ó lindas donzellas,
Violas no braço tangendo a primor;
As finas cinturas quebrando-se bellas,
Nos labios ferventes suspiros d'amor.

Archanjos dormentes, ó pallidas moças,
A Lua resvala formosa e louçã:
As trovas que solto são minhas, são vossas,
Cantemos agora; que breve é manhã!

J. SIMÕES DIAS.

A LIBERDADE E O MONOPOLIO

Na emissão da moeda fiduciaria

II

D'entre os principios, que regem a nova sociedade, e que são a base do progresso humano, avulta em primeira linha o principio da liberdade do trabalho. A sciencia moderna converteu-o em dogma: a liberdade do trabalho não se discute, porque tambem se não contesta ao sol o esplendor, com que brilha no espaço.

D'este principio se deduz, como immediato corollario, a liberdade de associação:—a liberdade do trabalho seria irrealisavel se ao homem não fosse dado o unir-se, em mutuo auxilio, ao seu semelhante: membro d'esse grande corpo chamado *humanidade*, não tem organismo proprio que lhe alimente a vida; morre, se o separam do tronco.

Mas a trilogia economica está assim incompleta; falta-lhe um *verbo*: — é a liberdade do credito.

Na primeira idade da criação foi instrumento do trabalho o esforço proprio; mas a humanidade, caminhando, reuniu um peculio ingente, que cada dia vai augmentando com uma nova riqueza. Hoje o trabalho não é só o esforço proprio; é tambem o esforço das gerações passadas, accumulado 'nessas cathogorias de productos, com que satisfazemos a serie sempre crescente das nossas necessidades. Para tomar parte no convivio social não basta que o homem apresente a sua natureza intelligente e creadora; é condição a reciprocidade de serviços. A sociedade, que lhe fornece as riquezas produzidas pelas gerações extinctas, exige que elle as augmente com um quinhão correspondente; se dá muito, é rico e considerado; se dá pouco, vive numa mediania obscura; se apenas entra com uma mealha para o peculio geral, tem por sorte a mendicidade; e se nada pode offerecer... morre de fome e de miseria. Isto é duro; mas é lei social.

É duro; e seria atroz se não houvesse meio de valer a tantos filhos da desgraça, que o acaso ou a providencia arremessam ao mundo pobres de bens de fortuna, embora ricos das aspirações, que a consciencia do proprio valor lhes faz brotar no espirito. Este meio é a liberdade de credito. Que aquelles que nada possuem obtenham os capitaes, de que precisam, com a facilidade, que da liberdade resulta, e o cancro do pauperismo irá desapparecendo pouco a pouco, e a illustração pene-

trará nas ultimas classes da sociedade já robustecidas com o santo mister do trabalho, e moralisadas com habitos de economia e de previdencia.

A liberdade de credito forma, pois, com a liberdade do trabalho e liberdade de associação a trilogia sanctissima, que constitue o novo credo social.¹

Monopolio de credito! Expressão absurda, que até escripta destôa! A quem pertence este monopolio? — Ao Estado — dizeis?!

Ao Estado!

Mas o fim do Estado, no dizer eloquente e incisivo de Ventura de Raulica é *julgar e combater*; tudo o mais é um excesso de attribuições; é um crime politico, se não for tambem uma immoralidade e um absurdo economico. Arrogando-se o direito de conceder o monopolio de credito, o Estado o que *julga?* o que *combate?*

Ao Estado!

Mas o *Estado*, consubstanciado em Roberto Peel, concedeu ao banco de Inglaterra o monopolio quasi exclusivo mediante o reconhecimento da enorme somma de 11 milhões de libras sterlinas, divida nacional, como fundo de reserva metallica. Mas o *Estado*, em Londres, em Pariz, em Lisboa, em Turim, em S. Petersburgo, em Vienna, em toda a parte, serve-se d'esse pretendido direito para obter dinheiro nos momentos de crise. A ameaça da não renovação da carta de monopolio é uma verdadeira espada de Damocles, sempre suspensa sobre os bancos privilegiados, e cujos golpes só grossas quantias podem desviar. O credito, que é a confiança, a confiança, que é a moralidade e a illustração, serão de natureza a que sobre elles se exerça tão escandalosa agiotagem?

Ao Estado!

Mas o *Estado* era Henrique VIII, o impio e o perjuro; era Carlos I, o violador dos depositos da *Torre de Londres*; era Philippe o Bello, o moedeiro falso; era Catharina da Russia, a Messalina dos tempos modernos; era Luiz XV e o *Regente*, os perdularios devassos; era a *Convenção*, a despresadora de todos os direitos: — Henrique VIII, Carlos I, Philippe o Bello, Catharina II, Luiz XV e o duque d'Orleans, a *Convenção*, concedendo diplomas de justiça e moralidade, de boa fé e illustração!

Monstruosa incoherencia! Inqualificavel absurdo!

EMYGDIO NAVARRO.

(*Continua*)

¹ Talvez pareça que estas considerações são alheias aos bancos de circulação, e sómente applicaveis aos instrumentos do credito popular. Não comprehendemos que haja outro credito, que não seja o popular; e sem entrar na questão de saber se os bancos de circulação devem conservar a actual organização, ou reduzir-se ao typo, que nos offerecem os bancos de Escocia, diremos que as considerações expendidas se fundam na natureza do credito em geral, e como taes são egualmente applicaveis aos bancos de circulação.

OUTRO MOYSES

Que vulto solitario alem sobre Moab
Estende avido olhar ás terras lá fronteiras!
A vista os sonhos d'alma, os campos de Judá,
Segor e Manassé e as virides palmeiras!

A vista se lhe apaga, expira o varão sancto,
Expira sem sequer na terra amada entrar:
Tambem sem alcançar-te, ó meu sonhado encanto,
Falleço á tua vista, ó lyrio, a suspirar!

J. SIMÕES DIAS.

O VASO DE CRYSTAL

(ROMANCE)

A historia de Heloisa e Abeilard não se escreve, canta-se, disse Lamartine. A historia de Olinda não se canta nem se escreve, lamenta-se. Olinda era como um vaso de crystal a reflectir o lume de todos os soes. Os que passavam, viam-na sempre á sua janella com o sorriso nos labios. Um dia o vento soprou rijo: o vaso cahiu no chão e quebrou-se. Quem havia de aproveitá-lo? É toda a historia d'aquella mulher, que alem vêdes á porta limpando as lagrimas á ponta do avental.

—Que tens tu, Olinda? — perguntei-lhe um dia.

— Não tenho nada. — E retirou-se. De feito aquella mulher não tinha nada. Riqueza, formosura e amor voaram-lhe na aza negra do infortunio. O vaso de crystal era uma ruina! Procedente de familia de artistas, Olinda era costureira. As graças infantis dos doze annos, a frescura da mocidade, a flacidez do corpo, a proporcional disposição de feições elevaram-na á altura de mulher formosa, e tanto bastava para ser amada. Mas, como não ha formosa sem senão, Olinda era preguiçosa, irascivel, intrigante, e... Muitas vezes a vi levantar-se do estrado, largar o trabalho e sentar-se á janella. Raras vezes se demorava uma hora na costura. Era a preguiça personificada. Os seus proprios vestidos alguem l'hos fazia, os brincos das suas orelhas alguem l'hos punha, rasgão, que uma silva lhe fizesse na saia, alguem l'ho apanhava. Era a mulher inhabil e sem prestimo.

Não era só. Vivia com sua mãe, mulher imperdoavelmente tolerante. Se alguem ou-sava notar-lhe os defeitos da filha, escandalisava-se e desculpava-a, chamando-lhe creança. Se alguma vez a reprehendia, usava de tal meiguice, que tacitamente ia approvando os desvarios da filha. Erro imperdoavel de educação. Tinha Olinda doze annos, quando a mãe lhe fez notar a inconveniência de manter relações com um caixeiro. Ella pela sua parte foi accetando e retribuindo homenagens, até que uma surpresa notavel os fez separar. Olinda aspirou então a mais altos feitos: amou dois

militares, um barbeiro, um musico, um cirurgião, um padre e mais quatro cavalheiros, cuja profissão pude averiguar, mas não posso descobrir.

Entre estes ultimos distinguia-se um pela assiduidade com que passava defronte da janella de Olinda, o senhor A. A. Tristão, moço honrado, bemquisto, estudioso e de figura não desagradavel. Seria este o preferido? O certo é que A. Alves se dirigiu á mãe de Olinda e lhe pediu em casamento a mão de sua filha. Esta accetou a proposta, e Antonio Alves Tristão julgou haver encontrado a pedra philosophal. Era sua a disputada Circe; amou-a quanto podia. Com o pensamento nella poz de parte o estudo; os seus livros eram as cartas de Olinda; de Olinda que estalava de saudades quando o não via, sentia-se morta quando d'elle não recebia noticias!

Um dia Tristão foi, segundo o costume, sentar-se numas pedras que ficavam em frente da janella da sua amante. Lá estava ella, a Omphale do seu coração, como num altar a Madona. Brincavam-lhe no hombro as ondas do cabelo, a face languidamente apoiada na mão. A lua, como que por encanto surgindo ao longe, veio bater-lhe em cheio no rosto alvissimo. Tristão viu aquelle quadro, e sentiu que o espaço era pequeno para conter o seu coração! Começou então de phantasiar venturas infinitas, um thalamo odorante, um quarto festival e perfumado, um chaile, uma coroa de flores, uma liga de meia, e no meio de tudo isto dois globos de luz, como dois soes, no rosto formoso de Olinda. . Ai! como Tristão era feliz. Levantou-se tomado de tentação irresistivel; queria ir nessa hora dizer-lhe a ella a força d'aquelle amor. Mas nesse comenos passa um vulto, olha em roda, e demora-se debaixo da janella de Olinda. Fallavam, o que diriam? Depois surge um outro vulto, que vem occupar o logar do primeiro; depois um terceiro. O dialogo travou-se. Olinda veio á porta, e recebeu uma carta e não sei se um beijo. Tristão cuidou de enlouquecer, as fontes da cabeça latejavam-lhe com violencia, as ideas cruzavam-se-lhe no cerebro, como fitas de fogo. Como doido apertou as mãos na cabeça e dirigiu-se a casa. Sentou-se á meza e escreveu: «Menina; julguei que poderia amar-me com exclusão dos outros. Enganei-me. A scena que acabo de presenciar é inqualificavel. Agora já eu não queria amal-a, mas isso era o mesmo que perdela e perder-me. Pela sua felicidade lhe peço que tenha dó de mim.»

Olinda leu esta carta e sorriu-se. Foi ao seu bahu, examinou alguns objectos de valor offerecidos por A. Alves, e não teve coragem para lhos reenviar e desenganal-o. A perfida quiz mais uma vez enterrar as garras no coração da pomba. Escreveu-lhe: «Amor; o muito que me quer fez-lhe ver uma infamia onde só devia notar innocencia. Não amo ne-

nhum d'aquelles homens. Conhecidos da minha familia devia cumprimental-os; foi o que fiz. O meu coração hei de sempre conserval-o immaculado até ao dia dos jubilos infinitos. Sua até á morte...» Com esta carta entrou a alegria em casa de Tristão, acudiram-lhe á alma todas as foragidas esperanças. Dois mezes depois entrava Olinda em casa de Tristão, trazia na cabeça uma coroa de flores de laranjeira. Vinha da igreja em meio de um sequito apparatuso.

Nos dois primeiros annos de casada deram-se muitos bailes, viajou-se por todo o reino, trajou-se do melhor, gastou-se muito! Altamente se comprometteu a fortuna de Tristão. Olinda pediu um piano e um mestre; A. Alves sempre submisso aos caprichos de sua mulher nada lhe recusou; deixou-se dominar por ella. Escuso declarar-vos que Olinda nunca fechou as portas da sua casa e do seu coração a quem desejasse sacrificar nos seus altares. Imprudente e mal educada, pouco se lhe dava da opinião publica; e Tristão amava-a ainda como nos dias felizes! Passados quatro annos, Olinda mostrou desejos de estabelecer-se na capital. Tristão foi a Lisboa preparar todo o necessario, e voltou mais cedo do que tencionava. Com tres dias de ausencia já o coração lhe vinha ralado de saudades. Apenas chegou a casa quiz abraçar sua mulher. Precipitado entrou no quarto d'ella e viu... Ó inferno dos infernos! o thalamo conjugal prostituido por um estranho! Era o mestre de piano da sua Olinda! Tristão não pôde dizer uma palavra, articular um som. Sahiu, e nunca mais souberam d'elle nem vivo nem morto. Dizem que se suicidara. Olinda viveu algum tempo regalada com o musico até que a justiça, penhorando-lhe o restó de seus bens, a expulsou da casa da sua residencia.

Ao sair enterrou os pés em lodo, cada passo que ia dando, marcava uma escaleira para o abysmo. Alfim descansou, mas na enxerga do prostibulo. É a historia d'essa mulher que alem vêdes á porta, escondendo as lagrimas. O vaso de crystal assim quebrado ainda se vende por uma moeda de prata.

Coimbra 1866.

J. SIMÕES DIAS.

SONETO

S. L.

As doces illusões, que eu tanto amava,
Eil-as cahidas em profundo abysmo;
É chegado o tremendo paroxismo,
Que a bruxa d'olho máo prophetisava.

A voz trago sumida, a face cava,
De tanto que suspiro e choro e scismo,
Em vão lancei aos pés um sinapismo,
Cresceu a dor de ponto em furia brava.

Prostrou-me para sempre o teu despreso
No dia em que de cócoras, turbado,
Te disse d'este amor o verbo acceso.

O céo está sombrio e carregado!
Corro a metter no ventre um ferro tezo,
Cumpra-se enfim o desditoso fado!

JOÃO PENHA.

URNA QUEBRADA

I

Era um beijo d'amores,
Prenuncio de alvorada,
Um lyrio quasi a abrir-se
A minha doce amada.

O sol, novello d'oiro,
Em amoroso enleio
Andava a desdobrar-se-lhe
No dealbado seio.

E como a luz nascente
Nos vidros da janella,
Nascia me no intimo
O sol do amor por ella.

Ai! quem a vira, quando
A cabelleira escura,
Córrendo-lhe ao pescoço,
Volteando-lhe a cintura,

Lhe andava fluctuando
Em onda voluptuosa,
Quaes Zephiros inquietos
Em volta de uma rosa:

Ou quando ao fim da sesta
Aquelle anjo adorado
Compunha ao seu espelho
O longo penteado!

E a tumidez do seio,
Altar sem sacrificio,
Aonde não pousara
Um osculo de vicio?

Se a visseis, como eu vi
Na magica doídice
D'um langoroso olhar,
Dirieis, como eu disse:

«Quando contemplo, senhora,
Seus olhos encantadores,
Que a todos matam d'amores,
Se a vista 'nelles demora,

« Não sei, senhora, o que vejo,
Não sei que faça de mim,
Se deva calar-me enfim...
Se vos confesse um desejo!

« E porque não! A pobreza
Que passa as noites chorando
Não ha de sorrir-se quando
Vê ante si tal riqueza!

« E eu sou um pobre, bem sabe,
D'uns amores que eu não pinto,
Se bem que o amor que em mim sinto
No peito ja me não cabe!

« E eu bem sei que vós zombaes
Da minha sorte mofina,
Sem verdes que é minha sina
Morrer nos laços que armaes! »

Então, vê se te lembras,
Disseste me sorrindo
(Sorriso que parece
Alguna flor abrindo):

« Amor, quem n'elle espera,
Que errado que não vae!
O amor é como a cera
Que se desfaz n'um ai!

« É luz que mal se forma,
No extremo da paixão
P'ra logo se transforma
Em lavas do volcão.

« E quanto vai lavrando,
E dentro mais se ateia,
Venenos vão passando
Por uma e outra veia!

« Fugi, pois, d'essa febre;
Que eu d'ella bem me esquivo
Receando que me quebre
O encanto, em que ora vivo! »

II

Mas quem foje do amor, no amor tropeça,
Que n'elle tarde ou cedo cahir vae.
E quem por esquivar-se mais se apressa,
Mais depressa tambem na rede cae.

Ninguem jamais provou os seus carinhos
Que depois não provasse os dissabores;
Que é proprio haver na rosa seus espinhos,
Como haver a desgraça nos amores.

Se não fallem as lagrimas que vejo
Cahir-te pela face lisa e bella,
Se a ouvir me d'amor algum herpejo
Vens á tarde sentar-te na janella.

Cahiste como cae a mariposa
Na chama sem saber porque motivo.
Cahiste n'um abysmo, como a rosa
Na corrente de arroio fujitivo.

O amor vence a razão, vence e vontade,
A vontade que tudo manda e quer:
Pois sendo como eu digo, quem não ha de
Chorar nas tuas lagrimas, mulher?

s.

BOA PHILOSOPHIA

I

Indagar o principio das coisas, que são occultas á intelligencia humana; fazer acções extraordinarias, que pareçam fóra da natureza do homem; finalmente operar prodigios com o unico fim de procurar admiradores e proselitos nos seculos futuros: eis o que eu não quereria fazer.

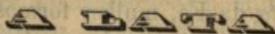
II

O homem d'uma virtude superior applica-se a seguir e percorrer inteiramente o caminho recto. Andar metade e desfalecer no meio; eis uma acção que eu não quereria imitar.

III

O homem d'uma virtude superior persevera naturalmente na pratica do meio igualmente distante dos extremos. Fugir ao mundo, não ser visto nem conhecido dos homens, e entretanto não receber d'elles alguma pena; eis o que só ao sancto é permittido.

Khounq-Fou-Tseu (CONFUCIO)



(FRAGMENTO)

38

Eu não sei que mais chore! se essa sede
De sangue insaciavel dos tyrannos
Ou se é a escravidão vossa que eu hei de
Antes chorar — oh! miseros humanos!
Que solimão vos deram?!... loucos!... vêde!..
Não vale a gloria, que vos faz ufanos,
Um pingo só de sangue, um só, vertido!
Um suspiro de mãe, um só gemido!

39

É do sangue e das mães que eu fallo; e certo...
Que ha na vida mais sancto? O sangue é vida,
É as mães a fonte d'ella! Eu nunca esperto
Esta lampada d'alma, suspendida
Na abobada eterna — e que tão perto
Parece ter a origem, que convida
A vel-a quasi... a vel-a, senão quando...
Vejo essa cara imagem suspirando.

40

Eu amo as mães; — seu nome é terno e doce!
Eu amo as mães; — nossa alma d'ella nasce!
Quem n'um collo de mãe cahiu... achou-se
D'um pulo aos pés de Deos! A alma pasce
Lyrios celestes, vendo-as!... E seccou-se,
Mirra-se, estanca-se, exauriu-se, esvae-se
Do casto e candido a sagrada fonte
Se ella no tumulo encostou a fronte!

41

Essa é a Virgem-Mãe — voz suavissima
D'esse cantico eterno — o Evangelho,
A virgem.. mãe... de Deos!!! Virgem purissima
« Cheia de graça e de justiça espelho »
Oh poesia!.. poesia *altissima*
Como o fecho do Empyreo!... Eu me ajoelho
E beijo a tua *base*, — hárpa celeste! —
O coração... a corda, que nos deste!

42

Em que labios se bebem mais delicias?
Em que face de virgem se desatam
Cachos mais puros d'intimas primicias,
Que nas que por dar a vida (a nós) se matam?!
Sempre a bem nosso, a nosso amor propicias,
Nas meninas dos olhos nos retratam,
E nunca premio vil, em paga, pedem
De quanto tanto d'alma nos concedem.

43

Vêde-a no berço... soffrega de vida,
Que a sua é pouca para dar ao filho!
Ella em cama d'espinhos, mal vestida,
Elle enfachado em berço de tomilho!
Ella, em continua, azafamada lida,
Elle, vendo se apanha a luz... o brilho!
...Já descobrindo em tão tenra idade
Que toda a sua sêde é de *verdade*.

44

Na *Cruz-Alta* da Fé, mulher formosa,
Se ante mim a meus pés desenrolasse
Como o demonio, a vastidão pasmosa,
Que elle dava a Jesus se o adorasse...
E me pedisse em troca uma só cousa
— Ás mãos de minha mãe furta a face —
Eu lançava-lhe o cuspo, — essa thesoura
Que em mil migalhas faz, a *Vacca-loura*.¹

JOÃO DE DEOS.

REVISTA

Começaram as aulas nocturnas para os membros da *Associação dos artistas* de Coimbra. Depois das fadigas do corpo, a cultura do espirito. É nobre e sancto. Só d'este modo é que as classes operarias podem occupar o logar de honra, que lhes assigna o pensamento social do seculo XIX. Escravos da ignorancia, victimas dos prejuizos, a instrucção despedaça-lhes as cadeias, que os agrilhoaram no passado; rehabilita-os; ennobrece-os.

Escravos, sim; Platão e Aristoteles não mentiram: se as trevas, que cercaram estes dois genios da antiguidade, lhes não deixaram perceber a verdade em todo o seu esplendor, ao menos, presentiram-n'á. Hoje como na idade media, como sempre, ha uma raça maldita, repellida pela sociedade, e parece que aban-

¹ A *vacca-loura* é um insecto repugnante, que a gente dos campos diz ser dilacerado pela saliya. Atribuem-lhe virtudes providenciaes, e por isso tambem dizem que ao pé, que o pisar, hão de cahir sete pellos.

donada por Deos. Hontem os seus filhos chamavam-se parias, ilotas, escravos e villões; mudaram os nomes, mas as instituições conservam-se. Os philantropos de theorica sentiram os nervos incommodados com a lembrança de todos os horrores, que aquelle hediondo passado suscitava: recorreram a um expediente facil; eliminaram-nos; proclamaram a egualdade das classes, e depois sorriram de satisfação ao ouvir os applausos da multidão. Mas, cautela!... não vades pedir-lhes um talher á sua mesa, um *fauteuil* em volta do seu fogão, um logar na sua carruagem, porque então a egualdade desaparece; o escravo resuscita.

Esta é que é a verdade. Vós, artistas, proletarios, sois os descendentes dos villões da idade-media, como elles o foram dos escravos de Roma, dos ilotas de Esparta, dos parias da India. Se vos chamarem os reis do seculo, diizei-lhes que mentem: ao Nazareno, ao vosso divino irmão, tambem deram uma purpura e uma corôa real antes de lhe humedecerem os labios sequiosos com a amargura do fel, e de lhe arrancarem a vida num supplicio de ignominia.

Não sois os reis do seculo; — deixae para outros essa triste gloria; — mas tendes um titulo mais nobre que esse que vos dão por irrisão, e que vos arrancam pressurosos, quando o quereis ver convertido em factos: sois os sacerdotes do futuro. A razão social travou a luta com os prejuizos do seculo: os loiros das primeiras batalhas pertencem-vos: — se ainda se passam diplomas de nobreza nas chancelarias officiaes, tambem ja se conquistam nos certames da industria, e nas lides da intelligencia; e estes registram-se no grande livro da historia. O combate ha de ser demorado; aprestai-vos na officina e na eschola: robustecei o corpo com o trabalho, educae o espirito com o estudo. Não recueis ante elle: não trepideis um momento: não vos illudae com elogios hypocritas, nem desanimeis com ultrajes indignos. Trabalhae e estudae; e um dia virá em que tambem podereis bradar — escravos do vicio! parasitas da humanidade, afastae-vos; para vós não ha logar no banquete social. EMYGDIO NAVARRO.

EXPEDIENTE

A ACADEMIA

SEMENARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica, n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre)... 600 réis

Provincias (por trimestre).. 650 réis

As assignaturas de Coimbra pagam-se mediante a entrega do competente recibo.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

O MARQUEZ DE POMBAL

Sua sciencia, politica e systema de administração — ideas liberaes que o dominavam — plano e primeiras tentativas democraticas —

(Fragmento d'um livro inédito.)

Antes de renovar a lembrança das nossas tentativas liberaes, e desenrolar as scenas da revolução reformadora, convidando o povo á grata recordação de factos gloriosos, que nos enobrecem, e immortalisaram o nome d'um principe e d'aquelles que, intrepidos e dedicados, pelearam a seu lado, para dar á patria e legar a seus filhos o precioso penhor da liberdade, — convem recordar o periodo da nossa historia, em que ella — a liberdade — escondida por detrás da armadura do despotismo, foi trazida á patria e arremessada para o meio de nós, com indizível coragem e nunca assás louvado empenho, por um dos homens mais eminentes do seculo XVIII, que por favor da Providencia e ventura nossa nasceu em Portugal.

Foi essa epocha o prologo fecundo das revoluções; foi esse homem o precursor admiravel do liberalismo!

Foi a primeira lucta dos opprimidos contra os despotas; a reacção social contra a reacção ultramontana; lucta na qual a liberdade pareceu succumbir, e deixar-se esmagar debaixo dos pés da aristocracia orgulhosa e da cleresia degenerada e prevertida, para mais tarde resurgir e erguer-se do mal soldado tumulo, vigorosa e ousada, e para cantar no dia do bem merecido triumpho o hymno da legitima victoria!

Não foram sómente os germens da civilização, despontando ao sol da renascença; a luz irradiada pela philosophia do seculo XVIII; o brado universal de 89; as armas de Napoleão I; nem o drama sanguinario de 1817, — que prepararam a revolução de 1820.

De longe, de mui longe se gravara em Portugal o espirito da liberdade e independencia. — Manifestara-se bem solemnemente na iniciativa popular em 1385; mais solemnemente ainda em 1640; arreigara-se d'um modo profundo e indestructivel durante a administração sabia e prudente d'um genio reformador, que lhe preparou o theatro de suas conquistas, e removeu os estorvos que lhe affrontavam e empeciam o caminho, por onde, mais tarde, devia deixar seu rastro luminoso!

XI

Em Portugal, como em França, a revolução reformadora teve os seus prophetas e apóstolos: e, para não fallar em muitos outros de mais circumscripção esphera e menor vulto, apontaremos apenas para o celebre e illustrado ministro de D. José I.

Quando Sebastião de Carvalho, por circumstancias, talvez imprevisas aos olhos do vulgo, importantes todavia, quando se perscrutam os designios de Deos no destino das nações e se estuda a sua acção divina sobre o mundo, appareceu á testa dos negocios do estado, assenhoreando-se da vontade do monarcha, concentrando em si todo o poder politico d'uma nação, abatendo a nobreza, reprimindo o clero e subjugando o povo, Portugal, como a França, era monopolio do rei, suzerano da corte de Roma, objecto de exploração para as duas ordens nobilitadas, orphão de patriotismo, pupillo de nações estranhas!

Principiava a arvore da *renascença* a produzir os seus fructos, e de sua frondosa copa já pendia sobre a cabeça do povo o pomo da liberdade; e sem que lhe aguardassem a queda, muitos espiritos elevados, intelligencias vastas, vontades firmes e perseverantes lhe haviam calculado as leis, e em harmonia com ellas traçado a mecanica politica do regimen constitucional; e distinguindo sómente entre o rei e o povo, não reconhecendo outras entidades sociaes, demonstraram a necessidade de abater o orgulho da nobreza e destruir a influencia do clero, elementos, então politicamente inuteis e até prejudiciaes a um tal systema!

XII

Era pleno seculo XVIII.

Bacon, Montesquieu, Rabelais, Bayle, Fontenelle, e outros, foram apenas a aurora do brilhante dia; Diderot, Alembert, Condorcet, e Rousseau animaram-lhe cada vez mais os raios luminosos; só esperavam por Voltaire, o astro da philosophia, por Mirabeau, o genio da politica, que, resumindo em si toda a sciencia, toda a energia do seu seculo, haviam de dar realidade e vida social ao sentimento e á idea revolucionaria!

Era o que de ha muito se previa e esperava!

É no seio d'esta atmospheria repassada da novos elementos, e impregnada de novos germens de vida, que o espirito de Sebastião de Carvalho e Mello cresceu, se desenvolveu e

preparou para vir a ser, o que na realidade foi, com grande applauso das nações, e de certo, com grande proveito nosso, se lograsse levar a cabo a regeneração politica, moral e economica do seu paiz, que tão habilmente emprehendera, e á qual miravam as vistas, eminentemente liberaes e patrioticas, do ministro de D. José.

«Cultor assiduo de todos aquelles estudos, que habilitam o homem para governar, já herdeiro do aperfeiçoamento de muitas sciencias e artes, que podem illustrar o mundo politico e determinar a prosperidade e engrandecimento dos povos, lendo e meditando constantemente todos esses livros economicos, politicos e financeiros, que no seu tempo inundavam a Europa,» ia dispondo o animo para entrar um dia afoito e lidar desassombradamente com os negocios da alta politica e da administração publica.

Tomara para modelo, escolhera para seus mestres, — Richelieu, Sully, Colbert, Lavois, Argenson, e as maximas, as memorias e os testamentos politicos d'estes grandes estadistas, a moral, a philosophia e todos os trabalhos scientificos dos encyclopedistas foram o thesouro, onde aquella intelligencia vasta, aquella espirito eminente, aquella vontade firme e energica se enriqueceram e auferiram luz e força, para produzir o que depois se viu e admirou.

XIII

Portugal era ainda no começo do reinado de D. José I o que a França principiara a ser desde o reinado de Luiz XV.

D. Pedro II e D. João V, fascinados pelo brilho deslumbrante e pelo apparatus tumultuoso da corte de Luiz XIV, fizeram d'este rei absoluto, libertino e folgazão o seu aperfeiçoado modelo, considerado, naquella tempo, e pelo partido retrogrado e fanatico, o prototypo da realza absoluta.

— Um, seguindo a sua politica e imitando o seu exemplo, lançou ao esquecimento as formas da antiga monarchia representativa; reprimindo a nobreza e o clero sem libertar o povo, preparou o absolutismo. — O outro, animado d'um espirito romanesco, dotado d'uma imaginação ardente, dominado por uma piedade exaggerada, ou especulando com uma calculada hypocrisia, imitou Luiz XIV nas suas vaidades, invejou-lhe a pompa e o esplendor da sua corte, satisfez os mais pueris caprichos e as mais levianas phantasias, nada sacrificou ao bem do povo, enriquecendo a curia romana, desfalcou o thesouro publico, enfraqueceu a agricultura e as artes, enervou o espirito e a actividade nacional, numa palavra — o rei fanatico.... fanatisou o povo!

Era mister levantar o edificio que, minado pela base, dobrava já ao peso de tantas pompas e magnificencias; o reino povoado de sumptuosos edificios, deslumbrante de pur-

pura e ouro, mas pobre de actividade e iniciativa, definhando á mingua de moralidade e instrucção, pendia já sobre o abysmo, que um luxo reprehensivel e uma ociosidade criminosa lhe tinham aberto pelas mãos do proprio rei, sempre e em tudo dirigido pela corte de Roma, dominado pelo clero e lisongeado pela nobreza.

XIV

Intelligencia esclarecida, genio perspicaz, espirito affeito ás grandes concepções, philosopho tão profundo como habil politico, o marquez de Pombal já previa, como Argenson, o antigo ministro de Luiz XV, que uma revolução, uma crise tempestuosa se avizinhava para tudo transformar e regenerar tudo, ou tudo perder.

A Europa agitava-se em seus fundamentos; havia uma especie de detonação, que impressionava os espiritos; estranhas convulsões *abalavam* o grande corpo social, como symptomas precursores d'um proximo terremoto moral e politico.

A anarchia popular caminhava para o seu termo fatal; o governo monarchico-absoluto, desacreditado em quasi todos os estados da Europa, desconhecido no Novo Mundo e declarado por muitos espiritos rectos o peor dos governos, esperava todos os dias a sua sentença de morte; a reacção philosophica, apoderando-se das intelligencias elevadas do seculo, ia-lhe preparando o supplicio no patibulo da opinião publica.

Os philosophos de Inglaterra e França trabalhavam fervorosos na *propaganda* liberal; as theorias de Bacon e Montesquieu tinham sido profundamente desenvolvidas e levadas até ás suas ultimas consequencias praticas.

A interferencia da Inglaterra, a sua acção politica, disfarçada debaixo da apparencia d'um grosso tracto commercial, influenciava, d'um modo energico e profundo, a situação moral e economica dos povos como as cruzadas, em nome de Deos e pela fé, produziram, no seu tempo, notavel transformação politica.

Um vento philosophico soprava já de Allemanha, já da Inglaterra, da America e da França, e murmurara aos ouvidos de muitos homens as palavras — *liberdade, emancipação, democracia, republicanismo* e outras, que bem significavam que não estava longe o momento em que o povo, senhor da sua vontade, conscio de sua força, reivindicasse os seus direitos, usurpados pela realza, ultrajados pelos nobres e absorvidos pelo clero.

Uma nova forma de governo existia já traçada na mente de muitas cabeças illustres.

As materias combustiveis, que se haviam de inflamar para accender a revolução, acervavam-se por toda a parte.

Alguma cousa de extraordinario e assom-

broso se preparava no laboratorio immenso da Europa.

Algun monumento, de sumptuosa fachada e maravilhosa architectura, mas já gasto pelo roçar dos tempos, ia desabar até aos alicerces.

Era a bastilha monarchica do absolutismo; era o capitolio jesuitico da theocracia, minados nos fundamentos, abalados na solidez!...

Finalmente as instituições, os poderes, os caracteres, as opiniões... tudo annunciava que a transformação estava imminente, e inevitavel e fatal devia operar-se por uma revolução geral e profunda!

XV

Filho do seculo XVIII, herdeiro da renascença, educado na philosophia e na politica dos encyclopedistas, admirador dos grandes estadistas da França, versado nas suas obras, e dominado pelas suas theorias, seguidor das suas maximas, e, para mais, iniciado na vida politica da Inglaterra, — Sebastião de Carvalho para logo viu os males, que affligiam o povo e degradavam a nação e que o unico remedio, que podia salvar-os, era — ou uma revolução popular, uma guerra civil tempestuosa e terrivel na sua acção, mas salutar e benefica nas suas consequencias; — ou a reforma pacifica e diplomatica das instituições.

Optou pelo segundo meio.

Como politico propoz-se o plano e as medidas de Richelieu, embora com outro fim e mirando a mui diverso resultado; como economista e financeiro esforçou-se por imitar o grande estadista Sully; discipulo de Quesnay aprendera com elle que é no solo que reside a principal fonte de riqueza e as materias primas de toda a produção; como Adam Smith não ignorava que só o trabalho pode arrancar á natureza os seus productos, e, transformando-os, fazel-os servir á satisfação das necessidades humanas, á prosperidade publica e á felicidade domestica.

Foi por isso que lhe mereceram particular attenção e desvelado esmero — a agricultura e a industria, as artes e os officios; que, arrancando o homem da abjecção que a miseria gera, da ociosidade que perverte, têm alem d'isso a singular virtude de emancipar o povo, entregando nas suas mãos, com o sceptro do trabalho, a realza politica.

(Continua)

EMYGDIO GARCIA.

Impossivel?

Cabeça louca! Nem já sei a hora,
Em que primeiro vi tua face linda,
Foi ao Sol posto, ou foi á luz da aurora,
Que o nosso amor nasceu, lembraste ainda?

Talvez num sonho, quando os anjos descem
D'azas brancas de prata ao nosso leito;
Talvez na hora sancta, em que adormecem
As penas todas no anciado peito!

Sei que te vi, mas quando pouco importa.
Do que me lembro sempre, e não me esqueço,
É do teu braço lindo, que supporta
Meu corpo, quando ás vezes desfalleço!

Pergunta lá, ó filha, aos altos seios,
Altar onde eu encosto a face triste,
Quando a mente revoa em devaneios,
E te lembraste da hora, em que me viste,

Se o meu suspiro ao teu suspiro voa,
Amor eterno em beijos murmurando,
Se a lagrima de fogo, que se escoo
Dos meus olhos, não vai aos teus chorando!

Ás vezes, quando choras, quem me dera
Ir com meus beijos enxugar-te a face,
Dizer-te na tua bocca «ó filha, espera!»
E talvez que o teu pranto assim findasse.

Depois lá, quando a noite vai em meio,
E a Lua se escondeu, silencio é tudo...
E eu com minhas mãos encontro o seio,
Teus seios altos, brancos, de velludo;

E a tua face meiga, enamorada
Sobre o meu braço tremulo se inclina,
Bem como a Lua ás vezes desmaiada
Parece adormecida na collina.

Depois um beijo teu, ó filha, um beijo
De teus labios gentis, folhas de um lyrio,
Folhas que eu sei abrir, mal que um desejo...
Ai! meu desejo, que infernal martyrio!

J. SIMÕES DIAS.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia
entre nós

III

O conhecimento da historia das obras de Aristoteles é absolutamente indispensavel a quem quizer ser justo para com as suas doutrinas. Uma proposição basta, repetidas vezes, para quebrar a eurythmia do mais perfeito systema, e quantas proposições de Aristoteles as avarias do tempo e as injurias dos homens não corromperiam?!

Este conhecimento historico supponho-o em quem ler.

É preciso distinguir entre fonte e origem das nossas ideas, e o methodo scientifico. É esta a parte por onde devem começar todas

as doutrinas philosophicas, e será tambem esta por onde devemos começar a exposição das doutrinas aristotelicas.

Admittiu o philosopho de Stagira como principal fonte dos nossos conhecimentos a experiencia sensivel, mas o seu sensualismo não se confunde, por forma alguma, com o materialismo e empirismo do seculo XVIII. As suas obras deparam-nos alguns textos em sentido contrario; mas o teor geral do systema reconhece os sentidos como vestibulo unico dos nossos conhecimentos. A formula escolastica a este respeito, foi sempre a confirmação d'esta ordem de ideas. E no *Tractado da Alma*, no capitulo oitavo do livro III, sustenta expressamente as mesmas doutrinas.

Reconhece, alem d'isto, a existencia das ideas universaes que por necessidade admite, e, difficilmente, podem entrar na integridade do seu systema.

Neste ponto as suas *Categorias* são uma prova inconcussa da sua penetração e talento. Reduziu-as a dez: substancia, quantidade, relação, qualidade, logar, tempo, situação, modo de ser, acção e paixão. A originalidade d'este trabalho não lhe pode ser disputada por Archytas, e com quanto haja muitas analogias entre as de Aristoteles e as categorias indianas, não é facil, por emquanto, discriminar o quanto d'este trabalho se deve attribuir ao genio inventivo de Aristoteles.

As categorias são as ordens typicas, dentro das quaes se distribuem as ideas, ou os seres. A importancia d'este ramo de estudos é capital, para que, penetrando na relação intima dos seres, possamos simplificar as sciencias encarando-as debaixo d'um ponto de vista unico, mas completo. O *Organon* de Aristoteles começa pelas categorias. As expressões de Aristoteles e os trabalhos dos commentadores concordam em ver nellas uma simples classificação fundamental de palavras. Estas são os signaes das coisas, o nosso entendimento as vê nellas, e por isso as categorias merecem uma consideração muito elevada. Aristoteles, ao contrario de Platão, não vê no universal a realidade individual e precaria, mas fundamenta nella as categorias. Como classificação das palavras deveram ellas preceder o *Perihermeneias*, como classificação das cousas exercem na *Metaphysica* uma influencia digna de notar-se.

A Historia apresenta-nos este trabalho diversamente modificado. Mas a antiguidade e a meia idade se limitaram a commentar as *Categorias* do filho de Nichomaco, cujo conteúdo deixamos exposto. Vem-se filiar neste livro de Aristoteles a questão ontologica dos Universaes, que noticiaremos em logar mais opportuno.

Em seguida a estas noções geraes e mais comprehensivas prosegue o *Organon* o exame da proposição e termo no *Perihermeneias*. As restantes partes do *Organon* se occupam da syl-

logistica tão minuciosamente e com tamanha mestria, que bem lhe cabem as honras de creador da Dialectica. Nos *Analyticos Anteriores* decompõe o syllogismo nas suas partes essenciaes para adquirir o conhecimento da sua exactidão e verdade: em seguida nos *Analyticos Posteriores* inquire as formas, os modos, as condições, segundo as quaes o syllogismo pode ser infallivelmente verdadeiro. Nos *Topicos* ensina se a materia do syllogismo é necessaria ou contingente, e, finalmente, nos *Sophismas* investiga o modo de conhecer todos os erros que podem macular a verdade e força d'esta argumentação. Estas doutrinas versam sobre o orgão, o instrumento de toda a sciencia. A materia, como vimos, devia ser subministrada pela experiencia. O caracter mais precisamente dogmatico de Aristoteles o fez aperfeiçoar tão primorosamente as leis do syllogismo regular e bem determinado, para que a força dos principios não soffresse na deducção, e as sciencias positivas e philosophicas se podessem gloriar do rigor das *Sciencias Exactas*.

Não se pode inferir do exposto que Aristoteles fosse o primeiro a reflectir sobre a maneira de unificar os conhecimentos em series, de os dilatar, e de os deduzir rigorosamente. Paulo Janet nos seus Estudos sobre esta materia, nos expõe, circumstanciadamente os trabalhos feitos neste genero até o grande mestre de Aristoteles, o divino Platão. No entretanto é forçoso reconhecer que os melhoramentos feitos pelo fundador do Lyceu são taes, e revelam tanta sagacidade no seu autor, que os trabalhos dos philosophos gregos anteriores em nada fazem desmerecer a gloria da intelligencia, que pôde realizar o *Organon*.

Ha um facto importante, que faz modificar o juizo até hoje formado dos philosophos gregos. Os thesoiros scientificos da India transformam muitas vezes em copia o que d'antes era tido na conta de original. Neste ponto alguns escriptores têm querido descobrir na India o conhecimento das formulas precisas, cuja determinação faz a gloria de Aristoteles¹. É certo, comtudo, que a gloria d'elle até hoje não soffreu, nesta parte, accusação digna de fé e bem fundamentada.

Na idade media serviu a dialectica para inutilisar a perspicacia de elevadas intelligencias. Deram-lhe uma importancia demasiada, em prejuizo do essencial, da materia dos conhecimentos e da sua fonte. Prepararam o instrumento, descuidaram-se, frequentes vezes, do fim que era destinado. Não imitaram o Stagirita, que terminados estes trabalhos os applicou ao estudo das sciencias.

J. J. LOPES PRAÇA.

¹ Introducção de G. Pauttier aos quatro Livros de *Philosophia Moral e Politica da China*.

BONS CONSELHOS

(NO ALBUM DE S. R.)

Ao demonio da ambição
 Não dê entrada no peito.
 Não sejas juiz eleito,
 Inda que o peça a nação.
 Se da guerra a convulsão
 A tua espada requer,
 Suba ao poder quem quizer,
 Faz pé atrás renitente,
 Que o prazer está sómente
 «No bom vinho e na mulher.»
 Não queiras sceptros de reis,
 Nem os pantufos do papa;
 Deixa os imperios no mappa,
 Foge de vis ouropeis.
 No mundo os grandes papeis
 Só trazem morte ou desgraça,
 «Emprega o tempo na caça
 Das Venus de facil preza,
 E nos delirios da meza
 Onde espuma a rubra taça.»
 Goze este em ser deputado,
 Ou ministro, ou regedor,
 Aquelle em ser trovador,
 Ou general celebrado...
 Mostra-te mais avisado,
 Do vinho, do amor só cura:
 «A vida só brilha e dura
 Como a luz do perillampo:
 Do prazer o estreito campo
 Não transponhas com loucura.»

JOÃO DE PENHA.

A LIBERDADE E O MONOPOLIO

Na emissão da moeda fiduciaria

III

Contradictorio com os principios economicos, offensivo á dignidade humana, o monopolio do credito constitue ainda uma incoherencia na sua applicação aos bancos de circulação. Os defensores de tão absurdo systema trepidam perante os corollarios da sua doutrina: param em meio caminho: não podem; estabelecido um principio, forçoso é segui-lo em todas as suas legitimas consequencias.

O *Estado* concede plena liberdade na emissão de letras de cambio — promessas a praso, transmissiveis por indosso, e monopoliza a emissão das notas de banco — promessas de pagamento á vista e ao portador. Que motivos determinam esta distincção? Por ventura o fundamento das letras de cambio não é o mesmo que o das notas de banco? Acaso ha dois *creditos*, de cuja diversa natureza se de-

duzem principios diversos, e diversos direitos? Oigamos um dos mais acerrimos adversarios da pluridade de bancos:¹

«Si les billets á vue et au porteur ne circulaient, comme les autres effets de commerce, que dans un petit nombre de mains, si leur transmission pouvait être précédée d'un examen détaillé et accompagné d'une garantie du cedant au cessionnaire, les pouvoirs publics n'auraient pas á intervenir pour les régler: ce serait le cas de laisser faire, laisser passer.»

«.....»
 «La transmission des billets de banque ne constitue pas une affaire commerciale, c'est une simple acte de la vie usuelle, que chacun accomplit sans y réfléchir, sans étudier la valeur du billet, sans demander une garantie, presque sans regarder les billets de banque, dont l'apparence générale gravée dans la mémoire de chacun, suffit á presque tous ceux, qui en font usage.»

Esta resposta é a condemnação do monopolio bancario; resume eloquentemente todos os inconvenientes d'este systema.

Segundo Coulet o supremo ideal na circulação fiduciaria consiste em que as notas cursem no mercado sem previo exame do seu valor e da sua solvabilidade. O credito é a confiança: a confiança concede-se depois de reconhecida a garantia, que a firma: não importa: as conveniencias, as necessidades mesmo do mercado exigem a moeda-papel: se não ha onde melhor escolher, acceta-se o que o *Estado* concede: e como as notas se recebem sem reflectir, *sem estudar o seu valôr, sem reclamar uma garantia, comparando apenas a sua apparencia geral com o modelo estereotypado na memoria*, o *Estado* enterrará a seu bel-prazer as garras nos depositos metallicos, os bancos abalançar-se-hão ás mais ruinosas emprezas, e milhares de fortunas serão d'este modo reduzidas a pó, sem que os seus possuidores possam accautelar-se da ruina. Este ideal é pouco mais ou menos o systema de *Law*: o que elle vale já o pode dizer a historia.

Deixando para mais adiante a analyse circumstanciada d'estes inconvenientes, notaremos o nenhum fundamento da distincção, para a materia sujeita, entre letras de cambio, e notas de banco. As letras de cambio, como as notas de banco tem por base de emissão a confiança: por norma reguladora do seu curso, o exame das garantias, que offerecem. Como papeis de credito representam uma promessa de pagamento: — á vista ou a prazo, ao portador ou o indosso, pouco importa. A sua natureza é a mesma: o seu titulo justificativo o mesmo é; reside no direito

¹ P. — J. — Coulet — Études sur la circul. monet. Paris 1865 — pag. 80—81,

ao credito, que a todos assiste por que a illustração e a moralidade são qualidades, que ninguem pode attribuir-se exclusivamente. O Estado não póde monopolisar a emissão de notas como não póde monopolisar a emissão de letras de cambio. Mais ainda; as notas de banco são meios de circulação fiduciaria incomparavelmente mais perfeitos que as letras de cambio: o reconhecimento da liberdade de emissão d'estas não compensa o monopolio d'aquellas.

O que diriamos se um kan da Tartaria prohibisse aos seus subditos o livre exercicio das pernas, permittindo-lhes apenas o andar de muletas e com os olhos vendados? Lamentariamos o infortunio de um povo, sujeito aos caprichos de um tyranno extravagante. Pois bem; o Estado, monopolisado da emissão de notas, é a kan da Tartaria; despota sem criterio, construe uma ou duas janelas em que encerra o credito; fora d'ellas só lhe permite o exercicio com as muletas do praso e indosso.

Que exactidão de principios! Que harmonia de systema! EMYGDIO NAVARRO.

Continua

SEGREDOS Á BEIRA MAR

AO MEU AMIGO

Lopo Vaz de Sampaio e Mello

JULIA

I

Nasceste em primavera de sorrisos
Em perfumes e rosas embalada:
Entre cantos d'amor, nasceste ó bella,
Como a luz ao raiar d'uma alvorada!

O Sol da cor do oiro em mil toucados
Depoz seus raios lindos na tua fronte:
E a Lua mal te vira da montanha
Baixou de pejo a face no horisonte!

Ai minha Julia, minha estrella d'alva,
Astro que brilha irradiando amor,
Deusa que eu vira 'nuns aereos sonhos
Quem te ha fanado, minha pobre flor?

Quem nesses labios derramou venenos
Quem te ha partido na garganta a voz,
Quem foi ó pomba que abraçar-te veio
Pra despenhar-te 'num abysmo atroz!

Quem foi que te levára o sentimento
Qual lava assoladora que passou?
E um provir de encantos esmaltado
Que vento na aza negra te levou?

FERREIRA DE FREITAS.

Continua

A Lavadeira

Sonhando contigo,
Fartei-me d'amores;
Sorvi teus aromas
Beijeí tuas flores
Pousando a cabeça
No teu avental,
E tu, pequenina,
Sorrias, mais bella
Que os cravos e lirios
Que tens á janella
Nos lucidos vasos
D'argenteo crystal!

II

Que linda não eras!
Que olhar feiteceiro!
Á beira das aguas
Teu rosto fagueiro,
Teu corpo engraçado
No tanque a mirar,
Par'cias no garbo
Gentil, namorado,
Qual moura encantada
Que em dias de estio
Nas aguas do rio
Se vem retratar.

III

Assim distrahida,
Sorrindo e scismando,
Mirando-te n'agua,
Volvias cantando
Mimosas cantigas
Com fervido ardor;
Mas quando avistavas
Alguem espreitando
Suspiros que davas,
De subito ás faces
Coradas, vivaces,
Te vinha o rubor;
E muda ficavas,
E logo deixavas
As notas em meio
D'essa aria d'amor!

IV

Ai! vi-te á noitinha
Lavando as anaguas
Nas lucidas aguas
Que perolas imitam
Que pulam, saltitam.
Em gotas ao ar.
E o seio? pulsando
Pulsando apressado,
Com ancia, cansado
Coutinuo a arfar...
Senhor, dera a vida;

Que eu tive desejos,
Que em fogo mil beijos
Só podem matar!

V

E amei-te esses labios
Cantando baixinho,
Depois esse arminho
Das alvas cambraias,
Roupinhas e saias,*
E brancas anaguas
Lavando nas aguas
Nas aguas assim..
E ainda esses olhos,
Tam negros tam vivos,
Os vejo lascivos
Pregados em mim!

S.

O Libertino

(NO LUPANAR)

Por essa porta entrei, subi a escada,
Esfarrapado venho á vossa festa;
Pouco dinheiro trago, um quasi nada,
Eil-o aqui todo; é tudo o que me resta.

Ao som d'este metal, uns quadros vivos,
Como espectros de horror surgem da campã!
Surgi tambem do leito, anjos captivos,
Tripudia!.. O Inferno aqui se estampa.

Ó prostibulo, irmão e pae do vicio!
Ó vendeiras do amor, sou vicioso!
Dos vossos braços lindos o cilicio
Rasgue-me o seio, mate-me de gozo!

Seja o primeiro que provei na vida,
Embora o extremo que da vida levo.
Esta sorte final quero-a perdida;
Se ella perdida for, pago o que devo!

Abre lá o teu seio aos meus anhelos,
Esconde esta cabeça em teu regaço,
Ao pescoço me lança os teus cabellos,
Prende o meu corpo n'um eterno abraço.

Desmaia como a rosa das campinas,
Nos meus braços desmaia, ó rosa pura;
Roubem-te a cor ás faces purpurinas
Meus beijos sequiosos de ventura.

Não te rias de mim, loira pequena;
Que tu não sabes que tormento é o meu!
Tu não sabes, mulher, o que é ter pena
Do primeiro amor que nos morreu!

Dizes bem, Messalina, quem não goza
Não sabe o mal que faz, se a vida é breve!
Ai! a minha é tão longa e tão penosa,
E não haver um vento que m'a leve!

Põe aqui o teu braço.. canta agora;
Desmancha esse cabello, assim... assim..
O teu rosto, mulher, tambem descora!..
Quem to faz descorar, alvo jasmim?

Um beijo, um beijo só... mas quanto custa
No teu mercado um beijo? Diz, mulher!
Tu não fallas!.. aqui tudo se ajusta,
Paga-se á vista aquillo que eu dever!

Então tudo a chorar! causa-me espanto!
Tambem vós tendes pena! continuae;
Eu quero ver d'aqui, posto a um canto
Cada folha de rosa, que vos cae!

Porto — 1866.

S. DA CONCEIÇÃO.

REVISTA

Representou-se no theatro academico a tragedia *Maria Stuart*, original de Schiller, imitação pelo sr. Mendes Leal.

Estamos em pleno seculo XVI.

A escuridão é medonha: o ar, que se respira, suffoca; parece que as fornalhas do inferno vomitaram sobre a Europa turbilhões de fumo. Dirieis ser a negra cerração do cahos, se vos não chegasse aos ouvidos um murmuro surdo, indefinivel, semelhante ao rugir dos vagalhões em furia estoirando contra os rochedos da praia. Escutae: é um concerto de feras; percebe-se o bramir do tigre salteando a preza; sente-se o cheiro morno do sangue, que mana em torrentes; ouvem-se os gemidos das victimas, que se revolvem nas convulsões d'uma agonia excruciante. É uma noite de horrores; o espirito revôa aturdido, cahe, roja-se para fugir-lhe, para aspirar a vida e a luz.

As trevas dissipam-se por intervallos; ao lugubre clarão das fogueiras, aticadas pelo fanatismo descobrem-se uns vultos negros entrecruzando-se num mundo de torpezas. São as orgias de João Huss, são as austeridades sanguinolentas de Luthero e Calvino, são as cruces vermelhas da terrivel noite de S. Bartholomeu, as infamias sacrilegas de Henrique VIII, os prazeres infernaes de Philippe II. É a impiedade brutal, o assassinato infame, o adulterio escandaloso, o parricidio hediondo, a bacchanal torpissima. É n'este immenso lodaçal revolvem-se reis e povos, principes da terra e da Egreja. A Europa figura um vasto lupanar.

É no meio d'este lugubre quadro, que apparece a figura de *Maria Stuart*, Rainha d'Escocia. Foi parenta de reis; intimos laços de sangue á prendiam a Henrique VIII o carrasco de Anna Boleyn, a Philippe II, o demonio do meio dia, ao Cardeal de Lorena, e duque de Guise, os auctores do monstruoso attentado, que se chama *a noite de S. Bartholomeu*. Os laços de sangue são uns laços singulares; ex-

plicam muitos factos, que d'outro modo seriam incompreensíveis.

Maria Stuart nasceu a 5 de dezembro de 1542; a reforma começara então a estender-se pela Europa, e os principes catholicos fervorosos defensores da fé, oppunham ao seu progresso muralhas de fogo e lagos de sangue. A mãe de *Maria Stuart* odiava os reformistas: era irmã dos Guises. Queria sua filha educada nos purissimos principios da sua fé politica e religiosa; mandou-a educar na corte de França. Aquella princeza respondeu a uns deputados, que reclamavam o cumprimento de certas promessas — só deve confiar-se nas promessas dos principes, quando ellas são conformes com os seus interesses — A corte de França era boa eschola de taes maximas.

Maria Stuart aos 18 annos casou com o *Delfim*, que ao depois se chamou Francisco II: rainha d'Escocia, foi tambem rainha de França, e ainda não satisfeita pretendeu arrancar á filha d'Anna de Boleyn a corôa, com que o povo inglez lhe ornara a frente. Izabel era tida como illegitima pelas potencias catholicas, porque a Igreja não validara o segundo casamento de Henrique VIII. *Maria Stuart* juntou aos seus dois titulos o de rainha d'Inglaterra. Pagou com a vida o vaidoso atrevimento.

Depois da morte de Francisco II, em 1561, *Maria Stuart* voltou á Escocia. Levou o peito retalhado de saudades, como ella diz nuns versos, que escreveu por essa occasião. Os costumes severos dos puritanos escocезes não se casavam com as licenças da côrte de França: para não morrer de tedio levou comsigo uma camarilha de elegantes fidalgos; entre estes ia Damville, filho mais velho do condestavel de Montmorency. Foi o seu primeiro amante: dos que teve em França não resa a historia, porque factos, alli tão vulgares, não mereciam menção especial. O escandalo tomou taes proporções, que os fidalgos francezes foram obrigados a retirar-se da corte d'Edimburgo. O povo escocез ainda não estava acostumado a taes espetaculos.

Ficou ainda um fidalgo, Chastelard, encarregado de servir de medianeiro nos amores, que a indignação do parlamento quebrara tão violentamente. Chastelard esqueceu-se do amigo para cuidar de si; encontraram-no escondido sob o leito de *Maria Stuart*. Foi decapitado.

Por esta occasião appareceram varios pretendentes á mão da rainha d'Escocia; distinguia ella com particular affeição ao conde de Leicester; o amante d'Izabel d'Inglaterra rejeitou a sua mão. *Maria Stuart* casou então com seu primo Roberto Darnley.

Aqui fallam as chronicas d'um certo David Rizzio; Darnley desembarçou-se do italiano com uma boa punhalada, que o estendeu morto diante dos proprios olhos da rainha. Rizzio teve em breve um successor; foi o conde de Bothwell.

O rei d'Escocia era um pouco brutal, e o amante de *Maria Stuart* era docil e carinhoso como todos os amantes: occorreu a ambos a idéa d'uma substituição vantajosa. Darnley adoeceu em Glasgow; *Maria Stuart* attrahiu-o a Edimburgo com meiguices de mulher extremosa, velou muitas vezes até deshoras á cabeceira do seu querido doente, e uma noite depois de ternas despedidas, dulcificadas pela esperança de proximos enlevos, rebenta uma explosão, e o infeliz Darnley fica sepultado sob as ruinas do edificio. *Maria Stuart* tinha tido o cuidado de alojar seu marido fóra do paço real, em que habitava.

A voz do povo attribuiu a catastrophe a um crime premeditado entre a rainha e o seu amante. Fizeram-se emmudecer as suspeitas: o conde de Bothwell é elevado a duque d'Orkney; rapta *Maria Stuart*, e para remediar o escandalo, casa com ella, depois de se ter divorciado com sua mulher. Foi o terceiro marido da rainha d'Escocia.

Isto é horrivel, mas é verdade. A poesia, seduzida pela belleza deslumbrante de *Maria Stuart*, pelas graças do seu espirito e pelo seu fim tragico, pode requerer para ella a piedade devida aos grandes infortunios. A historia, porem, é inflexivel; dá o desprezo a quem o merece.

A immensidade da torpeza fez rebentar a indignação popular, por tanto tempo repressa. *Maria Stuart* é obrigada a abdicar em seu filho; e depois de varias peripecias, abandonada por seu marido, perseguida pelos seus vasallos, teve de acolher-se á protecção da sua mortal inimiga, a rainha Izabel. É este ultimo quadro da vida de *Maria Stuart*, a que se refere a tragedia de *Schiller*.

Chegada a Inglaterra, foi encarcerada, e accusada da morte de seu marido; depois de 18 annos de captiveiro e em consequencia d'uma tentativa de assassinato contra Izabel, *Maria Stuart* foi decapitada numa das salas do Castello de Fotheringay; só ao terceiro golpe é que a cabeça lhe foi separada do tronco.

Izabel foi uma grande rainha; foi por vezes um grande rei; aprendeu a arte de governar na eschola da adversidade. Mas era filha de Henrique VIII, e era mulher; tinha todos os defeitos do sexo, e parte dos vicios do pac. Inimiga de *Maria Stuart* como mulher, como amante, e como rainha, turturou-a por espaço de 18 annos, e foi com lagrimas hypocritas que assignou a sua sentença de morte.

A *Maria Stuart* repete-se hoje; fallarei do seu desempenho na Revista seguinte.

15 de Dezembro EMYGDIO NAVARRO.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

O MARQUEZ DE POMBAL

Sua sciencia, politica e systema de administração — ideas liberaes, que o dominavam — plano e primeiras tentativas democraticas.

(Fragmento d'um livro inedito.)

Continuado de pag. 49.

XVI

Sebastião de Carvalho compenetrado, como discípulo fervoroso, das ideas philosophicas, politicas e economicas, que a França espalhava por toda a Europa, comprehendia bem o estado de fermentação revolucionaria, em que por toda ella se agitavam os animos.

« Uma revolução é sempre um mal » pensava elle « uma enfermidade, que, só depois de longa e angustiosa convalescença, dá ao corpo social, martyrisado, vigor e robustez. »

A elevação do seu espirito, a nobreza de seu caracter, a vastidão de seus talentos, a energia de sua vontade inabalavel, o estimulo de suas legitimas ambições, o empenho na realisação d'um plano immenso, profundo e salutar de regeneração e progresso para a sua patria, só esperavam oportunidade para se mostrarem e desenvolverem d'um modo util ao povo e ao seu paiz, glorioso para elle e para o rei, em nome do qual devia progredir affanoso na tarefa reformadora, que ousadamente apprehendera!

XVII

O estado lamentavel de quasi completa desorganisação, em que Portugal de ha muito se debatia; a oppressão, que sobre nós exerciam algumas côrtes estrangeiras, nomeadamente a d'Inglaterra, que de Portugal havia feito não só pupillo, mas vassallo obediente, dirigindo-nos a politica, exaurindo-nos as fontes de toda a vida economica, dominando em todos os nossos portos, explorando as nossas colonias occidentaes e obrigando-nos a votar a um quasi completo abandono as ricas possessões do oriente, fingindo manter em *equilibrio* a nossa independencia nacional, e opprimindo-nos como povo conquistado, — eram motivos fortes para determinar o animo e despertar o desejo de lhes dar remedio, quebrar aquelle jugo funestissimo, ou pelo menos attenuar as suas desastrosas consequencias, que de dia para dia se iam agravando!

N.º 4

XVIII

O abandono da agricultura, o desprezo pelas artes, e insignificantissimo tracto commercial; um governo monarchico, sem prestigio, um throno esplendido sem solidez; o jesuitismo e a nobreza lisongeando os reis, fanatizando o povo e especulando com a sua exaggerada piedade, dominando e opprimindo, gozando sem trabalho, adquirindo por meio de sucessivas usurpações, accumulando sem esforço; o luxo e a immoralidade nuns, a miseria e a degradação para outros... tal era a situação perigosa e assustadora, o triste espectáculo, que a nação offerencia, quando o marquez de Pombal appareceu na scena publica e concebeu o arriscado, mas grandioso projecto da sua emancipação, restabelecimento e progresso!

XIX

Valendo-se, por um bem combinado calculo, da protecção, que desde muito tempo lhe dispensava a viuva de D. João V, e da docilidade e benevolencia de D. José I, (que de seu paiz havia recebido uma mediocre e superficial educação, sendo por natureza debil em forças e talentos) não perdeu a primeira occasião que lhe pareceu opportuna, para, aproveitando o favor e a confiança do rei, salvar o seu paiz, reivindicar a independencia da nação, dar a liberdade ao povo, illustrar o reinado de D. José e eternizar o seu nome.

Foi o seu governo um dos periodos mais gloriosos da nossa historia!

Foi Sebastião de Carvalho um dos maiores vultos do seculo XVIII!

Foi então que se travou no meio de nós a primeira lucta da *reacção* com a liberdade!

XX

Entre os grandes genios, fadados para ousados commettimentos, entre os ministros energeticos em apprehender e vigorosos em executar, não ha nenhum que se lhe avantege, nenhum que, em menos tempo, mais se distinguisse, maiores beneficios prodigalisasse ao povo e mais gloria alcançasse ao rei:

- Restaurou a disciplina militar.
- Fortificou as praças d'armas.
- Renovou a marinha.
- Reanimou a agricultura.

1866

— Restaurou e desenvolveu as artes, de todo esquecidas, e vivificou o commercio moribundo.

— Restabeleceu e firmou o credito publico, e organisou as finanças.

— Reformou e ampliou os estudos superiores segundo os progressos litterarios e scientificos do seculo.

— Abriu as portas da instrucção popular, fechadas pelo jesuitismo, áquelles que durante seculos haviam sido condemnados ás trevas da ignorancia e da superstição.

— Instituiu mais de oitocentas escholas gratuitas para o ensino primario.

— Creou e dotou collegios, escholas secundarias e profissionaes para o commercio e outras industrias.

— Diminuiu as prerogativas, cerceou os privilegios e abateu o orgulho da nobreza.

— Tentou apagar odios de raças e extinguir luctas de crenças religiosas.

— Abriu caminho amplo á confusão das classes e á egualdade perante a lei.

— Tornou livres os indigenas do Brazil; levantou barreiras ao trafico infame e degradante da escravatura.

— Reprimiu as despoticas exigencias e a preponderancia orgulhosa da *insaciavel* Inglaterra.

— Frustrou os planos ambiciosos da Hespanha.

— Celebrou tractados politicos e commercias com muitas nações da Europa, e com outras o pacto da nossa independencia e dignidade nacional.

— Fundou e organisou companhias de commercio e industria, para reanimar as nossas colonias, ou de todo abandonadas, ou preza da cubiça de estranhos especuladores.

— Restringiu o tremendo poder da inquisição e proscreeu os autos de fé.

— Dobrou e venceu a preponderancia pontificia e refreou, por vezes, a cholera do Vaticano, apontando ao papa os limites onde devia expirar o seu poder temporal e politico.....

Finalmente o marquez de Pombal, usando da oppressão e da tyrannia, empregando o terror e o despostismo, mirava á grande transformação social, que na França se operou depois; preparava pacifica e diplomaticamente o que ella só pôde alcançar por meio d'uma conflagração geral, e entregando-se louca e desvairada a todos os excessos, a todos os horrores da guerra civil, á guilhotina e ás barricadas, com que immolava os seus proprios filhos e assolava as cidades, as villas e os campos, ou ensanguentados pelos combates fratricidas ou entregues á voracidade das chammas, á pilhagem e á carnificina!...

XXI

Não recuou o marquez de Pombal, porque o julgou necessario e de maravilhoso effeito

para libertar o povo diante do cadafalso, levantado para nelle rolaem algumas cabeças nobres.

Não tremeu o marquez de Pombal, quando lavrou o decreto que expulsava os jesuitas: pois com tão rasgada medida não só beneficiou Portugal, mas a Europa inteira e o Novo Mundo; com este acto de sabia politica quebrava as cadeias, com que os *padres da companhia* amarravam as consciencias ao poste d'uma fé convencional, limpava o corpo social da lepra da superstição e do fanatismo, que rapidamente se propagava e desinvolvia por toda aparte onde penetrava o morbido contagio da roupeta dos *mãos e falsos companheiros* de Jesus!

São para alguns estes dous factos dous grandes e exércandos crimes, para outros duas louvaveis virtudes, para nós — dura necessidade, consequencia *forçada* na realisação d'um plano salutar e benefico.

A nobreza e o jesuitismo eram, naquella epocha, os obstaculos gigantes, que se oppunham ao estabelecimento da liberdade.

A nobreza e o jesuitismo, desherdando, espoliando o povo de tudo o que podia tornalo livre e independente, disputando o poder, a influencia e a preponderancia monarchica, eram estorvo invencivel ao systema representativo, á adopção e reconhecimento legal das garantias constitucionaes e das prerogativas da coroa, que a philosophia politica do seculo, as necessidades do tempo e o exemplo da Inglaterra instantemente reclamavam, e cujo disco luminoso começava já a brilhar nos horisontes do futuro em muitos estados da Europa.

XXII

Homem, talvez, o mais liberal do seculo XVIII, o marquez de Pombal, queria a liberdade para o seu paiz e para o povo, como a primeira fonte de engrandecimento e prosperidade nacional; o marquez de Pombal não phantasiava theorias politicas nem traçava systemas philosophicos, não escrevia pungentes ironias e asperos epigrammas; não defendia e exaltava o protestantismo, para censurar e maldizer a igreja catholica; não persuadia a revolta nem excitava os povos á pilhagem e á carnificina..... concebia medidas uteis e prudentes, e executava-as conforme as circumstancias imperiosamente o exigiam.

A regeneração intima e essencial dos homens e das instituições, e não a organização formal e superficial do systema governativo, foi o seu firme proposito, objecto constante de sua actividade e desvelo, embora para o conseguir fosse necessario dominar o soberano, opprimir e desacreditar os nobres, desprestigiá-lo e abater o clero.

Tinha por ventura o Soberano força, energia, firmeza de vontade, sciencia e coragem para salvar a nação e o povo e detel-o á beira

do abysmo, que de dia para dia lhe cavavam profundo mil causas de ruina?!

Seria bastante robusto o seu braço, poderoso o seu sceptro de ouro, valiosos os diamantes da sua coroa, para poupal-os ao choque revolucionario, que de perto e ao longe se presentia, e que em breve devia abalar a Europa inteira, já consideravelmente agitada pelas pulsações, que acceleradas e violentas se succediam no coração da França e que a faziam estremecer até ás suas mais affastadas extremidades?!

Qual teria sido o destino do pequeno e então pobre e humilde Portugal, se o não houvessem preparado e premunido para resistir á onda revolucionaria, que mais tarde lhe devia passar por sobre as quinas e inundar os seus castellos?!

Existiria hoje Portugal, como nacionalidade e paiz *independente*, se lhe não houvessem dado, annos antes, força e coragem, recursos e patriotismo, para não succumbir abatido ante as armas victoriosas do moderno Cesar, que debaixo da forma de despotismo e tyrannia, da invasão e da conquista, contra a sua vontade talvez, ou, melhor ainda, sem o presentir, fazia com a ponta da espada e com a bocca de seus mil canhões a propaganda liberal?!...

Napoleão! que a providencia parece haver lançado no meio das ruinas, a que a revolução de 1789 tinha reduzido a Europa, para levantar sobre os destroços do despotismo o dominio salutar e benefico da liberdade!

Os elementos corrompidos, que constituíam uma civilização, já caduca, enferma e quasi moribunda, foram por ultimo triturados, dissolvidos pela acção candente do vulcão revolucionario, que tinha por principal reagente a liberdade.

A desagregação molecular, se assim é licito dizel-o, do monstruoso cadaver do feudalismo, da theocracia e da realza absoluta, operou-se d'um modo geral e completo no violento e vigoroso impulso, que a força soberana do povo havia desenvolvido.

Familia, patriotismo, cohesão e unidade nacional e politica, religião, amor da dignidade, nobreza de sentimentos, elevação de ideas, aspirações de gloria e a propria liberdade... tudo havia desaparecido, abysmando-se em completa desordem e anarchia, na immensa cratera, que a espantosa erupção revolucionaria acabava de rasgar no seio da França.

O imperio, a concentração, o despotismo, a tyrannia das armas, os estragos apparentes da conquista, as invasões ambiciosas d'um homem e do seu numeroso exercito, despertaram e desenvolveram por toda a parte uma nova força de cohesão e afinidade, para reunir os fragmentos dispersos, e dar ao corpo dilacerado consistencia e unidade por meio d'um

novo arranjo politico, religioso, moral e economico, que lhe assegurasse a existencia e uma vida regenerada e pura.

Do embate de duas forças contrarias, mas tendentes e susceptiveis de formar um dia o *equilibrio*—da acção *descentralisadora* da republica e da acção *concentradora* do imperio, devia mais uma vez resultar a *harmonia*!

Com a bayoneta e com a espada levava o soldado do imperio o terror e o espanto ao seio das familias nas terras, que invadia e conquistava—era o instrumento material e automatico do despotismo.

Com a palavra, junto do lar domestico e rodeado d'essa familia, que o recebia ao mesmo tempo como inimigo e como hospede, narrava os feitos gloriosos da revolução, expunha o seu plano, traçava as suas reformas, bemdizia os seus beneficios, exaltava as suas doutrinas, applaudia o seu triumpho—era o apostolo fervoroso da liberdade, o discipulo intelligente e livre da eschola de 89.

A Constituinte tinha-lhe dominado a intelligencia e o coração; Bonaparte recrutara-lhe apenas os braços e a força muscular.

Aquella apontou-lhe para o sol da liberdade e dava-lhe como premio a emancipação: este descobria-lhe o horizonte luminoso da gloria e promettia-lhe a coroa de vencedor.

Estas duas forças, ambas poderosas, ambas intrepidas e inflexiveis na lucta, quasi sempre terminam por transigir... Se uma convence e domina, a outra seduz e arrasta, e ás vezes a razão e a consciencia humilham-se ante as ambições mesquinhas dos homens...

Foi por isso que ao vulto heroico do soldado imperial seguia por toda a parte, pelo menos, a sombra do revolucionario de 89.

Mas larguemos o incidente, para onde nos arremessaram ideas associadas, e volvamos ao nosso primeiro e principal assumpto.

EMYGDIO GARCIA.

(Continua)

LACRYMAE BERUM

I

Eu venho a sós contigo, ó noite escura,
No teu seio chorar minha tristeza;
Que só no meu chorar tenho ventura!

Dos destinos humanos na incerteza
Minha alma passa a noite e passa o dia,
Sem conhecer a cruz, a que anda presa!

Nem sei mesmo se ao fim desta agonia,
Quando á luz do Senhor se abrir meu peito,
Minha alma poderá ter alegria!

Tal é a triste sina, a que ando affeito,
Que não sei se é de vivo se é de morto
O riso que apresento contrafeito!

Quando ás vezes me lanço do meu horto
Ao ruidoso affan, que o mundo agita,
Então é que eu mais sinto o desconforto!

Desgraçada celeuma estruge e grita
Em lobrego naufragio... e os seus olhares
Não alcançam a luz, que alem crepita...

Tambem eu lanço os olhos pelos mares,
A ver se vejo o porto desejado,
Onde acabem comigo os meus pezares!

E a estrella que ora vejo em céu nublado,
Se eu me ponho a fitar os olhos nella,
Em trevas de repente se ha mudado!

Como foge do rosto da donzella
A cor, se algum segredo a traz doente,
Assim me foge a mim a esperança bella!

Assim foge o murmurio da corrente,
Ou em noites de horrivel tempestade
A fugitiva luz do raio ardente!

Coitado de quem vive na orphandade
C'os olhos razos d'agua e a sepultura
Sempre aberta a lembrar a Eternidade!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

II

Por mais que eu erga a mãos e a Deos imploro
Que os olhos ponha em mim, e o meu flagicio
O acabe depressa, ou o minore,

É sempre o pezadello do supplicio,
O circulo de ferro, que me aperta
Os espinhos agudos do cilicio!

E eu creio firme em Deos. Na vida incerta
Que seria de nós, se elle não fora
A nossa esp'rança, a nossa estrada aberta?

Eu creio em Deos; que o vejo a toda a hora
Ou comece a cahir dos altos montes
A noite, ou a apparecer a linda aurora!

Ou comecem chorando as tristes fontes
No silencio do val; ou mesmo quando
Se avermelham ao longe os horisontes!

É sempre o meu tormento miserando,
Ou accorde de noite em sobresalto,
Ou me ponha depois a Deos orando!

Quem de alivios se vê no mundo falto
Que mais tem a fazer cá neste mundo,
Do que estender seus olhos para o alto?

Quando o rosto de lagrimas inundo,
Então mais creio em Ti; porque me déste
As aguas dos meus olhos, mar sem fundo!

Meu Deos, se dás alento á flor agreste,
Mal que o rocio da fresca madrugada
Tu lhe envias da cupula celeste,

Faz tambem que minha alma atribulada
Veja através das lagrimas, que verto,
A luz esplendorosa da alvorada;

Pois se penso que o céu anda mais perto,
E que Deos com seus olhos me procura,
Mais solitario vejo o meu deserto!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagryma, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

III

A mim de que me serve que se inflore
O prado em seu Abril, se andam errantes
Meus olhos, e não tenho onde os demore?

Apagaram-me a luz que eu tinha d'antes,
A luz que nos meus olhos se accendia
A toda a hora, a todos os instantes.

O que era um infeliz nem eu sabia;
Pois dentro da minha alma sempre andava
O sol brilhante da intima alegria!

Oh! mesquinho de mim, que mal cuidava
Que houvesse de cahir tão cedo a estrella
Que da altura dos céos me alumiaava!

Foi de Deos providente o suspendel-a
Na altura, como lampada num templo,
E não podia Deos tambem sustel-a?

Nem eu sei o que julgue, se contemplo
D'uma luz que se apaga, mal desponta,
O destino fatal — o estranho exemplo!

A dor traz-me a cabeça quasi tonta!
Perguntam-me o que tenho e em vão intento
Dar dos meus males acertada conta!

Levo a noite a chorar, e o intendmento
De todo se me apaga, como ás vezes
Apaga a luz o impeto do vento!

As lagrimas amargam, como as fezes
No fuudo d'uma taça: até o pranto
Que a todos allivia em seus revezes

Para mim não tem balsamo. Entretanto
Quando sinto que a dor me despedaça
Então, loucura extrema! rio e canto

Mas este rir é como a luz que passa
Em negra cerração, quando fulgura
Raio furtivo em tremula vidraça!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

IV

Se alguma vez o pranto a face irrore,
A face amarellenta de quem soffre,
Sem que Deos seu martyrio lhe minore;

Se alguma vez as lagrimas de aljofre
Alguem as esconder no coração,
Triste riqueza! á mingua d'outro cofre,

Ninguém vá perscrutar a escuridão
Da vida sepulchral de tantas almas,
Que vêm chorar contigo, ó solidão!

Ninguém vá perguntar ás verdes palmas
Por que o raio do sol lhes queima a folha
Na sesta ardente das ardentes calmas!

Ninguém: pois quando a lagrima nos molha
A languida pupilla e ao seio afflue,
É porque mais não tem onde se acolha!

Assim, homens, deixai, se ella reffue
Á fonte d'onde veiu, que se esconda,
Embora lá no peito o mar estue!

Astros do céu, deixai correr a onda
Pelos fundos abysmos do Oceano...
São segredos da dor, que só Deos sonda!

Tal é a minha vida, ó desengano,
Que nunca permittiste que eu vivesse
Sequer uma hora de feliz engano...

Assim a tua vida me parece,
Mulher, ó flor mimosa, que te inclinas,
Como ao passar do vento a loira messe!

As tuas faces, d'antes purpurinas,
Perderam sua cor; são como a lua
Que desmaiada assoma das collinas!

A graça dos teus olhos não é tua,
Vai a levando o pranto da amargura,
Sombra de morte, que no olhar fluctua...

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima vertida
No teu seio de horror, ó noite escura!

V

Se tu soubesses, como eu sinto a vida
A pullular em mim, quando o teu rosto
Descanças no meu hombro esmaecida!

Ou quando ás tristes horas do sol posto,
Á força de pensar que te estou vendo,
Penso que no teu seio a face encosto!...

Mulher, eu não sei bem, se quando estendo
Meus olhos para os teus, occultar posso
O muito que por ti ando soffrendo!

Hoje que eu já não sou mais que um destroço
D'arbusto que tombou, ó linda aurora,
Torna-me aos dias em que eu era moço!

Chamei-te um dia irmã... lembras-te agora?
Não cheguei a dizer-te o que eu dissera,
Se não fosse esta dor, que me devora!

Tu não tinhas nem sol, nem primavera,
Nem lume, que nos céos por ti brilhasse,
Nem voz que te dissesse: «Ó pomba, espera»

E eu, se ao pé de mim alguém chegasse
«Espera tu também pelo teu dia,
«O céu tem muito amor, levanta a face».

Mulher, não sei então o que diria...
Mas a palavra — amor — em magua tanta
Se eu t'a fosse a dizer!... Quem t'a diria?

Tú és a *mulher-forte*, que me espanta,
E eu que sou p'ra ti? Louco em delirio,
Procurro a luz do céu, ó minha santa!

Que tu não saibas meu cruel martyrio,
Nem as vezes que a Deos minha alma imploro
A paz do coração, meu doce lyrio!

Pobre de quem não tem quem lhe minore
A febre do soffrer, outra ventura,
A não ser uma lagrima, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

J. SIMÕES DIAS.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia
entre nós

III

No estudo da applicação do methodo experimental á Psychologia, á Metaphysica e á Moral, é que nós poderemos avaliar a importancia das suas consequencias e todo o seu valor intrinseco.

As investigações sobre a parte mais nobre do homem foram desde a antiguidade objecto das mais detidas attenções. O nome de Psy-

colgia dado a essa ordem de conhecimentos é que pertence, talvez, ao seculo XVI.

O chefe do Lyceu, observando os phenomenos ao alcance da sua observação, entendia por alma a principal força (*ψυχή*) do corpo natural organico, que encerra em si o principio da vida.

A vida vegetativa, animal e intellectual são funcções d'um ser unico, cuja natureza fundamental, cuja noção precisa nunca os commentadores de Aristoteles puderam determinar.

Das tres faculdades ou operações, que elle comprehende na alma, a nutritiva se manifesta principalmente na geração e nutrição; a sensitiva precede a phantasia e a memoria; a racional divide-se em passiva e activa, ou agente e paciente. A vontade pode ser dominada, de preferencia, pela segunda ou terceira das operações da alma; e, conforme o for por uma ou outra d'ellas, assim será racional ou sensitiva. A primeira é digna do homem, do ser superior, a segunda abate-o na escala dos seres até á humilde condição de irracional.

O intendmento paciente é o que reveste as formas de todas as cousas; o agente, é o poder cognoscitivo, é a força clarificadora que illustra e fortalece a um tempo os fantasmas intellectuaes e o intendmento passivo.

Nesta distincção se fundamenta a doutrina de Aristoteles sobre o destino do ser pensante. O intendmento activo, ou agente esse é immortal, aquelle não. De todas as questões suscitadas pelos commentadores sobre o tractado da alma do Stagirita as mais notaveis foram as que versavam sobre precisar a noção da *ψυχή* e sobre o destino da alma humana.

Acerscentaremos sómente a opinião de S. Thomaz d'Aquino, por attendermos á influencia que elle exerceu sobre a philosophia da idade-media. Commentando o tratado da alma de Aristoteles, seguiu, como em quasi todas as questões philosophicas, as ideas do eminente discipulo de Platão; mas não o seguiu em algumas doutrinas, que não podiam alliar-se com o dogma catholico. Para o Doutor Angelico toda a substancia da alma é immortal, e o pensamento individual não é, como quer Averrhoes, um simples accidente do pensamento universal. Foi elle que precisou mais a theoria das ideas imagens, que prende directamente na distincção feita por Aristoteles entre intendmento agente e paciente. S. Thomaz alliou d'este modo o dogma com a philosophia Aristotelica.

Em *Metaphysica* as ideas do fundador da eschola peripatetica, se por um lado indicam o poderoso talento do seu auctor, não participam por outro do mesmo gráu de exactidão.

O universo é composto de duas esferas, a celeste e a sublunar. A primeira consta de duas substancias, ambas incorruptiveis, mas

uma movel e a outra immovel. A essencia movel da primeira esfera incorruptivel é a do empyreo no firmamento, que finda na orbita lunar.

Segundo este systema todo o universo é uma grande esfera que encerra em seu meio substancias gradualmente mais densas até chegar á terra, que é o ponto central de quanto existe.

Sobre todas as substancias moveis existe o primeiro motor, substancia inacessivel, infinita, indivisivel, simples e eterna. — É necessario, diz elle, que o movimento sempiterno seja inherente a Deos: *ωστε αναγκη το θεϊον κινησθαι αιδιον ὑπαρχειν*.

Assim é que Aristoteles não rejeitou a idea de Deos absolutamente; mas formou d'ella uma idea imperfeita e incompleta.

A alma e a substancia sublunar escapam á providencia do primeiro motor. A immortalidade do ser pensante encontra-se prejudicada neste ponto. De resto admite que todos os seres têm um fim que procede da sua intima natureza.

S. Thomaz, supposto estabeleça a cfeação, forme uma idea mais completa e perfeita de Deos, e reconheça a acção da Providencia divina sobre todas as creaturas, nem por isso resuscitou a eschola pythagorica, restituindo á terra o movimento que lhe é proprio e apeando-a do orgulho de se considerar centro do universo. Fez mais: preferia, para provar a existencia de Deos, o argumento de Aristoteles, deduzido do movimento, ao metaphysico de S. Anselmo e das escholas idealistas.

Parece que em Moral o methodo de Aristoteles o levaria do extremo opposto de Platão á degradação do homem, á theoria da sensação agradável. Engano. Aristoteles não quer um bem ideal e fixo; pelo contrario, quer um bem para cada ordem especial de seres. O bem moral do homem consiste em fugir dos extremos; porque, segundo se observa, o homem só é digno de louvor quando com justiça, e prudencia sabe fugir da maximo e do minimo. Mas é preciso descobrir o meio de fixar esse meio termo por onde o homem de bem deve tomar. Este caracteristico, todo o homem está apto para o conhecer; consiste em uma razão bem regulada e prudente. Todavia Aristoteles não nos dá uma noção d'esta faculdade, que substituiu pela theoria das virtudes intellectuaes. Virtude intellectual é a boa direcção, o regimen acertado da razão. Virtude moral é o instinto dominado por uma vontade subordinada á razão. Esta distincção é mais subtil que verdadeira; mas, designando a sabedoria e a felicidade na vida contemplativa como primeiras virtudes, Aristoteles aproximou-se rasadamente das doutrinas idealistas.

O bom senso do grande Philosopho o levou a supprir a deficiencia do methodo. A sua intelligencia elevada lhe fazia admittir verdades

que o seu methodo experimental nunca poderia deduzir.

O ser é potencia e acto. Acto, fim, bem d'um ser é a condição, a forma que realisa a potencia. Será, por consequencia, melhor o acto que manifestar a substancia mais completamente. O acto do homem é a vida activa do ser dotado de razão, é a actividade racional.¹

Aristoteles distinguio na virtude, melhor do que Platão, os tres elementos da intenção, da resolução e da firmeza, os quaes devem acompanhar a practica das boas acções para o homem ser virtuoso.

A verdade reclama que sejamos cautelosos em julgar da originalidade das doutrinas, e dos principios moraes ensinados por Aristoteles. Quem ler o capitulo VIII, e principalmente, entre outros logares, o numero 3.º do capitulo XI do Techoung-Young compilado por Tseu-sse, poderá julgar dos motivos que temos para recomendar prudencia nesta parte aos desprevenidos.

O anjo das escholas, S. Thomaz, ainda nesta parte soube concordar entre si Aristoteles e o Evangelho. De feito o bem do homem é a felicidade, que consiste no acto da alma, filho da intelligencia, faculdade a mais elevada do ser humano; mas a contemplação aristoletica não se distingue da meditação, da concentração philosophica, e a contemplação do santo doutor confunde se com a visão de Deos face a face. O chefe das doutrinas peripateticas aquilatou a nobreza d'este acto pela sua natureza, o celebre Theologo avaliou-o pela excellencia do seu objecto. Para o primeiro era filho da natureza humana, para o segundo era superior a ella. É que o Evangelho, superior ás seitas e ás escholas, exige maior perfeição, retrata em seus dogmas as verdades de todos os systemas e lhes é superior. Neste ponto foi preciso para se realisar o enlace das doutrinas que S. Thomaz não desprezasse as inspirações do Platão.

J. J. LOPES PRAÇA.

Adeos

Ao exilio me vou, e Deos bem sabe
A dor que me acompanha ao meu desterro!
Não ha coisa que a ausencia não acabe,
Menos o amor, que dentro d'alma incerro.

Levo-o comigo aos céos da nossa terra:
Hei de dizel-o á Lua, quando passe
No viso melancolico da serra
Anciosa por beijar-te a linda face.

E quando á noite o céo todo estrellado
Estenda sobre mim seus mil fulgores,
Hão de lembrar-me então, meu anjo amado,
Teus olhos derramando luz e amores!

¹ Eth. a Nichom. L. 1, C. IV, §. 13.

Depois no rasto que deixar no espaço
Cada estrella cadente, luminosa,
Hei de mandar-te num estreito abraço
Mil saudades que levo, ó minha esposa!

Quando eu me vir mais triste, hei de ir sentar-me
Defronte da tua porta ao fim do dia;
D'est'arte talvez possa ainda enganar-me,
Pensando ver defronte quem eu via!

Ai! se eu te visse então! Adeos; comigo
Vai combatendo a sorte que me cabe.
As saudades que levo não t'as digo,
Penas que nalma vão só Deos as sabe!

S. DA CONCEIÇÃO.

Porto — 1866.

REVISTA

Em uma das noites da semana passada houve espectáculo de prestidigitação no theatro de D. Luiz. Foi a segunda vez na presente estação que as portas d'aquelle theatro se abriram ao respeitavel publico.

D. Carlos Mesa é um prestidigitador, que pode sem receio apresentar-se onde *Hermann* e *Velle* tenham sido vistos e applaudidos: d'uma ligeireza de mãos admiravel, sabe tambem aproveitar-se dos segredos da moderna Physica para mais realçar as *sortes* com que nos recreia.

O insigne prestidigitador tenciona dar nesta cidade alguns espectaculos depois das ferias do natal. Recommendamol-o á benevolencia do publico, não só pela mestria com que exerce a sua difficil arte, mas ainda por um outro titulo, que não pode deixar de echoar nobremente em corações generosos: D. Carlos Mesa é um dos muitos infelizes fugidos aos rigores do despotismo, e que têm vindo aspirar em o nosso paiz o ar da liberdade, que lhes falta. Allusiva a esta circumstancia distribuiu-se a seguinte poesia do nosso amigo e collega, o sr. Simões Dias:

AO INSIGNE PRESTIDIGITADOR HESPAÑHOL

D. CARLOS MESA

Acorrentado aos ferros do destino
Bem te vejo nos olhos a piedade;
Tu és em terra estranha um peregrino
Em procura do sol da liberdade!

Bem vindo sejas tu, Peleu antigo,
Ao nosso templo da arte: os teus revezes
Obrigam-te a esmolar estranho abrigo,
E abrigo sempre o deram Portuguezes.

O sol das nossas terras não tem dono,
É de todos, e a todos illumina.
O Rei não tripudia sobre o throno,
Quando o artista soluça na officina.

Terra d'irmãos a vês por toda a parte :
Aqui não entra o esbirro que te espreita;
Entra sem medo, ó sacerdote da arte,
A nossa terra as artes não engeita!

Os trabalhos do insigne prestidigitador foram muito applaudidos: pena foi que tivesse tão limitado numero de espectadores. A concurrencia foi realmente diminutissima: é a doença de que actualmente se acha affectado o theatro de D. Luiz.

O tempora! Quem tal havia de dizer!.. Em que veiu a parar aquelle enthusiasmo febril, que se traduzia em ovações esplendidas, e por vezes em pateadas de ensurdecer, mas sempre na subida receita d'uma enchente real! Era para ver o bulicio e animação, que reinavam naquelles corredores enesgados, naquelles beliches estreitos, pomposamente alcinhados de *salões de fumo*. Gabriella dominava então as plateias como rainha absoluta; Rosa, Santos, Carlota Velloso, e Tabora eram apenas os satellites d'aquelle astro rutilante.

O beijo produzia furor: excitava o delirio. Quando a ultima nota se desprendia no espaço coada por entre um sorriso de labios, que o vermelhão tornara formosissimos, os bravos e as palmas atroavam a sala: os ramilhetes alastravam o palco, as pombas esvoaçavam em todos os sentidos; gritava-se, urrava-se; o frenezim chegava ao extremo; á falta de flores arremessavam-se casacos, capas, chapéos, e até iriam as botas se os seus donos não temessem ir para casa em palmilhas.

Foi uma idade d'ouro, que trasgos ruins não deixaram continuar. Começou traiçoeiramente de espalhar-se que a eximia cantora tomava simonte. Citavam-se factos; apontavam-se testemunhas de vista; argumentava-se com a negrura das narinas da insigne actriz. Um beijo garganteado com o acompanhamento roufenho d'uma pitada! E o *pingo*?! Horror! A plateia revoltou-se contra a enormidade do escandalo, e Gabriella Florentina teve de fugir para o Porto abraçada aos laureis de melhores tempos.

Depois do *Beijo* vieram os *Martyres da Germania*, o *Santo Antonio* e a *Rainha Santa Izabel*: Gabriella cedeu o logar a Frei Thuribulo e não sei a que mais outras personagens. Já não havia enthusiasmo, nem plateia selecta: havia a troça desenfreada e o espanto boçal da arraia-miuda. A *Arte* nessa occasião soffreu tratos de polé. Os nossos maiores engenhos dramaticos, pintados em busto no *panno* de *bocca*, estremeceram de indignação: Sá de Miranda e A. Ferreira esconderam de envergonhados metade da cara; A. Garrett benzeu-se com philosophica gravidade, e Camões, tomado de colera, franziu as sobranceiras com sanhuado semblante, arregalou ferozmente o olho esquerdo, remexeu a pupilla do direito, e se Gil Vicente não tem mão d'elle corria a chicote a

cainçada, que lhe andava emporcalhando as barbas.

A *Arte* padecia, mas o theatro lucrava; as *enchentes* succediam-se; que importava o resto? Mas todas estas grandezas sumiram-se; os bons tempos passaram; o theatro está hoje ermo e silencioso como um tumulo; é só frequentado pelas *ratazanas* e pelas aranhas. *Sic transit gloria mundi*.

—Como havíamos annunciado na ultima revista repetiu-se no theatro academico a tragedia *Maria Stuart*; o desempenho foi igual ao da primeira representação; isto é, foi o melhor que podia ser, mas não foi o que a *peça* reclamava. Digamos toda a verdade: a tragedia applaude-se com Ristori, e talvez ainda com Emilia das Neves: com a Snr.^a Carlota Velloso e Maria da Luz *tolera-se*; e nada mais. A tragedia requer genios privilegiados: e quando assim não fôr acontece como agora: para fazer destacar os vultos de Maria Stuart e Izabel de Inglaterra tiveram de achar os das outras personagens. O resultado é representar-se um mystiforio, que nem é tragedia nem drama.

A isto accresce uma outra razão; no drama desculpa-se um creado boçal, um comparsa desageitado. Na tragedia não ha papeis secundarios:— uma matrona ridiculamente vestida, uma phrase,—por mais insignificante que pareça— menos bem entoada, provoca necessariamente a hilaridade. A gargalhada significa a morte da tragedia.

Os actores, repetimos, fizeram tudo o que poderam, e fizeram muito. Estrearam-se alguns academicos sob auspicios muito lisongeiros: mencionaremos em especial o sr. Claro. Em breve esperamos ter occasião de os applaudir num drama, em que melhor possam manifestar os seus dotes artisticos.

EMYGDIO NAVARRO.

24 de dezembro.

EXPEDIENTE

Recebemos as *Theses e Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas* do sr. Luiz Leite Pereira Jardim. Agradecemos o favor da remessa.

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica, n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre) . . . 600 réis
Provincias (por trimestre) . . . 650 réis

As assignaturas de Coimbra pagam-se mediante a entrega do competente recibo.

Roga-se aos srs. assignantes das provincias, o favor de mandar satisfazer a importancia do primeiro trimestre de suas assignaturas por meio de estampilhas ou vales de correio.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

A theorias de Aristoteles e S. Thomaz formam, em verdade, a parte essencial, viva, fecunda e interessante da meia idade; mas fica longe da verdade quem se persuadir e convencer, de que, expostas ellas, nada falta á integridade do quadro, que nos offerecem os escriptores e escholas d'aquelles tempos.

É certo que em S. Thomaz se distinguem todos os elementos, que operaram o genesis e a elaboração preparatoria do renascimento. Alli se agrupam o movimento racionalista, o espirito dogmatico, a superioridade do pensamento evangelico, os elementos Aristotelicos, Arabicos e Platonicos e, para resumir em pouco, alli se encontra quanto de melhor, até ao seu tempo, os escholasticos tinham pensado, discutido e escripto.

Como, porem, o Santo Doutor considerou todas as doutrinas debaixo do pensamento dominante da conciliação, não é facil descobrir nas suas ideas toda a iniciativa do ultimo periodo d'aquella epocha na sua vida extrinseca, nas suas discussões, na infinita mobilidade do seu pensamento e na viveza esplendida das suas aspirações.

No entretanto não podemos acabar conosco deixar-nos ir descrevendo as agitações d'aquelle periodo tão interessante da vida da humanidade. Oppõem-se á natureza do trabalho e as exigencias do methodo, sem nisso prejudicarmos nem a coherencia das ideas, nem a verdade.

A idade-media entre nós protrahiu-se até ao seculo XVIII, quando já por toda a parte resplandeciam as alvoradas da renascença philosophica. Resta-nos, portanto, largo espaço para estudar as evoluções do ultimo periodo da meia-idade, e reservaremos para o fim expor a memoria d'aquelles que, por especies circumstancias, se filiaram no movimento geral da Philosophia.

Se nos seculos XVI e XVII nos apparecem algumas notabilidades neste genero de estudos, acompanhando com passo firme as revoluções philosophicas, é que, ligadas a Portugal sómente pelo facto do nascimento, respiravam longe da patria uma atmospheria mais propicia á cultura intellectual. Por egual razão nestes seculos, de que temos fallado, avulta

nos fastos da humanidade um varão insigne, que muito honra a terra que o viu nascer.

Referimo-nos a Pedro Julião, que de proposito guardamos para o fim d'este periodo, a fim de nos confortarmos, no seio da esterilidade philosophica dos seculos XIV e XV entre nós, com a recordação agradável de varão não menos douto que amigo das letras.

Pedro Julião, natural de Lisboa, succedeu no pontificado ao Papa Adriano V, a 13 de setembro de 1276.

Entre outras obras, que lhe attribuem, a que nos cumpre indicar aqui, por mais celebre, intitula-se *Summulae Logicales*, obra commentada por diversos auctores, e muitas vezes impressa. Sem razão pretenderam negar a authenticidade d'este livro. A historia philosophica tem feito justiça ao auctor das *Summulas da Logica*, não só contra os que seguiram aquella opinião, mas tambem contra aquelles que o incriminaram de plagiario na sua dialectica. Brucker, que não é surdo aos rumores espalhados a este respeito, concorda em que Pedro Julião não tivera, naquelles tempos, superiores nem em Philosophia, nem em Medicina, sciencia esta sobre a qual deixou alguns escriptos notaveis.

E, de facto, embora a sua logica não contenha ideas novas, ou forma que a illustre sobre as outras composições contemporaneas, é força confessar que a admissão d'este livro para texto das lições em muitas escholas, claramente indica que fora muito adequadamente composto para satisfazer ás exigencias do ensino naquella epocha. E, se é maior gloria descobrir regiões ignotas, tornar mais facilmente viaveis os terrenos já conhecidos, não é merecimento para desprezar-se, nem serviço que não mereça gratidão.

A sua morte, que teve logar a 10 de maio de 1277, foi occasionada pelas ruinas d'um edificio em Viterbo.

Os frades, para que fora severamente rigoroso se vingaram d'elle calumniando-o; mas o que nunca poderam conseguir foi apagar nas paginas da historia o seu amor pelas letras e a sua extremada dedicação para com todos aquelles que d'alma se consagravam a tão estimavel sacerdocio.

Notabilidade nos fastos da Egreja, cabe a Pedro Julião, egualmente, um logar distincto na historia do pensamento.

J. J. LOPES PRAÇA.

1867

Ainda a Branca

É ella a branca filha do Mondego!
É seu aquelle olhar enamorado,
Que minha alma trazia em dessocego!

É elle! mas quão outro, quão mudado
Que meus olhos o vêem neste instante
Por mim ha tantos annos desejado!

A madeixa nos hombros ondulante
Volteia como então: a cor do rosto
Qual a vira, conserva-se constante;

Mas o mesmo não é aquelle gosto
Que tinha por me ver, quando noutr'ora
Só em mim a sua alma tinha posto.

A Branca já não é quem vejo agora;
Que essa por me seguir á sepultura,
Comigo á sepultura tambem fora!

Inconstante mulher, bem, que não dura,
Seguiste a lei geral, és como a vaga
Onde o nauta não tem vida segura!

Anda o homem contínuo em dura fraga,
E quando vai em ti buscar abrigo,
É como a rosa que no mar se alaga!...

Deos bem sabe o que fui para contigo,
E se eu te amei ou não! Hoje que importa?
Se louco te segui, já te não sigo.

Vae tu, mulher, sósinha: a cada porta
Mendiga o pão da caridade e morre...
Se é que de ha muito já não andas morta!

O teu castigo é esse. O vento corre
Sobre os teus seios nus, e arraza e leva
Dos castellos do amor a erguida torre!

Teus imperios de luz cil-os na treva:
Nos teus altares não fuma um só thuribulo!
O amor que te elevava, não te eleva:
Cahi-te a cr'oa ás portas d'um prostibulo.

S.

Eleyson

Já viste no escuro da noite,
Se avulta medonha procella,
No Céu rebrilhar uma estrella
Sósinha?

Assim nas tormentas da vida,
Tormentas que empanam meus lumes,
Se ha luz que dissipe negrumes,
Sê minha!

J. SIMÕES DIAS.

ESBOÇO HISTORICO

Da instrucção popular entre os povos antigos

Vamos tentar algum estudo sobre a forma da educação entre os povos antigos.

É bem difficil caminhar com pé seguro no labyrintho da historia.

O passado é mais opulento em fabulas e trevas, do que em principios claros e caracteres bem definidos, que nos attemem as condições da sua vitalidade. Muitas das suas instituições sumiram-se na voragem dos seculos, outras involveram-se nas allegorias da legenda.

O trabalho admiravel de muitos sabios para aclararem este cahos offerece-nos quasi sempre em resultado só probabilidades, conjecturas duvidosas.

Não seremos nós que ostentemos desenredar o labyrintho, dissipar-lhe as sombras. Os nossos modestos estudos são o transumpto do que lemos, aqui e acolá, disperso em muitos livros. Da propria traça levam só o que julgavamos preciso para a melhor ordem e mais facil intelligencia. Algumas reflexões criticas, que ahi vão, constituem de certo a sua parte menos importante, porque é trabalho nosso; o resto é util e digno de consideração, porque é da historia.

Pelo que respeita á veracidade dos factos que apresentamos, a errarmos é com auctoridades illustres.

Em as nossas investigações historicas começamos pelo povo hebreu, porque, segundo o testemunho da Biblia, foi elle o berço da humanidade.

Entre os hebreus, em materia de instrucção só a religiosa era o objecto das suas desveladas atenções.

As leis de educação d'um povo devem sempre conformar-se com o principio fundamental do estado. Como todas as leis, têm de transigir com os costumes; mas os costumes não dictam absolutamente a lei.

As circumstancias sociaes influenciam na vontade dos povos; reflectem-se nas suas aspirações; comtudo a sua acção não é fatal, porque muitas vezes são ellas contrariadas, modificadas, e chegam até a soffrer uma transformação integral.

Os apóstolos da rotina, os apologistas de todas as servidões, ainda se não cansaram em repetir a todos os ventos do céo—que o homem é apenas a resultante do meio social em que vive e não o seu creador; mas o espirito humano, quebrando muitas algemas, esmagando muitas tyrannias, protesta solememente contra essa maxima infame, que lhe rebaixa a sua superioridade.

Se ainda não pôde conquistar a plenitude da egualdade, ao menos já não está sujeito ao regime do privilegio.

Os povos têm nas suas mãos o seu destino.

As leis só transigem com as circumstancias; porque a lei do desenvolvimento social é tão necessaria como a do progresso individual.

Ora a forma do governo é uma d'essas circumstancias, variavel como todas. Tem por tanto a educação de a respeitar.

E não é outra a razão por que os hebreus curavam, quasi só, da instrucção religiosa do povo.

O seu governo era essencialmente theocratico.

Mas historiemos as vicissitudes por que, entre elles, passou a educação religiosa.

No tempo dos patriarchas estava o ensino confiado aos cuidados dos chefes de familias.

É a ordem natural das cousas. A educação *domestica* é a mais adequada, e talvez a unica possivel nas epochas genesiacas de todas as sociedades.

Nos governos patriarchaes a familia é o elemento mais importante da organização politica. Os filhos são instruidos pelos paes nas artes que estes sabem exercer, nas leis que são a norma das suas acções e nas poucas tradições que constituem a historia da sua tribu.

Depois, ao passo que essas pequenas nacionalidades se vão desligando das facha infantis, e que as relações sociaes se multiplicam, dilata-se o horisonte das necessidades publicas, tornam-se precisas novas instituições que as satisfaçam e que traduzam o aperfeiçoamento progressivo da organização social.

O exclusivismo da educação domestica já não tem razão de ser.

A familia dá seu obolo para a causa do melhoramento publico; mas isto não é bastante: o estado tem de supprir pela força propria a insufficiencia da auctoridade paternal.

Foi o que succedeu entre os hebreus.

No tempo da republica conservaram-se os antigos costumes; a educação continuou a ser *domestica*.

Dedicando-se á cultura das terras, ao pastoreamento dos rebanhos e ás artes mechanicas, em que fizeram alguns progressos, não tinham tempo para ir ás *escolas*; só no seio da familia podiam receber a instrucção necessaria para o cumprimento dos seus deveres religiosos.

Mas nesta epocha, ao lado da educação *domestica*, apparece tambem a educação *publica*, em que estavam investidos os sacerdotes e os prophetas.

Os desvarios da intelligencia humana tinham adulterado a pureza da religião, tinham-lhe empanado o primitivo brilho; era preciso depural-a d'esses erros e restituir-lhe o antigo esplendor: — foi para isso que se instituiram as *escolas*, onde todos podiam assistir ás pugnas contra os que interpretavam mal as leis, que Deos prescrevera aos nossos primeiros

paes e que fôra successivamente inspirando aos patriarchas e aos prophetas.

Operou-se, portanto, uma transformação no modo de diffundir a instrucção religiosa.

Depois do captiveiro de Babylonia a educação continuou a ser *publica*.

Não houve mudança na forma, mas houve alteração nas instituições.

Continuaram a existir as *escolas* — *domus subtilitatis, et acuminis*, — onde se discutiam as questões e os pontos controversos da lei.

Todavia esta instituição era pouco propria para a instrucção do povo, porque, habituado aos trabalhos materiaes, não comprehendia bem as subtilisas das *escolas*.

Era preciso crear uma nova instituição que satisfizesse essa necessidade social: — e, com esse fim, appareceram em todas as cidades as *synagogas*, patentes a todas os hebreus, e onde aos sabbados iam instruir-se nos livros da lei e na sua legitima interpretação. E foi esta instituição que imprimiu caracter á terceira e ultima epocha.

Continua.

F. DE MEDEIROS.

A uma gata

Tu só, pobre animal, beijas o triste:
 Tu que o rato devoras, e que os dentes
 Tens afiados para quanto existe!
 Caprichosa excepção! Dize: o que sentes
 Ao ver-me, tigrésinho! pena? pena?
 E pode na tua alma entrar piedade?
 Se pode entrar.. eu sei!.. Negar quem ha de
 Amor ao tigre, coração á hyena?
 Tudo no mundo sente. O odio é premio
 Dos condemnados só que esconde o inferno:
 Tudo no mundo sente. A mão do Eterno
 A tudo deu irmão, deu par, deu gêmeo:
 A mim deu-me esta gata! A mim deu-me isto!
 Esta fera, que as unhas encolhendo,
 Pelos hombros me trepa e vem, correndo,
 Beijar-me... Só não vivo: amado existo!

JOÃO DE DEOS.

A LIBERDADE E O MONOPOLIO

Na emissão da moeda fiduciaria

IV

Antes de terminarmos o exame da questão, de que nos vamos occupando, perante a luz dos verdadeiros principios, mencionaremos um argumento, que é de costume adduzir-se em favor do monopolio bancario. É elle de tão pequena importancia, e tem já recebido tão satisfactoria resposta, que o deixariamos no ol-

vido se, com grande admiração, o não vissemos empregado por pessoas, cuja intelligencia e posição official as devia cohibir de recorrer a taes futilidades.

Em sessão de 23 de fevereiro de 1865, Mr. Frère-Orban, ministro das finanças na Belgica, pronunciou perante as respectivas camaras um discurso, em que, entre outras cousas, disse o seguinte. «La monnaie de banque, invention nouvelle, substitut de la monnaie metallique, acceptée comme celle-ci, liberatoire exactement comme elle; remplissant absolument les mêmes fonctions, est necessairement dans le domaine du legislateur. Il me parait incontestable, que ce que le legislateur fait quant á la monnaie metallique pour la rapidité et securité des affaires, il peut, il doit également le faire quant á la monnaie fiduciaire.»

Confundir o monopolio da cunhagem da moeda com o da emissão de notas é desconhecer a diversa natureza de cada um d'estes instrumentos de circulação. O monopolio da cunhagem da moeda não é um *direito real*, que pertença ao *Estado* pelas condições da sua existencia: é apenas um direito recebido por delegação, e usado pelo interesse da nação, que o delegou.

A moeda metallica tem um valor intrinseco, que depende da quantidade e pureza do metal, de que é constituida; e como seria um grande embaraço para a circulação o verificar-se em cada permutação a qualidade e quantidade do metal recebido, accordou-se por uma convenção tacita que o *Estado* gozasse do privilegio de lançar na circulação o metal precioso, timbrado com a effigie do soberano e outros signaes distinctivos, para denotar o seu valor e impedir as contrafacções. O *Estado*, cunhando a moeda, tem só por fim facilitar a circulação, removendo os obstaculos de exames embaraçosos e prolongados.

Não assim com a moeda fiduciaria: esta não tem um valor intrinseco apreciavel: só vale pela confiança que inspira aquelle que a emittiu, e a confiança é independente da sanção ou reprovação de pessoas extranhas. Não ha, pois, difficuldades de circulação, que o *Estado* deva prevenir e remover; a sua intervenção não tem razão de ser.

Do que temos dicto, em resumo:

Liberdade de credito porque é uma condição da liberdade do trabalho, e a liberdade do trabalho é a religião do futuro.

Liberdade de credito porque é o complemento do principio d'associação, e a mais fecunda realisação do dogma de fraternidade universal.

Liberdade de credito, porque a base d'este é a boa fé secundada pela intelligencia; o seu livre exercicio tenderá a diffundir a moralidade e illustração, de que depende o progresso moral e economico da sociedade.

Liberdade de credito — finalmente — porque o *Estado* só julga e combate; porque a concessão de tal monopolio envolve a absurda supposição de que a moralidade é uma mercancia, que se acha depositada nas alfandegas do *Estado*, e que se vende a quem mais dá; e porque todo o homem se deve presumir honrado e laborioso, e como tal pertence-lhe o usar livremente da confiança, que essas qualidades lhe attribuem.

Eis o que dizem os principios: eis o que diz o direito. Serão elles desmentidos pelas conveniencias? Vejamos.

(Conclue)

EMYGDIO NAVARRO.

A TUA ROCA

Quando te vejo á noitinha
Nessa cadeira sentada,
O chaile posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuso nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho
Olhando p'ra tua roca:
Quem me dera ser estriga
P'ra beijar aquella bocca!

Eu nunca vejo fiar-te,
Que não inveje os desvelos
Com que desfias do linho
Os brancos, finos cabellos.

E aquella fita de seda
Que se enleia no fiado?
Eu nunca vejo essa fita
Que me não sinta enleado.

Parece aquillo um abraço
D'um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabello
Em volta do meu pescoço.

Eu digo sempre baixinho,
Vendo a fita que se enreda,
Quem me dera ser estriga,
Ella a fitinha de seda!

Eu por mim não sei que sinto
Se tristeza, se ventura,
Mal que suspendes a roca
Na tua breve cintura.

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida,
Ao pé de ti sempre curta,
Ao longe sempre comprida!

Pareces-me um ramilhete,
Sentada nessa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva d'uma rozeira.

Oh! filha, quando acabares
De espiar a tua estriga,
E sentires por alta noite
Em voz baixa uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Dos beijos da tua bocca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca!

J. SIMÕES DIAS.

Ave Maria

Já na ermida solitaria
Bateu trindades o sino;
É quando nascem saudades
Dos tempos que era menino.

« Ave! mimosa açucena
Maria, mãe de Jesus!
És da pureza o escudo,
És do mundo aurora e luz!

« Oh, bemdita entre as mulheres,
Firme tronco de Jessé!
Desprende-se dos teus braços
O fructo de nossa fé.

« Ave! rainha das virgens,
Flor dos valles de Judá!
Tens no teu seio o perfume
Dos incensos de Sabá.

« Maria, nome de graça,
Ave! eleita do Senhor!
Com teu azulado manto,
Amparas o peccador. »

Já na ermida solitaria
O sino bateu trindades;
É quando os anjos na terra
Choram do céu com saudades.

THEOPHILO BRAGA.

UMA JURANDA NO SEculo XV.

Mal sabem os que hoje curvam o corpo sob o peso d'um trabalho insano, lamentando a sua infelicidade, pondo a mira na independencia dos privilegiados da fortuna, como o viajante no deserto põe a vista anciosa no *oasis* longinquo, d'onde lhe sorri em miragem consoladora a frescura d'um regato e a sombra dos palmares; mal sabem elles, que lamentam ir dia

a dia ganhando o salario que se lhes traduz em pão para os filhos, em vestuario contra a nudez, em fogo contra o frio, em seiva de vida contra a vertigem da morte, qual era a condição antiga dos seus irmãos na meia idade! Se hoje tem a triste situação da pobreza, possuem como lenitivo de seus males a flor sempre viçosa da liberdade; são a todos os respeitos irmãos dos outros cidadãos do estado, têm o poder, mas poder reconhecido e sancionado pelas tradições dos povos e pelas leis sociaes, de livremente mudar de logar e de occupação, de applicar a independencia do pensamento e da opinião á determinação da sua vontade, á effectividade das suas acções; livre ou acompanhado, por si ou em associação, o operario dirige os seus esforços ao fim a que se propoz, e caminha desembaraçado pela senda escolhida sem outros estorvos que as difficuldades geraes da humanidade, as filhas da sua fallibilidade de homem, dos embaraços de meios, da limitação da sua natureza. É livre porque nenhum vinculo o agrilhão ao solo, porque tem uma razão, cujos dictames nenhuma força é capaz de tolher; é a todos equal, porque possui como elles o cunho nobilitador da faculdade racional; é de todos irmão pela homogeneidade das naturezas, pela fraternidade do sentir, porque como todos, peregrina neste mundo de provação e com elles tem a solidariedade, pela qual em mutuo auxilio concorrem cada um para seu fim particular, e todos para um fim commum. Liberdade, egualdade e fraternidade constituem um dos dogmas sanctos da religião de Christo, e que ainda hoje vibra no ouvido das multidões; um raio d'essa luz fecunda, que illuminou a crista escavada do Golgotha, atravessou os seculos deixando após si o rastro brilhante dos meteoros, e ainda hoje se reflecte nos borbotões de claridade da moderna civilização. Por isso o operario é feliz pela liberdade do trabalho, e, como fim para si, tem a faculdade de escolher o seu destino melhor.

Mas nem sempre se pensou assim e menos ainda assim se praticou. A completa emancipação das classes teve, como todas as emancipações, o seu berço e a sua aurora numa revolução. O grito do nivelamento social, a egualdade perante a lei, proferiu-se em 1789, — data gloriosa em que um terrivel leão, o povo, sacudiu a juba de irado, quebrou as algemas, arrombou a jaula, e caminhando por cima de thronos, e partindo sceptros, e amalgamando coroas, fez da coroa manchada, do sceptro venal, do throno oppressor, da jaula humilhante e da algema inquisitorial a pyra do seu auto de fé, e bem do alto d'ella soltou um brado que reboou pelo mundo — liberdade! Na antiguidade, na Asia era elle o *paria*, em Sparta o *ilota*, em Roma o *escravo*, e nos primeiros tempos da idade media o *servo*,

quer dizer escravo ainda. Então não havia ninguém que nelle reconhecesse o merito do trabalho, que o recompensasse, que o animasse; não havia quem seguisse a maxima de Saint Simon — a cada um conforme a sua capacidade, a cada capacidade segundo o seu esforço, ou ainda o conselho analogo de Charles Fourier — a cada qual segundo os seus capitaes, o seu trabalho e o seu talento: e a razão era simples: por quanto menos mãos se repartissem os beneficios do trabalho, tantos maiores lucros se accumulariam nos cofres dos seus unicos exploradores — os barões feudaes.

Mas um dia chegou, em que os desgraçados plebeus comprehenderam que pela associação realisariam tirar das mãos dos seus exploradores, que assim lhes podemos chamar, os privilegios pelos quaes lhes negavam liberdade e segurança. Formaram pois toda a qualidade de sociedades, — sociedade de mercadores, de artifices, de operarios, etc. Foi esta a instituição rudimentar das associações que hoje ahí vemos prosperando pelos beneficos resultados do mutuo auxilio, e da força pela união. Nos campos tambem se colligaram os cultivadores em opposição á tyrannia dos *senhores*, e por sua vez se tornaram uma classe livre e portanto poderosa. Mas nas grandes povoações é que esta reacção da luz contra as trevas, da verdade contra o absurdo tomou maiores proporções e se organisou melhor, adoptando as sociedades as leis mais conducentes ao seu desejo e suas precisões. Todos os individuos se reuniam convergindo para uma ou outra d'essas corporações, que eram robustamente organisadas, e onde regulamentos severos fixavam o trabalho do operario, o salario, e os seus direitos e deveres. Estas eram as *jurandas*, o primeiro ponto de apoio sobre que se firmou a alavanca do progresso para destruir as odiosas distincções da idade media, quando, segundo o dizer de Chateaubriand, só os privilegiados eram livres, e os não privilegiados eram escravos. Nellas se distinguia entre mestres e officiaes e aprendizes de cada officio, e só com solemnidades e aparato se entrava para a corporação.

Um auctorisado jornal estrangeiro tratou ultimamente d'este assumpto e ahí apresentava o articulista curiosos esclarecimentos sobre a recepção dos aprendizes, em uma d'essas associações no seculo XV, extrahidos d'um livro de M. Moke, e que passo a transcrever:

« Com o nome de aprendiz o adolescente, que se vota a uma carreira laboriosa, fica pertencendo á familia do mestre, que consente em lhe ensinar o seu officio; mas este mestre, que lhe servirá de pae durante o apprendizado, ha de velar sobre os costumes e o trabalho d'elle. Expirado este praso, o aprendiz é recebido na corporação pelo decano e os mais respeitaveis membros d'ella; na recepção solemne lê-se-lhe o regulamento da sua profissão, em

que se mencionam tambem as leis geraes a que o homem, o christão e o habitante da cidade devem obediencia, bém como ás regras de cada estado. Esta mistura de grandes pensamentos com os trabalhos humildes, que enobrece o artista a seus proprios olhos, tem por vezes um character tão sublime como inusitado e estranho. Eis o principio da oração do decano, a quem rodeiam os socios mais idosos, e que o aprendiz escuta com religiosa attenção: — Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto, tres pessoas e um só Deos todo poderoso! Estes estatutos são os que a nossa ordem estabeleceu e sustenta para se conservar e reger com o auxilio de Deos, e tambem para servir o nosso illustre principe a quem dedicamos do coração a vida e os bens afim de guardarmos estimadas e honradas as nossas pessoas e a nossa cidade. — Entre os artigos que se seguiam havia alguns que continham as penas contra o artifice, cuja conducta moral não fosse digna da profissão que seguia.»

Eis o que foram as *mestrias* e jurandas que a reacção liberal, que germinava então, oppoz nas cidades e povoações maiores ás violencias e extorsões do feudalismo. Não é este de certo o ideal da boa organização, mas já foi um grande passo para a emancipação do seculo actual; e uma cousa optima foi com certeza o passarem os povos da servidão da gleba á cultura forçada das terras senhoriaes, para a mais livre organização que acabamos de estudar, sem cabirem na outra escravidão — a servidão das *castas*, o jugo de gerações inteiras á profissão dos seus maiores. Ainda assim alguns imperios não lhe poderam escapar e ahí está a historia apontando com seus exemplos o vicio da instituição; o espirito inherente ás castas, disse Guizot, é o espirito de immobildade: e com effeito a China está ha quatro seculos attestando a verdade d'esta asserção. Não eram essas instituições perfectas; havia nellas a associação forçada e portanto o desprezo da liberdade individual, a impossibilidade de concurrencia entre os artistas; e como consequencia a atrophia do progresso; mas as ideas de hoje não eram as de então, e sempre a juranda era bem melhor que ser escravo, em Roma ou Athenas, e servo nos primeiros tempos da idade-media — era o primeiro passo para a liberdade.

As corporações industriaes prolongaram a sua existencia até á grande revolução, que no fim do seculo XVIII veio mudar na sociedade a face das cousas. Essa creação da aspiração liberal, ao principio gloriosa e brilhante, tornava-se um anachronismo impossivel. Se era precisa a colligação na idade-media para a lucta de gigantes entre democratas e feudaes, com a queda do feudalismo tornou-se necessaria a separação, a independencia entre os individuos, como garantia das liberdades do

seculo. As corporações acabaram mesmo por embarçar o trabalho e por estorvar a marcha das industrias, — cahiram, portanto, a seu turno. Pode-se pois dizer, como um escriptor, « que a idade media libertou o trabalhador, mas só a moderna idade emancipou a industria. » C. D'ANDRADE DE ALBUQUERQUE.

Horas tristes

Eu já não sei cantar, como eu cantava
No alvorecer da minha juventude;
Então era a tua voz que me inspirava
As melodias sanctas do alaúde;

Agora quero ouvil-a, e mal a ouço,
De tão longe me vem teu som divino;
Agora quero eu ver-te e já não posso,
Tão contrario me corre o meu destino!

Ponho-me ás vezes a pensar nos dias
Das sanctas innocencias de creança;
E julgando que tu inda podias
Levar-me aos céos dourados da esperança,

Ajoelho cá de longé a ver se vejo
A luz dos teus olhares em céo distante,
Pensando ouvir ainda o som d'um beijo
Nas minhas faces tremulas de infante!

E nesse doce engano assim me deixo
Boiar em mar de leite brandamente;
Sinto a vida a correr, como em desleixo
Por entre flores a trepida corrente!

Mas este allivio não quer Deos que seja
Tão longo, como a senda que eu percorro:
Pois eu bem sei que Deos não quer que eu veja
Aquelle que morreu e por quem morro!

Foi brilhar noutros céos a minha estrella,
Partiu-se pelo espaço a minha lyra;
A minha inspiração levou-m'a a ella:
Agora é só o peito que suspira!

S. DA CONCEIÇÃO.

Graças

Rompe as nuvens
A procella;
Mas com ella
Claro Céu
Volveu!

Pensei nisto
Quando em maguas
Pelos fraguas
Vi meu peito
Desfeito.

E em teus olhos
Em procura
Da ventura
Se pousei,
Não sei.
Mas! Senhora,
Na minha alma
Doce calma,
Se te via,
Surgia.

Pois tu eras
Como o fogo,
Que diz logo,
Mal se vê,
Quem é.

Veio a aurora.
Meu tormento,
Como o vento
Que partiu,
Fugiu!

GOD AND LIBERTY!

Voltaire estava em Paris; o exilado de Fernelly, sentindo-se proximo do tumulo, que se lhe abria em despeito da immortalidade do seu genio, regressara á França para lhe legar, com o seu ultimo suspiro, toda a força e energia do seu espirito gigante.

Franklin foi visital-o; levou comsigo um neto, que mandou ajoelhar diante do philosopho. Voltaire estendeu as mãos por sobre a cabeça do descendente reformador da America, e pronunciou estas palavras solemnes, que são o pensamento do seculo—GOD AND LIBERTY!—

Voltaire naquelle momento foi verdadeiro pontifice da humanidade. Abençoou o adolescente, que symbolisava a criação d'um novo mundo, em nome do unico principio fecundo para os povos modernos—DEOS E LIBERDADE!—

Phantasia

E se eu pudesse acaso ser um genio,
Ai! como em seu louvor eu cantaria!
O meu nome enlaçado ao nome d'ella
De bocca em bocca a fama os levaria!

Nathercia e Beatriz por esquecidas
Ficariam sem nome e sem cantores;
Cantor só eu na terra: ella o assumpto...
Empresas attentava mais subidas,
Cantava os meus amores!

Amor, tal com o nosso, mais sagrado
 Jámais alguém na terra o cantaria;
 Depois á gloria o meu renome e o d'ella
 De bocca em bocca a fama os levaria!

Mas onde me levou a phantasia!
 Com que ideas agora me entretinha!
 O genio, se o tivesse, que valia,
 Se nem ella podia já ser minha?

J. S.

A

M. A. A. DE SEIXAS

Se occulta quero minha dor ter nalma,
 Se os labios vertem d'ironia o fel,
 Não peçam cantos a quem tem só queixas,
 Magoados prantos de um soffrer cruel.

Pulsando a lyra, gemebunda e triste,
 Eu triste sempre lh'escutei a voz;
 Não peçam cantos a quem tem só queixas
 Sentidas queixas de um soffrer atroz.

Exulta, mundo, mas não peças cantos
 A quem sorrisos já para ti não tem;
 Deixa que eu soffra, que em silencio goze
 D'este martyrio, que é gozar tambem.

Que, vale o pranto que dos olhos brota,
 Se os labios mentem com fingido rir?
 Não peçam cantos a quem tem só queixas,
 Que nunca de alma deverão sair.

Lisboa, 7 de março de 1866.

M. DA C. DA S. PEREIRA.

REVISTA

O anno de 1866 está a findar: algumas horas mais, e a humanidade terá plantado um novo marco milliarario na via dolorosa da sua peregrinação.

Amanhã dão-se treguas aos soffrimentos: quem havia de mal-agoirar-se com prantos em dia *d'anno bom*? Fatal presagio! Em vez de lagrimas transpareça o riso e a alegria festiva, porque o novo astro, que ha de levantar-se no horisonte, vem illuminado com a luz consoladora da esperança: — esperança de continuada ventura para os felizes da terra; esperança de interrompido infortunio para as tristes victimas da desgraça. É conforto para todos.

Aos nossos leitores damos as *boas festas*, desejando-lhes todas as felicidades, que anhelam.

— E ás *boas festas* se refere tambem o unico acontecimento, que veio até agora destruir a

monotona regularidade do natal coimbrão: Severino d'Azevedo dirige uma carta de cumprimentos ao auctor das *Noites de Lisboa*, d'esse monstruoso livro, que por ahí foi anunciado em enormes cartazes, redigidos e arrebicados como um annuncio de ratas sabias ou pulgas industriosas. Severino d'Azevedo é o implacavel Cabrion de Manuel Roussado: que nunca as mãos lhe dêam!

— E a proposito de Manuel Roussado — não posso resistir á tentação de transcrever do *Almanack Taborda* um requerimento dirigido por aquelle poeta ao sr. marquez de Castello Melhor) Roussado pedia um bilhete para a corrida de toiros pelos fidalgos, que teve logar em Lisboa no verão passado:

São vinte e sete de agosto!
 Sem bilhete d'esta vez,
 Eu nem calculo o desgosto
 De não te applaudir, marquez;
 Transformava em toiro o rosto
 No dia trinta do mez. (!!!...)

Armei a musa em forçado
 Nesta poetica sorte;
 Ao bilhete desejado
 Ella estende o braço forte,
 E diz: — Entra aqui, damnado,
 Ou um bilhete ou a morte!

O articulista do almanach põe a estes versos a seguinte glossa: «Era impossivel recusar coisa alguma a quem pedia com tanta *galanteria e graça*.»

Ora esta! sr. Severino, zurza para baixo sem nó nem piedade; obra tão meritoria já de ha muito se não faz.

E á mingua de assumpto aqui termino.

EMYGDIO NAVARRO.

31 de dezembro.

EXPEDIENTE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica, n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre) ... 600 réis
 Provincias (por trimestre).. 650

As assignaturas de Coimbra pagam-se mediante a entrega do competente recibo.

Roga-se aos srs. assignantes das provincias o favor de mandar satisfazer a importancia do primeiro trimestre de suas assignaturas por meio de estampilhas ou vales de correio.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

V

É ponto assente na historia philosophica que, ao terminar o seculo xv, era a Philosophia Peripatetica a que dominava nas escolas. A Junta de Providencia Litteraria, nomeada por D. José I, reconhece, em harmonia com o exposto, que a Universidade Lusitana seguira, como as escolas extra-nacionaes, o movimento geral da Philosophia.¹

É, porém, convicção nossa que, mesmo durante o seculo xvi, a Philosophia adoptada na Universidade fora a Aristotelica, opinião esta que não só é coherente com as observações anteriormente feitas, mas que, para mais, é fundamentada no espirito da epocha e nas indicações especiaes e directas que ao diante se hão de apresentar.

Sabe-se pela Historia que, entre o segundo meado do seculo xv e o esvaecimento do xvi, houvera na Europa um desenvolvimento scientifico, litterario e philosophico que, destacando-se da epocha anterior, não pertence á do renascimento a não ser na qualidade de prefacio, exercicio ou mesmo preparação para um futuro mais esperançoso, mais desassombrado e de mais fecundas e valiosas consequencias.

Com a tomada de Constantinopla não só chegaram á Europa os escriptos originaes dos Philosophos Gregos; mas, ao mesmo tempo e com elles, abicaram na Italia os representantes d'esses diversos systemas na capital do Oriente; os quaes, bem recebidos na península italiana, communicaram a este bemfadado berço do renascimento o espirito que os animava em favor dos velhos e afamados mestres da mocidade grega.

Chegaram, portanto, á mão dos estudiosos Aristoteles e Platão, não á luz mortuaria dos commentadores, as mais das vezes prevenidos pelas suas crenças religiosas, de escola e levados, não poucas, do prurido de aventar interpretações novas e esquisitas, chegaram na

sua mór pureza e integridade, embora lettra morta, respirando ainda a profunda e energica inspiração de seus auctores.

Este apparecimento devia produzir grande agitação nos espiritos, o que de feito aconteceu. Não que creasse o estímulo da desenvolução de que a renascença proveio, porque esse já preexistia; mas offerecendo ás aspirações illudidas e grandes d'aquella epocha novidades importantes e dignas das suas lucubrações e estudo.

As intelligencias, na intuição espontanea de que precisavam fazer-se recordar com saudade do futuro, tinham-se revelado intimamente, no meio do seu descontentamento e desanimação, o vazio das estereis discussões escolasticas e se sentiam excruciadas pela sede da sciencia e da verdade.

O renascimento devia brotar fatal e necessariamente d'este estado de coisas, porque o genio da humanidade tende, como o genio do homem, a encher os vazios apontados pelas convulsões indefinidas das edades de transição.

Os sabios de Constantinopla não trouxeram, portanto, para o occidente o genio do renascimento; mas vieram preparar e cultivar mais solidamente os espiritos, alargar-lhes, dilatar-lhes mais os horisontes, denunciar-lhes veredas desconhecidas e rectificar outras imperfeitamente sondadas. Foi uma repetição do que se tinha feito; mas uma repetição utilissima, d'onde resultou copioso aproveitamento. Noutra occasião a chegada dos mesmos livros e a vinda dos mesmos philosophos não dariam tamanho resultado; mas este momento era tão propicio, que os estudiosos, ardendo a verdade, devoraram sequiosos os novos thesours da sciencia, amaram-nos até ao delirio, sentiram-se pequenos ao pé de tão resplandecentes luminares, repetiram-nos com amor e dedicação, e defenderam-nos com tal ardor e coragem, que por vezes o seu entusiasmo degenerava em fanatismo.

Ora esta embriaguez fascinou os espiritos excessivamente, e esterilizou as novas tentativas timidas e vacillantes a ponto de não nascerem vigorosas para poderem prosperar. A atmospheria intellectual tambem não lhes facultava uma evolução livre e facil. O precursor de Spinoza, modernamente apresentado por Tennemam aos amigos da philosophia, lá foi entregue, em premio do seu amor pela sciencia, ás fogueiras de Roma pela inquisição

¹ Veja-se o Comp. Hist. a pag 96, — 158 a 172, — 321, e finalmente tambem a pag. 363 e seguintes.

de Venesa (1600). Por outro lado Bruno e Campanella aproximaram-se do methodo experimental, que depois fez a gloria d'uma das mais importantes escholas da Philosophia moderna. Mas, é preciso não o esquecer, estes ensaios nem eram assás rigorosos para merecerem a preferencia, nem o meio intellectual estava convenientemente habilitado para os aperfeiçoar.

No entretanto devemos confessar que se progrediu, e que se progrediu muito, que se caminhou o que se podia caminhar. Este fervor e alvoroço, ora em favor d'um, ora em favor d'outro systema, nos faz conhecer, por experiencia, toda a independencia que a Philosophia tinha sabido conquistar-se. Este acontecimento demonstrou e seguiu por um facto esplendido a secularisação da Philosophia. Já não vemos nas investigações da razão as prerogativas d'uma humilde *ancilla theologiae*, mas os esforços d'uma sciencia — *sui compos*.

Eis resumido em breves palavras o trabalho d'este periodo de transição: o genio da renascença preparou-se e ensaiou-se no caminho dos grandes commettimentos. Esta coincidência notavel das ruinas de Constantinopla e do estado de agitação que existia nas escholas do occidente é ainda a realisação do grande segredo providencial — manter a responsabilidade individual sem interromper as leis fataes do progredimento social.

São faccis de agoirar as consequencias d'esta evolução. Este movimento foi e deveu ser ephemero. As intelligencias tinham aprendido a virtude da sinceridade. Apurado o estudo da lingua grega, e verificados os erros das traducções e commentos de Aristoteles, o entusiasmo minorou e acabou por desvanecer-se, quando se reflectiu que as opiniões dos philosophos não prehenciam o vazio de tantas aspirações. Dos systemas rivaes os sequazes de Aristoteles não abandonaram o campo, embora da sua parte tivesse Platão strenuos defensores. O germen dos novos systemas estava lançado; mas dos antigos as precedencias eram todas em abono do Stagiritia. Foi o que succedeu designadamente em Paris, e o que cremos teve logar entre nós.

Não obstante o que fica exposto, o Compendio Historico parece manifestar-se em sentido contrario; porque, fallando da influencia da nova legislação publicada nos Estatutos em o anno de 1598, se explica, a paginas 99, nos seguintes termos: «A Philosophia Peripatetica tornou a erigir o seu principado, os seus termos, as suas distincções, e os seus principios e axiomas foram novamente publicados.» A Junta de Providencia Litteraria não pôde deixar de referir-se á benefica influencia de D. João III sobre os nossos estudos; porque, com quanto, antes d'elle, D. João I e D. Manuel tivessem olhado cuidadosamente pelo bem da Universidade, concedendo-lhe

novos Estatutos, é certo que este monarcha, cujo governo vai desde 1521 a 1557, enviou os mais serios cuidados em promover o seu esplendor, e dar novo lustre ao seu credito.

Ainda assim nos não parece liquida a opinião do Compendio Historico. Que a Philosophia Peripatetica se estudasse então mais profunda e exactamente do que d'antes é admittivel e exacto; mas affirmar-se, indirectamente, que ella deixara de ter alli o seu principado é o que nos parece insustentavel. Entre os professores chamados por D. João III, para fazer revigorar os estudos da Universidade, conta-se, entre os mais insignes, Antonio Luiz, natural de Lisboa, varão profundamente versado no estudo da lingua grega, Philosophia e Medicina. Ora é sabido que elle se encarregara, a 4 de Março de 1547, de explicar *Aristoteles* e Galeno nas suas fontes; o que sobremodo confirma a nossa opinião, e é tanto mais decretorio este facto, quanto nós sabemos que a vida d'este insigne Philosopho se dilatara até 1565. Como se pode, portanto, avançar que em tão curto espaço de tempo, como o que vai d'estas datas até 1598 se implantasse na Universidade diverso systema de philosophia? Alem de que, nós o veremos, neste seculo appareceram os celebres commentarios do Collegio Conimbricense, obra de grande alcance, e que devia já existir alguns annos antes da sua publicação.

As obras de Antonio Luiz confirmam as noticias da Historia; pois que, alem do pouco, attinente á Logica, que nos deixou nos seus *Cinco Livros de Problemas*, escreveu um outro livro que se inscreve: *Liber de erroribus Petri Apponensis in Problematibus Aristotelis exponendis*; o que nos prova não ser hospede aquelle autor no estudo das obras do Stagiritia. Podemos, pois, concluir que o periodo que reproduzimos do Compendio Historico é incoadunavel com o espirito da epocha e com os factos transmittidos pela Historia.

É, porem, sobre tudo inexplicavel encontrar-se noutro logar do mesmo Compendio Historico, ao menos na sua essencia, o facto que acabamos de referir. A paginas 324 começa o seguinte trecho: «Antonio Luiz, natural de Lisboa, foi um dos homens mais sabios, que naquelles seculos illustraram Portugal e Hispanha. Desde os seus primeiros annos se consagrou todo ás Linguas, á Eloquencia, á Historia, na qual fez admiraveis progressos, e com estes conhecimentos se adiantou de maneira na Philosophia e na Medicina, que foi chamado pelo Senhor Rei D. João III para explicar *Aristoteles* e Galeno na lingua grega.» Se tal succedeu, como é que devemos entender que só depois de 1598 é que a Philosophia Aristotelica ou Peripatetica alli tornou a erigir o seu principado?! E isto é tanto

mais concludente, quanto se conhece ser a circumstancia de proposito narrada para deprimir a direcção, que depois os jesuitas deram ao estudo da mesma sciencia. Henrique Jorge Henriques, natural da Guarda, que escreveu a sua Dialectica antes de expirar o seculo XVI, e Luiz de Lemos, natural da villa da Fronteira, que ainda antes d'aquelle escrevera o seu Commentario ao Perehermeneias de Aristoteles, ambos estudantes da Universidade, nos suggerem a convicção de que a mesma ordem de ideas se seguira e ensinara alli depois do professorado do insigne philosopho e philologo Antonio Luiz.

Poderia occorrer á memoria de quem lesse o Compendio Historico o dar á expressão de Philosophia Peripatetica uma noção mais precisa e caracteristica. Seria então Philosophia Peripatetica a estudada sobre os Commentos e traducções de Aristoteles, differencando-se da Aristotelica em esta ser estudada nas obras do mesmo auctor e na lingua grega, isto é, naquella em que originariamente foi escripta. Esta explicação, se fora exacta, cortava a difficuldade, e teriamos que a linguagem da Junta de Providencia Litteraria apenas significava que antes da reforma de D. João III, e numa palavra antes do seculo XVI, se professaram na Universidade os commentos e traducções de Aristoteles, depois se cultivara, graças ao espirito d'aquella epocha e ao desvelo dos nossos reis, o proprio Aristoteles, e que posteriormente a 1598 se retrogadara ao que antes do seculo XV se estudava das obras de Aristoteles.

Para se poder acceitar esta explicação era necessario admittir que Pedro da Fonseca, Manoel de Goes e outros nomes illustres, de cuja memoria com razão nos podemos honrar, devem ser rebaixados da plana a que seus trabalhos e applicação os poderam elevar. Rejeitamos a consequencia. Os Jesuitas não prohibiram que se lesse Aristoteles na lingua grega. Principalmente nas incriminações é necessario prudencia e exactidão. Quando para se imputar um crime é necessario rebater caracteres augustos e celebres, é indesculpavel a critica. Mas que não fosse por esta razão, o texto dos logares citados do Compendio Historico repelle a conciliação.

Por fim concluiremos affirmando que não é intenção nossa defender uma corporação decahida, mas levantar de sobre a sua memoria o odioso que lhe não pertence, a fim de não prejudicar a justiça que merecem os trabalhos dos nossos philosophos mais distinctos. A critica virá a seu tempo; essas linhas que ahi ficam, se se podem considerar como defesa, servirão também para demonstrar a imparcialidade rigorosa de censura, que houvermos de fazer-lhe.

J. J. LOPES PRAÇA.

Em que scismas?

Languida e triste, como é triste o goivo
Dos sepulchros, que á tarde se debruça
 Dos mortos sobre o pó,
Vi-te por alta noite á luz da lua
Co'a fronte reclinada sobre o seio,
 Vi-te, estatua de dó!

Eras sósinha alli — archanjo mudo —
Em pé silenciosa — longo tempo...
 Senhor! eu vi-te assim!
Depois, erguendo ao céo os olhos madidos,
Ardentes te rolavam grossas lagrimas
 No seio de marfim!

Co'os olhos arrasados parecias
Suspensa nesses lumes, que se apinham
 Na abobada dos céos.
E o espirito ás soltas pelo espaço
Almejava outra vida, que nos vedam
 Mysteriosos véos!

Quem sabe se, sustida pelas fimbrias
D'uma estrella, nos céos descortinaste
 Do teu martyrio o fim?
Talvez que o Eterno ouvisses em teu extasis,
Que um froxo de sorriso te passara
 Nos labios de carmim!

Anjo d'amor, que viste nesse instante?
Que aureola de luz celeste e rapida
 Te circumdara então?
Sonhaste acaso? ou viste nesses mundos
Pelas fendas do céo sorrir-te esp'ranças
 O anjo da redempção?

Sorriste... É que então no céo absorta
Esqueceste da vida as amarguras
 Pelos gozos do céo!
Sorriste, contemplando a patria bella
— Pertença dos que soffrem ca na terra
 Martyrio equal ao teu!...

Acabara a visão. Descera rapido
O espirito, que aos astros remontara,
 Buscando nova luz.
E as lagrimas de novo te lembraram
Que breves são as horas de ventura,
 Que em sonhos nos seduz.

E vi-te — triste noite! —
Carpindo dor anciosa,
Qual rola pesarosa
Sem ter onde se acoite!

Choraste!... vejo-te inda
No labio, que estremece,
A dor, que não fenece,
A magua, que não finda!

Dos balsamos o cofre
Se ao menos eu tivesse...
Allivios, que vertesse
No peito de quem soffre...

Mas ai! se a dor te acalma
Allivio, que inda existe,
As lagrimas d'um triste
Recebe-as na tua alma.

De maguas nunca esquivo
Apenas chorar posso!...
Funda-se o pranto nosso,
De penas tambem vivo!

As arvores sem coma
Revestem seus verdores,
Se a quadra dos amores
Alegre lhes assoma.

Surge viçosa a hera
À luz, que vem serena,
Só nós na nossa pena
Não temos primavera?!

Havemos ter, havemos
Aurora resplendente,
E em gloria permanente
Felizes lá seremos;

Que esta alma, que me estampa
De Deos a magestade,
Não pode em soledade
Ficar no pó da campã!

J. SIMÕES DIAS.

A LIBERDADE E O MONOPOLIO

Na emissão da moeda fiduciaria

V

Chegamos ás ultimas trincheiras do inimigo: eis-nos em frente do seu mais temeroso reducto — as *conveniencias* industriaes.

Podiamos escusar o combate: a sociedade não pode ter outras *conveniencias*, que não sejam a adopção e exacta observancia dos principios fundamentaes, que a regem; e os principios — já o demonstramos — são por nós. Não se dirá, porem, que recusamos acceitar a discussão no campo, em que nol'a offerecem os adversarios: a verdade é uma só; a victoria não pode ser duvidosa.

Examinando a estadística d'esses tremendos cataclismos, que em periodos quasi regulares tem desconcertado o mundo economico, depara-se com um facto, que pela sua generalidade pode ser convertido em lei. As grandes crises commerciaes rebentam, as mais das vezes, em Paris e Londres — nos dois principaes centros de monopolio bancario: e *sem-pre* na séde d'um banco privilegiado. A catastrophe propaga-se ao depois em todos os sentidos: o abalo repercute-se em todas as praças, mas o foco de que elle irradia é invariavelmente um estabelecimento monopolizador

do credito protegido pelo Estado a pretexto de tutela.

A successão regular e constante das crises não indicará a existencia de uma causa de acção tambem regular e constante? O phenomeno, que acima notamos, não será prova de que na organização dos bancos privilegiados é que essa causa reside? Observe-se a sequencia natural dos factos, e ver-se-ha que o monopolio bancario conduz fatalmente á manifestação d'uma crise.

Os bancos privilegiados são os unicos reguladores da circulação fiduciaria nos paizes, em que se acham estabelecidos. Como não têm concorrência que os affronte, é das leis economicas que na emissão das notas e nos descontos de effeitos de commercio sigam apenas a norma do seu interesse privado, sem que se importem com as necessidades reaes do mercado, sem que lhes dê cuidado a situação em que ficam os banqueiros particulares, que, não gozando da dupla vantagem da emissão e desconto, não podem auferir lucros eguaes. A questão para o banco privilegiado cifra-se toda em obter o maximo dividendo a repartir pelos accionistas.

Em seguida a successivas e exaggeradas emissões de notas, feitas pelo branco, manifesta-se no mercado uma abundancia excessiva de moeda. Os myopes vêem nisto um indicio de prosperidade; e não attendem a que uma tal abundancia provém da deslocação dos capitaes dos banqueiros particulares, que pelo monopolio do banco e pela exaggeração das suas operações, não podem auferir lucros satisfactorios. A abundancia é apenas apparente; o que realmente existe é a inercia de uma grande parte da riqueza publica, inercia que tanto mais se agrava, que o banco para evitar retiradas subitas, que o poriam em serias difficuldades, ou não paga juro aos depositos, ou o paga tão diminuto, que não convida a que d'este modo se empreguem as sommas enormes, que vagueiam na circulação.

A consequencia necessaria d'este facto é a febre de especulações, que se apodera dos detentores de capitaes em repouso. Esta febre é ainda sobreexcitada pelo confronto dos enormes lucros auferidos pelo banco. Concebem-se os mais loucos projectos, intentam-se as mais tresloucadas empresas, sem que se tenha em vista a nenhuma probabilidade de exito, que, em geral, offerecem. O grande fim é achar fóra da circulação ordinaria, — monopolisada e desvirtuada pelo banco — um emprego lucrativo para os capitaes inertes. Sacrificam-se milhares de fortunas a uma encantadora miragem; é a fabula do cão.

Os resultados são agora faceis de prever. Por maior que seja a abundancia de capitaes maior é ainda a necessidade, que vem a manifestar-se pelo estabelecimento de muitas e variadissimas empresas: a corrente vai sem-

pre engrossando; os pedidos de numerario ao banco — reservatorio geral — repetem-se e augmentam-se todos os dias: as notas emittidas em excesso acodem á conversão em especie metallica; começa a retirada dos depositos; em uma palavra, manifesta-se, como dizem os inglezes, uma verdadeira *corrida*.

Manifestada a corrida, a crise apressa-se com uma rapidez espantosa. O banco, para affrontar a tempestade, que lentamente preparou, entrincheira-se por detrás dos seus privilegios: sóbe a tacha do desconto, e recorre a todas as outras medidas restrictivas, de que pode lançar mão, para que lhe não desapareça completamente a reserva metallica, com que ha de fazer face á conversão, sempre crescente, das notas em especie. Estas medidas são o signal de rebate em todas as praças: o panico propaga-se com a rapidez do raio; todos correm a reembolçar os capitaes depositados: é um *saue qui peut* geral. As consequencias são as que costumam realisar-se em taes casos — uma serie de *quebras* successivas, a ruina de milhares de fortunas, e com ella a desgraça de milhares de familias.

No meio d'este cataclysmo o banco, as mais das vezes, auferê lucros enormissimos, porque os seus privilegios pozeram-n'o a salvo das justas consequencias da crise, que elle mesmo preparou, e a destruição do credito particular tornou ainda mais necessarias as suas notas e os seus cofres¹.

Eis como Coquelin resume e aprecia esta serie de phenomenos:

« Voilà donc les consequences naturelles du « système d'une banque privilégiée. Son premier fruit est une revoltante inégalité dans « la répartition des benefices: son dernier résultat une catastrophe. Il donne tout aux « uns et rien aux autres: il depouille ceux-ci « pour enrichir ceux-là: et loin de compenser « ce vice profond en offrant au public une « sécurité plus grande, il l'environne au contraire de pièges et de périls. Il trompe le « commerce ne l'excitant aujourd'hui que « pour l'abandonner demain: il l'induit dans « des operations, qu'il ne lui permet pas ensuite de soutenir, et par là il l'expose à « d'incalculables pertes. Système odieux, inqualifiable, qu'un pays civilisé aurait honte « d'avoir supporté un seul moment, s'il en « comprenait bien tous les abus.² »

A livre emissão de notas produzirá tão funestos resultados?

Não; em primeiro logar o excesso de emissão não se realisa tão facilmente, ou, a realisar-se, as notas mais depressa acodem á conversão em especie, e por isso nunca pode tomar as proporções necessarias para produzir uma crise: em segundo logar o commercio não está sujeito ás oscillações da taxa do desconto,

que no systema da liberdade bancaria, e pelas regras da concorrência, ha de ser o mais diminuto e regular possivel com as circunstancias do mercado monetario: em terceiro logar, não se produzirá essa inercia de capitaes, que denuncia a crise, porque onde quer que os capitaes abundassem por motivos das operações de um banco, surgiria logo um outro banco para utilizar os capitaes disponiveis, e partilhar os lucros. D'este modo — diz Carey — a moeda metallica em vez de se transportar para um outro paiz não faria mais do que mudar de rua.

Argumentam agora os adversarios, dizendo que os governos podem evitar as crises, a que fatalmente conduzem as operações de um banco privilegiado, limitando a emissão das suas notas, e fazendo que a ellas corresponda uma determinada reserva metallica. Mas é este um expediente desgraçado: é aggravar o mal com o proprio mal.

A quantidade das notas emittidas, e a sua proporção com a reserva metallica, não pode ser fixada de antemão. Quem determina a quantidade de moeda fiduciaria, que um banco deve emittir são as condições do mercado, condições que variam a cada instante não só no mesmo continente, mas ainda na mesma nação, e ainda na mesma praça, segundo a maior ou menor actividade e felicidade dos negocios. O governo, que pretendesse estabelecer uma norma fixa para o que é tão variavel, commetteria um absurdo economico, cujas desastrosas consequencias (se possivel fosse realisar-o) não se fariam demorar. Regular a emissão das notas e a sua proporção com o fundo metallico é uma attribuição que o Estado não pode exercer com vantagem: os governos vivem numa esphera de acção demasiado elevada e complicada para poderem attender a todas as circunstancias do mercado; forçoso lhes é deixar esse encargo á prudente direcção dos gerentes do banco. O que vale essa prudencia, quando é aguilhoada pelo estímulo de um interesse, que não é solidario com o interesse geral, e que não é modificado pelas leis da concorrência, já nós vimos: vale a paralysação dos negocios e a ruina do commercio.

Outro inconveniente, porem, e de maior gravidade, se levanta a condemnar o monopolio bancario como contrario aos interesses industriaes e politicos da sociedade.

A renovação da carta de monopolio torna o banco dependente do Estado, e as necessidades do thesouro tornam o Estado dependente do banco. As consequencias d'esta mutua dependencia são egualmente fataes. Quando o Estado carece de mendigar alguns milhões, o banco faz o emprestimo, mas a troco de uma preponderancia politica, que compense o sacrificio: mas a troco do estabelecimento de leis commerciaes, que indirectamente lhe assegure

¹ Carey — Principes — Paris, 1865.

² Coquelin — Le crédit et les banques.

rem um augmento de lucro;— neste caso temos um poder obnoxio, temos a pressão exercida por uma minoria insignificante, temos finalmente a tyrannia e o despotismo. Se é o banco que tem de curvar-se perante as exigencias do Estado, ou para conseguir d'elle a renovação da carta de monopolio, ou por outro qualquer motivo, as consequencias não são mais favoraveis. O Estado não esculpiza em esvasiar os cofres do banco, e o resultado é a conversão da moeda-papel em papel-moeda: quer dizer: o resultado é a destruição do commercio, o aniquilamento da industria, e com elles a ruina do credito particular e nacional.

Nem se pense que nos deixamos dominar de um receio pueril, que a prudencia é independencia dos governos impedirá de realizar. Temos infelizmente a historia a comprovar de sobejo os fundamentos da nossa asserção.

A pernicioso influencia dos bancos no andamento politico de um povo tem-se manifestado em toda a parte; e especialmente naquelles paizes onde o systema representativo mais se aproxima da sua perfeição. Os bancos, propriedade de um corrilho, arrastam as massas pelas immensas necessidades do trabalho a que o credito tem de occorrer; dominam os governos quando a urgencia de sommas importantes os força a aceitar o jugo. Nos Estados-Unidos onde a *individualidade* pode adquirir importancia decisiva nos negocios publicos, este gravissimo inconveniente tem-se manifestado mais de uma vez: em 1835, o presidente Jackson, pedindo a reforma bancaria, dizia ao congresso: « O equilibrio, que a nossa « constituição estabelece, deixaria de existir, se « por mais tempo consentissemos na existencia « de corporações, investidas de privilegios ex- « clusivos. Estes privilegios em breve lhes « dariam os meios de exercer uma poderosa « influencia sobre a conducta politica das « massas, pondo á sua discrição o trabalho « e os lucros da classe mais numerosa. *Sempre que o espirito de monopolio se alliou ao poder politico, appareceu em resultado o despotismo e a tyrannia.* » Os successos posteriores demasiado comprovaram esta sã doutrina.

Com relação ao outro defeito que notamos não é menos clara a historia.

« Não ha banco algum privilegiado, que em « consequencia de emprestimos forçados, feitos « aos governos, se não tenha visto na dura « necessidade de suspender os seus pagamen- « tos. »¹ Esta declaração é de um adversario: deve por isso ser insuspeita. E de que valeria occultar a verdade, se os factos a revelam tão eloquentemente?

Com effeito: em consequencia d'empresti-

mos forçados suspenderam os seus pagamentos metallicos nos fins do seculo passado os bancos privilegiados de Génova, Roma, Turim e Napoles. Pelo mesma causa suspenderam os seus pagamentos o banco de Stockholmo em 1750: o de Copenhague em 1745; o da Russia em 1768; o de Vienna em 1797; o de Berlim em 1806; a *caixa de desnonto* de Paris em 1787: o de França em 1848; o de Inglaterra, apesar de todos os seus immensos privilegios, apesar de todo o favor do Estado, foi tambem forçado a suspender o pagamento em especie desde 1797 — 1821. Mas para que recorrer a exemplos extranhos? Não temos a historia vergonhosa do nosso banco privilegiado, que, mais inconstante do que o camaleão, não só tem mudado a côr, mas até o nome?

Que systema é este que se preconisa como salvador do credito, e que longe de prevenir e evitar provoca as crises, sendo muitas vezes impotente para resistir á tempestade que suscitou? Aonde estão as suas apregoadas vantagens? aonde os principios que o justificam?

Olhemos para a Escocia e ahi veremos os excellentes fructos do seu systema bancario. Neste paiz, onde predomina o systema da liberdade, os bancos satisfazem pontualmente ás suas obrigações: uma ou duas quebras notaveis não têm sido sufficientes para lhe retirar a confiança: devendo ainda notar-se que nesses mesmos casos o panico é o promotor das quebras, e que os portadores de bilhetes e os possuidores de depositos foram satisfeitos até ao ultimo scheling doseu credito. Os bancos da Escocia permanecem firmes no meio de todos os cataclysmos industriaes, que em Londres e outros centros de monopolio fazem sossobrar fortunas consideraveis. As classes operarias, confiadas n'uma prudencia e honradez, testemunhadas por uma gerencia de largos annos, não hesitam em lhes confiar os productos das suas economias, que assim deixam de ser capitaes dormentes ou desperdiçados: o credito produz então todas as suas vantagens, que são educar o povo com habitos de previdencia, e enriquecel-o pela economia. Os bancos attingem o seu verdadeiro fim; deixam de ser o foco de especulações desordenadas, de ambições desregradas, que não raras vezes levam ao crime, para se tornarem fonte abundantissima de progresso moral e economico. O exemplo da Escocia é irrespondivel; á plena liberdade dos seus bancos deve este paiz o ser a mais florescente provincia da Grão-Bretanha.

Terminamos dizendo com Baudrillart — todas as liberdades são solidarias; — se uma padece, todas as outras se offendem. No mundo economico, assim como no mundo moral, a liberdade é a primeira condição do progresso.

EMYGDIO NAVARRO.

¹ A. Sudre—La circulation et les banques—Paris, 1865.

Numa album

Urna de corações, Augusto cofre
Das melodias d'alma,
Aonde a par do myrtho surge a palma
Da saudosa memoria de quem soffre,

Descerra-te a meus olhos,
Sanctuario de amizade:
E um nome de ternissima saudade
D'este jardim de abrolhos
Acceita-o, arca sancta, no teu seio,
Como harpejo subtil, que d'alma veio.

É mais um roxo lyrio aqui plantado
Neste viçar de amores!..
Feliz, se como o lugubre epitaphio,
Recordar as venturas do passado
No meio d'estas flores.

O melhor album

E um album sacrario de amizades,
Reliquias de um amor escripto lá!
É num album que viçam as saudades
De tempos mais ditosos, findos já!
Num album, mais que um livro diz um nome
Que ás vezes num cantinho escripto vem;
Mas o album melhor de quantos ha,
E que amores sómente em si contem,
É aquelle que o tempo não consome
— O coração de mãe! —

s.

Ultimos adeoses

Eu não te conheci, ó rosa pura,
Nas margens do teu Douro a vicejar,
E choro por te ver assim levar
Dos braços maternas á sepultura!

Choro; porque me doe o coração,
Quando penso na flor enverdecida,
E a vejo depois n'haste pendida
No pino caloroso do verão.

Choro; porque no fim d'este caminho
De lagrimas — não vejo a doce calma,
Aonde o coração busque seu ninho
Quando a esperança nos morre dentro d'alma!

Eu bem sei que não ouves quem suspira
Soluçando nas cordas do alaude;
Bem sei que aos tristes echos d'esta lyra
Não podem responder os do ataude!

Bem vejo tudo isso; mas as maguas
Que me lavram no peito, que estremece,
Quem pode minoral-as, se estas aguas
Não forem refrigerio a quem padece?

E conheço, ainda assim, que não devia
Chorar por quem no céu agora existe...
Conheço-o claramente, e todavia
Não sei que dor é esta que me assiste!

Secca a planta queimada pelo estio
Para viçar ao rocio da manhã.
Murcha a rosa, se falta agua no rio,
Mas floresce na volta mais louçã.

Morre o sol sobre a tarde no occidente
Para surgir depois num céu mais bello.
Só tu não voltarás; que eternamente
Na campa te fechou o eterno sello!

Embora: fique o pranto em nossos olhos,
E tu remonta á patria, volve aos céos...
O jardim do Senhor não tem abrolhos,
Pomba que nos fugiste, adeos, adeos...

S. DA CONCEIÇÃO.

Porto — 1866

À MEMORIA DE UM ANJO

(A SUA MÃE)

« Na tunica de arminho
Que te envolvia, triste,
Por que é que, ó meu filhinho,
Dos braços me fugiste?

« Quem é que te levou,
Ó minha branca flor,
Que assim me separou
Do meu primeiro amor?

« Se Deos nos ama tanto,
Que faz que não permite,
Que d'este infindo pranto
Minha alma resuscite?

« Mas por que espero em vão?
Que valem estes ais,
Se juncto ao coração
Não posso vel-o mais?

« Se dor carpia afflicta,
Achava em ti abrigo...
Mas hoje na desdita
Quem chorará comigo?

« De ti, meu puro archanjo,
Bastava-me um sorriso
P'ra ter ao collo um anjo,
No seio um paraizo,

« E tudo me levaram,
Tudo o que eu mesmo amei!
As dores só ficaram...
Elle não mais verei! »

Has-de vel-o, senhora, quando á noite
Em sonhos contemplares
Em gracioso bando
Na vastidão dos ares
As legiões de Archanjos, perpassando
Por uma e outra esphera
Aonde noite e dia é primavera.

Has de vel-o depois em nuvem d'oiro
Sentado nesse leito em que noutr'ora
Corrias a abraçal-o em cada hora,
Que na vida contava o teu thesoiro.

E quando a phantasia t'o mostrar
Redivivo no céo á luz dos cirios,
Estou que os teus martyrios,
Senhora, hão de acabar.

s.

Ao som da musica

Segredos da harmonia, eu vos entendo
Vosso cantar magoado que suspira.
Tambem pela minha alma andam gemendo
Uns tristes sons d'amor, de ignota lyra.

Oh! musicas dolentes, sois a falla
De quem fallar não pode, da agonia!
Por mim não sei que sinto, se me embala
A voz do teu cantar, doce harmonia...

Minha alma é como um anjo acalentado
No regaço de Deos — tu me acalentas;
Tua voz é como a trova do noivado,
Atito d'ave ao cabo de tormentas!

Minha alma então é como um cysne manso
Que nas aguas parece adormecido;
Adormece-me a dor, e emfim descanço
Nas ondas da harmonia embevecido!

Ai! felizes da terra, os vossos prantos
Quem já os viu cahir por noite escura,
Como estes meus agora, ouvindo os cantos
Do meu anjo que adeja lá na altura?

s. DA CONCEIÇÃO.

REVISTA

Recomeçaram as aulas na Universidade e estabelecimentos annexos: a Lusa-Athenas volta ao seu viver ruidoso. Já era tempo; se as ferias se prolongassem por mais alguns dias demittia-me das minhas funcções de chronista, attenta a impossibilidade de as desempenhar.

Os filhos de Minerva é que não partilham do meu contentamento; vem tristes e magoa-

dos como infelizes, a quem a dura sorte arremessou para um exilio tormentoso. Como elles alongam olhares saudosos para a *cara patria*, onde lhes fica a melhor porção da sua alma! Oh negregada *cabra!* Sino agoirento, que, como a coruja, soltas o teu grito sinistro ás horas do crepusculo, a essas horas de suavissima melancholia, em que a alma foge a esconder-se nas venturas do passado! És de bronze, e isso te vale: insensível aos prantos, affrontas impunemente os milhões de pragas, com que os *miseros* desafogam o seu odio ao contemplar-te volteando descaradamente no teu nicho de granito. As tuas badaladas são as notas tremendas de uma trombeta, que tambem chama a um pavoroso juizo final: desfazem todas as illusões: emmurhecem todas as esperanças.

Amigos: *soyez les bien-venus*; se folgo com o vosso regresso tomo parte tambem nos vossos pezares. Coragem, e avante!

— Já está á venda a *Segunda Carta de boas festas a Manuel Roussado* de que já fallámos na revista passada. Não é uma *peça litteraria*; nem valia a pena, nem o genio *ruço* do sr. Roussado tornava possivel critica d'esse quilate. O Auctor promette continuar no começo do anno seguinte, e dos que se lhe forem succedendo.

— No theatro academico estão em ensaio — A Abnegação — drama do sr. E. Biester, e — Cleta, ou a filha d'uma rainha — drama-lhão d'alto spectaculo de auctor desconhecido. É manjar para todos os paladares. Vão brevemente á scena.

E com este breve noticiario me despeço dos meus pacientes leitores, promettendo-lhes mais ampla *revista* para o numero seguinte se a semana não for tão escassa de acontecimentos importantes.

EMYGDIO NAVARRO.

8 de janeiro.

EXPEDIENTE

A ACADEMIA

SEMENARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica, n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre)... 600 réis
Provincias (por trimestre).. 650

As assignaturas de Coimbra pagam-se mediante a entrega do competente recibo.

Roga-se aos srs. assignantes das provincias o favor de mandar satisfazer a importancia do primeiro trimestre de suas assignaturas por meio de estampilhas ou vales de correio.

Os srs. assignantes a quem falta algum dos n.ºs da Academia queiram fazer a competente reclamação, para serem dadas as providencias devidas.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

VI

Mostrámos antecedermente que antes de 1520, melhor antes de D. João III, a philosophia entre nós não conseguira desenvolver-se, arrear-se, nem produzira, como fora para de-sejar, fructos saborosos e fecundantes. A dialectica vegetava nas escholas, reflectindo pallidos reflexos d'uma vida que não sabia representar, sem estimulo, sem a dedicação de cultores fervorosos, sem movimento, e por consequencia sem progressos.

O reinado de D. João III foi propicio ao melhoramento de nossas letras. A philosophia participou d'este beneficio, como incidentalmente fizemos notar. Aristoteles foi explicado na Lingua Grega. Mestres insignes illustraram com suas luzes os estudos da Universidade. Estes beneficios não vieram limpos de instituições, que deviam impedir no futuro a florescencia de tão optimas sementes.

Antes, porem, de avaliarmos este reinado sob o segundo respeito, devemos dar o logar, que lhe pertence, ao distincto philosopho Pedro Margalho, pois que tem relação a sua vida com a revolução operada nas nossas letras por D. João III.

Natural d'Elvas, Pedro Margalho estudara em Paris artes e Theologia, recebendo alli igualmente o gráo de doutor.

Pelos annos de 1520 foi eleito collegial do collegio de S. Bartholomeu de Salamanca, em cuja Universidade ensinou com applauso de todos a Philosophia Moral.

A sua fama soara tão alto, que D. João III o convidara para mestre do cardeal infante D. Affonso, convite a que accedeu facilmente o illustre philosopho.

João Franco Barreto cita entre as suas obras um Tractado da Logica da seita dos Nominaes, mas não cita textualmente pelo seu nome um outro livro, que Pedro Margalho intitulara *Physices Compendium*. Esta circumstancia inclina o auctor das Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra a crer que estas duas designações correspondem a um só livro. Conhece-se, á primeira vista, a inefficacia do argumento.

Vai o mesmo escriptor procurar segundo fundamento para a sua opinião a dous versos de Ayres de Barbosa, pertencentes a um epigramma impresso depois da prefação do Compendio de Physica de Pedro Margalho. Os versos rezam assim:

Ingenio clarus, doctrina clarus utraque,
Quæ a rebus non in nominibusve trahit.

Indicam sómente estes versos que Pedro Margalho conhecia profundamente os dois systemas dos Nominalistas e Realistas, e, por forma nenhuma, que o seu *Physices Compendium* fosse realmente o Tractado da Logica da Seita dos Nominaes, de que nos falla João Franco Barreto. Até parece deprehender-se o contrario. Se elle era illustre no conhecimento dos dois systemas, como é que João Franco Barreto se refere exclusivamente a um d'elles?

Se apparecesse o Livro chamado tractado da Logica da seita dos Nominaes, a difficuldade não teria razão de ser, e a opinião de Francisco Leitão Pereira ficaria completamente insustentavel, mas com o não apparecimento do mesmo livro nada se pode provar em favor da mesma opinião, pelo que passamos a expor do seu Compendio de Physica.

Este livro, apesar do que seu titulo indica, deve ser numerado entre as obras philosophicas do mesmo auctor, ainda debaixo do ponto de vista sob o qual nós consideramos a Philosophia nestes apontamentos. Isto vê-se do objecto do mesmo Livro. Na prefação lemos o seguinte trecho: «Ne ergo in Elyada Epistolium fatiscat, pacato suscipe vultu Epistolae loco Physices Compendium, quo a secundi exordio folii, ad id usque vocabulum, *Philologis*, Philosophiae rudimenta pertrinximus, et ab eo tandem loco, ultimum ad caput, mundialem hydrographiæ, atque cosmographiæ fundamenta jecimus. Dicentur posthac plura, si placere intellexerimus, quæ mittemus ad tuam Amplitudinem; Aristotelis in Philosophia auctoritamenta non contemnenda apposita sunt, ut brevitate plecti ad Physices studia Scholastici audaciores fiant.» — «Para não nos tornarmos prolixos, benigno accedit o Compendio de Physica, no qual desde a segunda folha até o vocabulo *Phyllogis*, tocamos os rudimentos da Philosophia; e desde ahí até ao ultimo capitulo lançamos os fundamentos da Hydrographia e Cosmographia. Em seguida mais diremos, se agradarmos. Vão no fim algu-

mas explicações tiradas de Aristoteles cerca da Philosophia, para que os estudiosos, attrahidos pela brevidade, entrem com mais audacia no estudo da Physica.»

É por tanto incontestavel que parte d'este livro era destinado á exposição dos rudimentos da Philosophia propriamente dicta.

Estas deducções seriam escusadas, se podessemos haver algum exemplar d'estas obras; mas desgraçadamente não succede assim.

Nem devemos admirar que o tratado de Logica da seita dos Nominaes não apparecesse no tempo de Francisco Leitão Pereira; pois que já a respeito do Compendio de Physica elle nos conta os seguintes pormenores:.... «Sómente pude descobrir o Compendio de Physica, impresso no anno 1520 em Salamanca, em letra gothica, sem ter no principio o nome do impressor, e por lhe faltarem as folhas ultimas não sei se estaria no fim d'ellas.» Mais abaixo acrescenta:... «E os exemplares d'esta impressão com mais de duzentos annos se fizeram tão raros, que apenas se descobre algum.»

Fossem, pois, um ou dois os livros correspondentes aos dois titulos referidos, o que sabemos, ao certo, é que Pedro Margalho fora conspicuo na doutrina dos Nominalistas e Realistas; e, como isto se refere a uma questão muito controvertida em toda a idade media, sobre tudo a contar do seculo XI, aqui daremos d'ella uma resumida noticia, a fim de ficarmos mais preparados para apreciar aquellas expressões, que por mais vezes tornaremos a encontrar nesta epocha.

Deu nascimento á questão dos universaes na idade media a Introducção de Porphyrio ás categorias de Aristoteles.

Aquelle philosopho, nascido 233 annos depois de Christo, pertencia á eschola Neoplatonica, e, escrevendo a sua introducção ás categorias de Aristoteles, dera algumas explicações sobre — genero, differença, especie, proprio e accidente, as quaes acompanhara a seguinte declaração: « Não direi se os generos e especies subsistem realmente, ou só no entendimento; se são subsistencias corporeas, e se existem separadas das cousas sensiveis, nellas ou em cerca d'ellas; — porque uma questão d'esta natureza é espinhosissima, e demanda maiores investigações.»

Estas palavras excitaram mais tarde a sagacidade de Boecio, o qual tractou esta questão não sómente em seus commentarios a varios fragmentos de Porphyrio; mas tambem no seu commentario ás categorias de Aristoteles.

Aquelle philosopho nascera em Roma pelos annos 470 depois de Christo, e tendo-se dado aos estudos philosophicos, proseguiu com ardor e tenacidade na resolução d'este problema, manifestando nas suas investigações a muita

subtileza do seu ingenho. Mostrou que esta questão fora diversamente resolvida pelos dois grandes philosophos da Grecia — Platão e Aristoteles. Eis as suas palavras: « Platão julga que os generos e as especies e os outros universaes não sómente existiam na intelligencia, mas tinham tambem uma existencia propria fóra dos corpos. Por sua parte Aristoteles era de opinião que os universaes e incorporeos existiam nas cousas sensiveis.» Era, por tanto, a questão veneranda quer em si, quer historicamente.

Pensam alguns escriptores que a questão, independentemente da sua origem historica, teria existido. Não o duvidamos, mas não surgiria tão cedo, nem seria logo tractada com tanta agudeza e affinco. Tomou depois tal importancia na meia idade a questão dos universaes, que os escolasticos pareciam possuidos da convicção de que era possivel derivar d'aquellas noções geraes as fontes de toda a sciencia. M. de Gerando comparou pittorescamente a escolastica a uma especie de alchimia que emprega os universaes como substancia e a dialectica como instrumento.

Costumamos agrupar os individuos em especies e estas em generos, os escolasticos perguntavam se os generos tinham uma existencia real em abstracto dos individuos. Diziam que não os Nominalistas; os Realistas respondiam afirmativamente, e os Conceptualistas defendiam a natureza de ideas ou de conceitos para aquellas noções, não admittindo que fossem simples palavras, nem tolerando aos realistas a tenacidade com que propugnavam em favor da sua realidade independentemente das individualidades.

Estes systemas tiveram muitos e perspicazes defensores; as variantes, que offereceram, foram numerosas, tenuissimas e difficeis de apreciar. Quem quizer formar uma idea rigorosa e verdadeira das suas cambiantes precisa de descer a uma analyse escrupulosa. Mattés, depois de maduras e minuciosas investigações, concluiu pela reprovação dos systemas geralmente seguidos. Realmente é impossivel admittir á luz das theorias então defendidas o predomínio quasi exclusivo de nenhum dos systemas. O modo de ver portanto de Cousin, d'Hippeau e do geral dos historiadores difficulosamente poderá admittir-se nesta parte.

As formas caracteristicas, debaixo das quaes se nos revelaram em toda a idade media aquelles differentes systemas, podem consubstanciar-se do modo seguinte: antes do seculo XI os sabios admittiram segundo Platão e com elle a preexistencia das noções geraes — *universalia ante res*; depois até ao seculo XIV seguiram os sabios um d'estes alvitres — *universalia ante res, universalia post res, universalia in rebus*; mais tarde modificou-se a discussão notavelmente, os escolasticos deixaram de

a applicar a Deos, e os termos—*universal e individual* tomaram-se num sentido menos vago, significando a idea em si ou a idea realisada, e dando, em harmonia com estas especialidades, uma noção menos lata e um desenvolvimento mais restricto ás formulas enunciadas.

Estes systemas debateram-se porfiadamente sem desistencia. A sciencia christã não perflhava nenhum d'elles decididamente, mas as suas tendencias pareciam ambicionar um termo de conciliação que, talvez, no estado ultimo da questão se contenha proximamente nestas palavras d'um eminente escriptor d'aquelles tempos: *Quae determinatio et indeterminatio sunt secundum esse et intelligi*:— « Só é o determinado, o indeterminado apenas existe no pensamento. »

Taes foram as principaes phases por que passou esta delicada e espinhosa questão, sem duvida uma das mais profundas de que o espirito humano pode occupar-se. Aqui pomos ponto; porque não é possivel indicar, nem ainda em resumo, algumas importantes questões accessorias, cuja resolução participa, por egual, da difficuldade d'aquella que tentamos esboçar nessas poucas linhas que ahí deixamos.

J. J. LOPES PRAÇA.

SAUDADES DE FILHA

Era alli. Brando sopro dos favonios
Balançava na flor;
E como, sendo tu rosa tambem,
O vento te levava com desdem
As tranças, meu amor...

Contemplavas o sol que esmorecia
Na orla do occidente,
E c'os olhos na luz que se encobria:
«Ai! sol, porque me deixas sem que eu possa
Nos céos voar contigo eternamente?!

« Contigo subiria á eterna estancia.
Num extasis d'amor:
Contigo ascenderia ás aureas portas
Do templo do Senhor.

« E volvendo por mundos sempre ignotos
Em poz de sua imagem,
Ao menos vel-a-ia na passagem,
E vendo-a lhe diria

— Minha mãe, porque á celica paragem
Tão cedo remontaste?
Porque assim neste mundo abandonaste
Quem tanto te queria?—

« Luz do sol orgulhosa, que me deixas
Sósinha num tal ermo,
Que mal te fez quem chora as suas queixas,
Se, podendo, a não levas já contigo
Aos climas, onde as maguas têm seu termo?...

« Qual som d'harpa quebrada que inda geme
No extremo soluçar,
Parece que ainda a voz, no meu delirio,
Te escuto, ó mãe, de lá, do summo empyreo,
Por mim a suspirar.

« Tambem eu cá na vida em vão suspiro
Por ti, por ti sómente, ó doce bem;
Mal sabes tu, que vives já no céo,
Quanto soffre na terra quem perdeu
Carinhos de sua mãe!

« Tu foste filha: sabes quanto custa
Viver aqui sem mãe, continuo em ais;
Ouvir alguma voz, pensar que é ella,
Correr após a sombra, e já não vel-a,
E a voz dizer por fim — tua mãe, jámais!»

E a quatro e quatro as lagrimas dos olhos
Derivam como uns fios crystallinos...
Oh! quem chorar não ha de, quando choram
Uns olhos, como os teus,
Angelicos, divinos?

Viste-me. Num instante os olhos roxos,
Perennes fontes d'agua,
No véo foste encobrir, como se acaso
A alguem ficasse mal á vista d'outrem
Chorar a sua magua!

Desde então nunca mais olhos de alguem
Os teus foram buscar, que os não vissem
Errando em mar de pranto, como se elles
Para sempre chorar só existissem!

Cessai tanto chorar, minha orphã triste,
Não mais tamanha dor que vos humilha:
Se o céo é dos que choram, bem vos bastam
As já vertidas lagrimas de filha!

J. SIMÕES DIAS.

O primeiro beijo

Seria um beijo? Nem eu sei se creia;
Em vão pergunto á doida phantasia;
Calor d'um beijo doce parecia
Esse fogo subtil, que inda se ateia!

Ardem-me as fibras d'este peito enfermo
Lazaro morto, que esperava, ha tanto,
Um beijo amigo que levasse o encanto
Que me trazia a suspirar sem termo!

Seria um beijo? Que eu não sei se fora
Real ou sonho o que em minha alma vi!
Raiar de esperança semelhando a aurora
Que em labios mostra divinal huri?

Dedo de fada me tocou de leve
Na accesa face que escaldava em brasa!
Tremulo anceio!.. um braço me susteve
Os olhos volvo de redor da casa!

Que luz, que assombro! A casa illuminada!
Um conjuncto de auroras respandia!
Abria os olhos e não sei que via!..
De cada canto espande uma alvorada!

Um beijo fez-me Deos. Nada se esconde
À luz que ante meus olhos se derrama!
Mas donde procedesse aquella chamma
Em vão pergunto, nunca sube donde?

Não sei se era do sol que então entrava
Pelos vidros purpureos da janella!
Se era dos olhos luminosos d'ella,
Languidos olhos, que nos meus fitava!

S. D.

DIVERSÕES PHILOLOGICAS

I

Do movimento de ideas com que fechou o seculo 18 e abriu o 19 resultou, na ordem scientifica, o descobrimento de grande numero de leis que regem os seres, do methodo natural para a zoologia e a botanica e do systema de classificação a que se devem, na maior parte, os progressos ultimos da chimica. O animal o vegetal, o corpo inorganico tiveram desde então maior interesse aos olhos do homem, ao passo que melhor se foi comprehendendo a sua natureza e conhecendo o seu logar na ordem dos seres. Um outro producto natural — a palavra humana¹ — que nunca attrahira tanto a attenção como aquelles e que muitos sabios não julgavam capaz de ser objecto d'uma sciencia, continuava por aquella epocha a ser estudada com um fim meramente practico e sobre ella apenas havia vistas empiricas. E nem de longe entreviamos zoologistas, os botanicos dos chimicos, quando as suas sciencias se assentavam sobre solidas bases, que em breve teriam ellas uma rival e que mais tarde se collocaria entre a botanica, a zoologia, a chimica e as outras sciencias da natureza, então existentes, a philologia comparada ou sciencia da linguagem.

¹ Que a palavra é um producto natural e por consequencia a sciencia da linguagem uma sciencia da natureza, provou-o Max Müller — *Lições sobre a sciencia da linguagem* — trad. franceza, liv. II.

Era mister que o homem tivesse chegado a um alto gráo de reflexão sobre si proprio para que, conseguindo vencer a indifferença produzida pelo habito, desse ouvidos aos enigmas propostos por essa Sphynge que se chama a palavra, e julgasse esta expiração modificada do ar contido em seus pulmões tão digna de ser estudada como o gravitar dos mundos, a geração dos seres, a tempestade, a mobilidade dos mares.

Que ha todavia que admirar em que o homem só tarde lançasse um olhar profundo para o instrumento com que exprime suas ideas quando sabemos que havia milhares de seculos que o sangue lhe girava nas arterias e veias, e ainda não tinha descoberto esse movimento? E talvez ainda hoje ignorassemos a circulação do sangue e todos os grandes phenomenos physiologicos que d'elle resultam, ou pelo menos não os soubessemos explicar, sem os trabalhos de Harvey, em cuja gloria tem consideravel parte Fabricio d'Aquapendente.²

Data de 1808 a nova epocha da linguistica, aquella em que foi elevada ao gráo de verdadeira sciencia. Nesse anno chamou Frederico Schlegel a attenção da Europa sabia para a antiga lingua sagrada da India, e notou a sua importancia para o conhecimento da classificação e genealogia das linguas, numa obra em que ao lado de vistas brilhantes se encontram erros que em breve foram corrigidos. Schlegel, por exemplo, excluiu do gremio da familia de linguas, chamada indo-europea, o grupo celtico e nuns artigos do *Jornal da sociedade asiatica de Paris*³ reivindicava, algum tempo depois, os direitos d'esse grupo, o notavel philologo francez, Adolpho Pictet: os trabalhos posteriores a este confirmaram plenamente as suas asserções. Desde aquelle anno um grande numero de trabalhos importantissimos, produzidos por homens superiores, como Humboldt, os dous Grimms, Bopp, Kuhn, Renan, Müller e outros, cujos nomes serão sempre pronunciados com respeito, têm patenteados muitos dos thesouros das novas sciencias, e fazem-lhe esperar um futuro brilhante. E tal é a importancia d'esta que constitue hoje um dos ramos do ensino superior nos paizes que caminham na vanguarda da civilisação.

Infelizmente é sorte de Portugal que quasi todas as sciencias só depois de terem longas vidas vençam a alta barreira que nos separa do movimento de ideas que agita o resto da Europa; e neste ponto a philologia comparada parece ser das mais malfadadas. Rarissimas obras philologicas têm sido publicadas entre nós estes ultimos annos e essas mesmas, como as mais numerosas da primeira metade d'este seculo, são inteiramente destitui-

² Fabricio descobriu as valvulas das veias. V. *Hist. de la circulation du sang* de M. Flourens — 1854.

³ Serie III, T. II.

das de direcção scientifica e pela maior parte cheias de erros, que desgraçadamente se propagam livremente.

Correm ainda hoje entre pessoas olhadas como doctas as extravagantes opiniões ácerca da origem da nossa lingua de Antonio Ribeiro dos Santos etc.

Têm sido, em verdade, combatidas essas opiniões, e entre seus adversarios ha uma auctoridade respeitavel, o sr. Alexandreerculano; mas os argumentos contra são insufficientes, ainda que verdadeiros, e debaixo d'elles renascerá sempre a questão, que deve ser tractada não no campo da historia, senão no da philologia comparada.

Com o fim de prepararmos os dados para resolver definitivamente a questão, que alias se acha resolvida nas obras dos grandes philologos do nosso seculo, mas que deve ser tractada d'um modo adequado á ignorancia, que parece haver em Portugal, dos mais elementares principios da sciencia da linguagem, vamos reunindo alguns factos curiosos e indicando as leis que os explicam, e ainda que por em quanto não possamos systematisal-os, publicando desde já nossas investigações a fim de ir popularisando alguns processos philologicos e leis da linguagem.

São as nossas investigações attinentes a provar o erro dos que sustentam:

1.º Que a lingua portugueza não tem origem na latina, senão em a celtica;

2.º Que a lingua portugueza, como as outras linguas modernas da Europa meridional, ou néo-latinas, não provem d'uma lingua primitivamente commum, adiantada corrupção do latim, que Raynouard chama *romano-rustico*;

3.º Que o portuguez deriva do castelhano.

As duas primeiras opiniões têm tido campeões em Portugal, particularmente a primeira, a que deram auctoridade os eruditos academicos Ribeiro dos Santos, que para a sustentar se dedicou a vastissimas investigações, perdidas, por assentarem numa base falsa; cardeal D. Fr. Francisco de S. Luiz, que resumiu os argumentos da sua eschola contra a origem latina do nosso idioma numa memoria,⁴ onde é curioso ver a que cegueira pode levar o amor do paradoxo; e o profundo diplomatico e archeologo, João Pedro Ribeiro, cujo largo conhecimento dos mais antigos escriptos em latim barbaro e em vulgar da peninsula lhe fariam reconhecer a verdade, se o não cegassem asserções que não pesava devidamente, e se não fosse inteiramente alheio aos estudos philologicos, que ainda em seu tempo deram largos passos.

As verdades colhidas pela sciencia tardam em brilhar e criam poucas raizes em Portu-

gal; mas os erros acham quem aqui os proclame, logo que alguns cerebros os produzem alem dos Pyreneos, e por tal modo se arreigam que difficilmente cedem ao braço que os pretende arrancar. Apesar do que se tem escripto para provar o vão da celtomania, vive esta, e chegou até a insinuar-se nos livros do ensino superior. Num compendio escripto por um distincto professor da universidade⁵ se acha propagado o erro e defendido com a allegação da auctoridade d'outro distincto professor, muito versado no conhecimento das linguas.

Vê-se pois que é difficil vencer uma opinião que tem tantos defensores; nem é pretensão nossa fazel-o: apenas pretendemos preparar o terreno em que se ha de semear a verdade.

F. A. COELHO.

O teu lenço

O lenço que tu bordaste
Trago-o sempre no meu seio
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.

As letras que lá pozeste
São feitas do teu cabelo;
Por mais que o veja e reveja
Nunca me canço de vel-o!

De noite dorme comigo;
De dia trago-o no seio,
Com medo que os outros saibam
Donde este lenço me veio.

Alvo da cor da assucena
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudades,
Porisso lhe quero tanto!

O lenço que tu bordaste
Tem dois corações no meio;
Só tu no mundo é que sabes
Donde este lenço me veio.

É de cambraia o teu lenço,
O lenço que me offertaste;
Parece que inda estou vendo
Os dedos com que o bordaste!

Para o ver até me fecho
No meu quarto com receio
Que m'o vejam, e perguntem
Donde este lenço me veio.

⁵ Sr. dr. Macedo — *Medicina administrativa e legislativa*: excerpto de p. 235 a 237 do 9.º vol. do Instituto. No mesmo jornal e vol. a p. 284 exprime a mesma opinião um outro professor. Seria longa a enumeração dos que opinam pela origem não latina do nosso idioma.

⁴ *Mem da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. XII, part. I, p. 1 a 43.

Com os olhos nesses bordados
Nem sei até no que penso;
Os olhos tenho-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

Se ás vezes lhe dou um beijo,
Guardo-o logo no meu seio
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.

Nas letras que tu bordaste
Vem o meu nome e o teu;
Bemdito seja o teu nome,
Que se enlaçou com o meu!

Porisso o trago escondido,
Bem guardado no meu seio
Com medo que me perguntem
Donde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vel-o,
Mais o amor se renova;
Porisso quando eu morrer
Quero leval-o para a cova.

Vem pol-o sobre os meus olhos,
Que eu hei de tel-o no seio,
Mas não descubras ao mundo
Donde este lenço me veio.

J. SIMÕES DIAS.

As mulheres

« Que ha ahi que alegre melancolias, como uma voz suave de mulher? — Diz A. Herculano com toda a sublimidade de sua phrase. — Na mais aborrida hora do existir, se vem cortal-a um sorriso feminino, o homem cessa de maldizer da vida.... Onde sôa a voz da mulher ha sempre um brado de esperança, como, por mais que o céo ande cerrado de nuvens, não desesperamos da luz; porque sabemos que alem d'esses castellos nebulosos gira o astro do dia, que mais cedo ou mais tarde afugentará as trevas que nos rodeiam. Mulher, mulher! astro de luz tambem tu és, somos nós as nuvens de tempestade que muitas vezes te escurecemos a face, e depois nos queixamos de ti, e te accusamos e amaldiçoamos, tendo-te apagado o brilho da pureza com o lodo das nossas paixões vilissimas!.... »

O elogio é traçado por mão de mestre; a descripção deve pois ser verdadeira. Não se orgulhem porem as mulheres, porque o reverso do quadro tem tanto de feio, como este de bello. Nem para todos as mulheres são anjos; para muitos são demonios.

A favor e contra a mulher ha auctoridades de grande peso, que farão vacillar algum espirito mais tímido; eu porem entendo que os que pretendem denegrir a mulher, ou mentem á sua consciencia, ou não têm coração.

CONTRA

A mulher boa é tão rara, como o corvo branco.

S: Gregorio.

Está por decidir se as mulheres resuscitarão com o sexo que tiveram, porque ha receios de que ellas consigam tentar-nos na presença do proprio Creador.

S. Bernardo.

Quando ouço fallar uma mulher, fujo d'ella como d'uma vibora que silva.

S. Pedro.

A mulher é o requinte do peccado.

S. Agostinho.

A mulher é o defeito da natureza.

Milton.

A mulher é um manjar agradável, quando o diabo se não encarrega de temperar.

Calderon.

As mulheres são perfidas como a onda.

Shakspeare.

A mulher é um diabo aperfeiçoado.

Victor Hugo.

Se um Orpheu desceu ao inferno a buscar a mulher, quantos viuvos deixariam de ir ao paraizo, se tivessem a certeza de lá encontrar a que lhes pertenceu?!
Petitt Senne.

A FAVOR

Deos, que se arrependeu de fazer o homem, não se arrependeu nunca de crear a mulher.

Malherbe.

Ha mão de mulher em tudo o que nos agrada.

Dupaty.

A mulher é a obra prima do universo.

Lessing.

As mulheres são a melhor metade do mundo.

Rousseau.

Ha sempre uma mulher na origem de todas as grandes coisas.

Lamartine.

Para representar a belleza dos anjos pintam-n'os á semilhança das mulheres ***

As flores e as mulheres enfeitam e guarnecem a terra. ***

As mulheres semêam rosas celestes na carreira da nossa existencia. ***

Terminarei, patenteando o que me dizem a minha razão e o meu coração. Se consulto aquella, direi que as mulheres são o que ha de melhor ou peor neste mundo.... Anjos para os que amam; demonios para os que lhes são indifferentes.

Se escuto este, direi que a mulher é como a estrella que scintilla na cerração da tempestade, como a brisa da patria para o desterrado, como o fresco arroyo para o viajero do deserto, e como a sombra da palmeira para o arabe. E como a uma cabeça cheia de sciencia é superior um coração cheio de crenças, eu mais creio no que este me diz.

F. DA SILVA MACHADO.

A doente

Vede-a no leito! A dor lhe enrugou a face
Agora desmaiada como a opala!
Na mais horrivel contracção da morte
O sangue lhe arrefece; o peito estala!

Contemplai-a!.. Que pena faz ao vel-a,
A rosa amortalhada entre os arminhos!
Como o lirio calcado nos caminhos
Esparge pelo chão a essencia e a cor,
Assim a formosura, a cor tão bella
Lhe fez perder a dor.

A formosura! não: anjo do céo
Tão perto a ver a Deos no seu 'splendor
Parece que de novo amanheceu
Mais repleto de graças e primor!

Os labios contrahidos tem crestados
Pelo queimar febril;
Mas inda assim mudados
A virgem os descerra num sorriso,
Como a flor que se entre-abre ao sol d'abril!

Na morte inda formosa, inda a sorrir-se,
E tão breve a partir!
Vede agora, que prestes vai sumir-se
Um tal riso no pranto que lhe vejo
Dos olhos a cahir.

« Ai! que tormento,
Que negra sorte,
Que arfar de morte,
Que em dor desfeito
Me estala o peito!
Ai! que frescuras,
Que em vão anejo!

Minha mãe, onde estás, que te não vejo?

« Quizera ainda
Na despedida
Dar-te com vida
O extremo adeos;
Depois sem maguas,
Ó mãe querida,
Subir aos céos!
Mas ai! perdido
Triste desejo!

Minha mãe, onde estás, que te não vejo?

Se és a meu lado
Anjo da paz,
Conforto á triste
Porque não dás?
Não me conheces,
Mãe adorada?
Sabes se um dia
Mais me verás?
Ai! que martyrio,
Cruel desejo!

Minha mãe, onde estás, que te não vejo?»

E ficava outra vez. Cruel marasmo
Lhe assalta os seios intimos com ancia;
Na cruz fitou os olhos: nesse pasmo
Dirieis que subiu á eterna estancia.

Oremos que é passada
Á patria donde veio:
De Deos no eterno seio
Buscou sua morada.

De dores foi bem martyr
Essa que Deos lá tem;
Mas de virtudes rica
Morrer soube tambem.

«Morrer, diz ella, não; que ainda me fica
Na terra minha mãe!»

s.

REVISTA

Magra de noticias tem corrido a semana:
e tão magra, que eu não sei de mais atrevida
façanha que a de escrever-lhe a revista.

Ha duas horas, que me sentei á banca neste
audacioso empenho. Debalde. Levanto-me;
passeio; alongo o pescoço pela janella á mira
de um prodigio, de qualquer coisa que me dê
para encher estas tiras em branco, que tenho
diante de mim: — vejo apenas ao longe o
vulto magestoso do Bussaco, as brumas al-
vacentas do oceano, e aqui, bem perto, o Mon-
dego, burguez enraivecido, rolando as aguas
turvas por entre os esguios esqueletos dos
seus salgueiros. É tudo velho: tem a idade
do mundo.

Fitei os olhos no tecto em cata d'uma idea
luminosa, que me baixasse do empyreo, sus-
pensa de um fio de aranha, visto a lua estar
recolhida para me emprestar um dos seus
raios: lembrei-me de André Chénier; mas por
mais que esmurrei na testa, e repeti o *j'avais
quelque chose lá* do poeta, a providencia não
veiu em meu socorro; fiquei no mesmo estado
de penuria descriptiva.

Palavra d'honra! Sou pessoa inoffensiva
e de humanitarios sentimentos; mas ha duas
horas que me sinto presa de satanicos desejos:
o coração anda-me rabiando com impulsos fe-
rozes. Queria ver pilhas de cadaveres, lagos
de sangue, a fumaça do incendio, o desabar
ruidoso dos edificios: — passaria no meio d'esta
desordem, grave, fatidico, magestoso, como um
propheta do destino, entoando um threno de
maldição. Era uma revista de mão cheia.

Dá Deos as nozes a quem não tem dentes.
Nero e os outros monstros, de que reza a his-
toria, foram o flagello da humanidade: mas
seriam tambem a providencia dos chronistas,
se já então se escrevessem *revistas semanaes*.
Estou com vontade de dar um pontapé na

historia, e de os abençoar pelo bem que podiam ter feito. Felizes tempos!

Mas já que estou fatalmente condemnado a contar alguma cousa, vou refugiar-me no theatro, onde foi anichar-se a pouca vida d'esta abençoada terra.

Vem a geito fazer aqui uma rectificação importante. Escrevi em uma das revistas passadas que o theatro de D. Luiz, antes da chegada de D. Carlos Mesa era só frequentado pelas *ratazanas* e pelas aranhas. Pois, senhores, enganei-me; segundo escreve o correspondente de um jornal do Porto tem havido naquelle theatro recitas á *porta fechada*. Até aqui não ha que admirar senão a modestia dos actores; mas o curioso da historia é que, no dizer do tal correspondente, a esses espectaculos sómente podiam assistir mulheres: o sexo barbudo ficava fóra da porta. E que tal?! Bom será que o negocio se esclareça para desaggravo dos cavalheiros, de quem se murmura, ou *edificação* do respeitavel publico. Se o alludido correspondente não for desmentido, sempre os deixo na classe dos roedores. Não lhes chamo *ratazanas*: mas direi — que ratões! —

E agora fallemos do theatro academico. No sabbado passado representou-se a *Cleta*; é um dramalhão dos antigos tempos, mas que nem por isso deixa de ter notavel merecimento. Se lhe falta o pensamento social do theatro moderno, offerece-nos comtudo excellentes typos historicos, de cujo estudo (ainda mal) muito ha ainda a aproveitar. E depois, eu não sei bem o que valem certas baboseiras, que por ahi nos impingem a titulo d'eschola moderna: se o theatro tem realmente por fim cooperar para a regeneração da sociedade, arrancando ao vicio a cobertura doirada que o esconde, e enflorando as ideas novas para vencer a repugnancia que obsta á sua adopção, força é confessar que o trilho que se tem seguido leva a um rumo differente, senão totalmente opposto. O nosso repertorio moderno, e o francez, seu modelo, provam a minha asserção. É verdade que alguns exemplos brilhantes se offerecem em contrario; mas são elles tão poucos, que antes devem constituir excepção do que regra.

O publico já está farto de tanta banalidade: começa a fugir d'ellas como o diabo da cruz. É o que explica, a meu ver, o immenso successo, que nestes ultimos tempos têm tido as *Magicas* — os mais estupendos de todos os absurdos dramaticos.

É de notar que os inimigos *d'extrangeirices*, os que gritam contra os que se atrevem a implantar entre nós alguma cousa boa do que ha lá por fóra, os que fogem d'Hegel e Feuerbach como de empestados, os que vêem nos *classicos* os eternos modelos da nossa litteratura, são exactamente os mesmos que afogaram a magnifica semente lançada em nossos palcos com o fr. Luiz de Sousa, Alfageme e

outros, e que estão á mira de uma peça nova, que venha de França para d'ella forragearem as frivolidades e inconveniencias, com que têm depravado o gosto das nossas plateias. Deos os illumine, senão é o excesso de *luz* que os cega.

E lá me ia eu desmandando em dizeres de critico, sem me lembrar da ferula dos pedagogos officiaes. Peço desculpa, e volto a fallar da *Cleta*.

O desempenho d'este drama foi o mais satisfactorio possivel: pode affoitamente dizer-se que é o melhor spectaculo que de ha muito temos gozado em Coimbra. Carlota Velloso não esteve deslocada: pode por isso desenvolver os seus recursos artisticos. A plateia fez-lhe a justiça devida, saudando repetidas vezes esta nova manifestação do seu talento *dramatico*. Maria da Luz, e Amaral conquistaram tambem merecidos applausos.

D'entre todos, porem, os que mais se distinguiram pela natureza especial dos papeis, que representaram, foram os srs. Soares Franco (rei de Navarra) e Claro (dominico confessor). O rei de Navarra é um mixto de hypocrisia, malvadez, fanatismo, e auctoridade despotica, de que a historia das monarchias nos offerece abundantes exemplos. O seu confessor é um refinado velhaco, ambicioso que negoceia a troca do seu borel de frade por um barrete de cardeal á custa da independencia do povo que secretamente governa. É um typo demasiado vulgar ainda, e que muito se aproveita em fazer conhecer.

Os dois academicos souberam vencer a grande difficuldade de traduzir em scena os caracteres multiformes daquellas duas personagens. Um confirmou a sua reputação de actor distincto; o outro revelou uma vocação que todos lamentam não poder manifestar-se por mais alguns annos no palco do theatro academico. *Au revoir*.

EMYGDIO NAVARRO.

17 de Janeiro.

EXPEDIENTE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica. n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre)... 600 réis
Provincias (por trimestre).. 650

As assignaturas de Coimbra pagam-se mediante a entrega do competente recibo.

Roga-se aos srs. assignantes das provincias o favor de mandar satisfazer a importancia do primeiro trimestre de suas assignaturas por meio de estampilhas ou vales de correio.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia
entre nós

VII

A opinião publica toma contas severas aos reis que tentam sumir na impossibilidade d'uma synthese individual todos os elementos da governação publica.

É verdade que elles não conhecem muitos dos actos de que são incriminados, mas a condescendencia lhes faz caber uma parte consideravel na responsabilidade de seus auctores.

Nos governos absolutos o arbitrio dos reis torna-se, por vezes, sensível, e representa entregue a seus proprios recursos um papel importante. Raras vezes o temor da religião ou a voz da consciencia reprime os desvairamentos dos despostas; mas o meio social differente em que elles se manifestam reprime frequentemente as suas tendencias desordenadas. Poucos monarchas dominam as circumstancias, e dos que conseguem dominal-as raros as encaminham ao bem de todos.

No tempo de D. João III, as liberdades patrias declinaram sensivelmente. O rei assumira mais e mais a responsabilidade do seu governo. Diz-se, e já dissemos tambem, que fora o seu reinado o reinado das Letras, e que seriamente secundara D. João III o seu esplendor. Isto é verdade debaixo d'um ponto de vista geral. O seu reinado foi o reinado das Letras, como foi o reinado dos Jesuitas e da Inquisição. Quando o rei em prejuizo das liberdades populares quer ser tudo, o povo tudo lhe imputa. É uma compensação insufficiente, mas até certo ponto merecida.

Actualmente a Historia, animada pela independencia e pela liberdade, analysa e discute. O movimento litterario d'aquelle tempo é attribuido ao impulso generoso dado á causa publica por D. Manuel, e que D. João III se vira na necessidade de acceitar. A Inquisição e os Jesuitas são attribuidos á indole do rei e ao seu fanatismo. As nossas convicções rejeitam um modo de ver tão exclusivo.

D. João III, dotado de debil intelligencia, não chegara a dominar as circumstancias. A náu da governação publica obedecia aos impulsos recebidos; o rei continuava sempre deixando-se dominar pela atmospheria que o

cercava, sem que a sua indole se possa accusar de corrupta e má. O seu genio não lhe prestava recursos para mais altos destinos. Neste presupposto a boa fortuna das letras se explica como a sua posterior decadencia; e a admissão dos Jesuitas e a Inquisição se consolidam em Portugal sem que se recorra para a sua explicação ao expediente dos máos instinctos do Rei.

Até D. João III o nosso povo tinha sido livre sem medida justa e pensada, — liberdade nascida á luz d'uma consciencia pura, serena e illibada, e a que não assustavam as tramas do despotismo, nem da tyrannia. Os reis entendiam o genio do povo, eram generosos e liberaes com elle, ou por instincto ou por assim o entenderem bem. O poderio, as riquezas e o luxo ruiam sobre Portugal pobre, trabalhador e honrado, como bem merecido premio de seus aturados combates com a natureza e com os homens. O brilhantismo da victoria a todos deslumbra, e sem recato nem prudencia saborearam-lhe os fructos, e com o alimento acolheram no seio a vibora que os havia de arruinar, como é de costume em todos os povos. As Letras foram o alimento sadio; o luxo, a depravação moral, a relaxação dos costumes a vibora dolosa que acabou por esterilizar a arvore fecunda da instrucção, e por embaciar, em favor do despotismo, a pureza da consciencia, unico fundamento, que então havia, e de futuro haverá, das liberdades nacionaes. A Inquisição e os Jesuitas, ainda que naquelles tempos podessem agradar a consciencias illustradas, tornaram-se posteriormente instituições ominosas, principalmente a primeira.

Estas duas corporações exerceram em nossas letras decisiva influencia. Os Jesuitas apoderaram-se do ensino. A Inquisição opprimia a liberdade de pensamento em todas as suas manifestações. Aquelles tinham uma unica forma de pensar, e parece que adoptavam a Inquisição para obrigarem o mundo a pensar da mesma maneira. A não pequena difficuldade em separar o dominio temporal do espiritual, e a compenetração absurda das duas espheras illimitadas lançava o espirito do paiz na mais lastimosa situação moral. Veremos como succedera isto com respeito á Philosophia.

A Inquisição foi estabelecida em Portugal na sua forma mais completa pela bulla de 16 de Junho de 1547. A Sociedade de Jesus confirmada authenticamente a 27 de setembro

de 1540, foi desde a sua origem bem acceita entre nós. Pode dizer-se, portanto, que estas duas instituições presentiram, desde o seu estabelecimento, os auxilios que reciprocamente deviam prestar-se na sua desenvolvimento. A origem d'estas corporações em Portugal deve filiar-se no predomínio do espirito religioso d'aquella epocha, no terror da heresia de Luther, e na necessidade de implantar a religião da Cruz nas plagas do Oriente. A estas circumstancias, cremos firmemente, se deve a maioria das razões que motivaram a sua existencia entre nós. Uma vez estabelecidas estas coporações, a sua influencia foi directa e demorada na vida de Portugal.

Não tardou muito que a educação da infancia fosse confiada aos Jesuitas. A fundação do collegio de Coimbra da Sociedade de Jesus começou logo a 14 de abril de 1547. O padre Simão Rodrigues, companheiro de S. Ignacio, e que, tendo vindo de Roma com S. Francisco Xavier para levar a voz do Evangelho ás Indias, ficara na corte, foi o fundador d'esta Provincia da nova sociedade.

Cresceu rapidamente a sua preponderancia. Logo no primeiro de Outubro de 1555 se aggregou ao da mesma companhia o collegio das eschololas menores da Universidade. O provincial Diogo Mirão recebeu a posse d'elle das mãos do reitor Diogo de Teyve. Constituida sob taes auspicios, é innegavel que a sua grandeza futura se devia operar em poucos annos.

Apezar d'esta aggregação do collegio das eschololas menores da Universidade á Companhia de Jesus, já vimos que não podia haver mudança de Philosophia nas eschololas, e que effectivamente a não houvera. Mestres religiosos foram substituidos aos seculares, e, para nos cingirmos ao nosso proposito, só faremos menção de Marçal Vaz, que ensinara o primeiro anno philosophico, Jorge Serrão o segundo, e Francisco da Fonseca o terceiro, tendo por substituto Sebastião de Moraes. Qual fora a Philosophia professada neste collegio e objecto de mais extensão. Começaremos no numero seguinte por um esboço biographico—philosophico de Pedro da Fonseca.

J. J. LOPES PRAÇA

ANJO DORMIENTE

Embala o filho pequeno,
Deixa dormir a creança,
Fructo dos nossos amores
A nossa primeira esperança.

Vês como é lindo? Parece
Nos lindos olhos que tem
Que Deos alli retratara
Os olhos de sua mãe!

Não vás accordal-o; deixa
Dormir o pobre innocente:
Nós temos alli um filho,
Deos tem um anjo dormente.

J. SIMÕES DIAS.

SONETO

ÁS SUAS LAGRIMAS

Já veste o ceo d'azul;—vai-se extinguindo
Da minha soledade o desalento,
E, em vez de confiar só no tormento,
As creanças na virtude vão surgindo :

Existe, existe o amor. O sonho lindo
Contra calculos frios toma alento ;
E em intima candura o sentimento
Do mundo aos desgraçados vai sorrindo.

Lá quando o gelo, a morte, a dor, o espanto
Me excitarem na mente horror ao nada,
Terei tambem do amor o allivio sancto ;

E, se perjura for, se deslebrada,
O passado amarei—seja seu pranto
Nas vascas d'agonia a minha amada.

JULIO DE MACEDO.

Tavira, 9 de Janeiro de 1867

A FEBRE DO JOGO

I

Lucio parecia protegido do magico influxo d'uma constellação propicia. Sempre feliz com as damas não o era agora menos ao jogo. Perseverava a fortuna em o enriquecer de seus munificentes donativos. As cartas, tão doces em obedecer-lhe como pertinazes em resistir a meus anciados reclamos, andavam como que á mercê da sua vontade imperiosa. E elle, revestido das honradas insignias de *banqueiro* e enfrornado em presumpçoso desdem, accusava em cada movimento a satisfação caracteristica, que extravasa dos geitos particulares dos bem sorteados.

Á direita de Lucio estava eu. Era a primeira das victimas, o ludibrio da sua ventura. Por isso o encarava de máos olhos, recalçando a indomavel inveja que trasbordavam. E, magnetizado, para me servir de phrases grandes e vazias com aspirações a graciosas, seguia voraz os rios de dinheiro, que rolavam copiosos para as bandas do banqueiro ao passo que lamentava, de mim para comigo

que tão depressa se me fosse desvanecendo a acalentada esperança de acabar meus dias em lucido e sonoro pelago de bellas peças de oiro.

Morreu num tonel de malvazia o duque de Clarence. Foi pouco apparatuso o duque. Morreu como pode morrer um sapo ou mesmo um burguez. Não admira todavia, que no vinho recahe a excêntrica ordinaria de um digno filho d'Albion.

Eu, menos modesto, suspirava por uma sepultura como nem no paganismo a obtiveram deoses: oceanos de dinheiro. Era o meu fraco.

De mistura porem com meus intimos lamentos de vate arruinado, coalhados pela ira em elegias chorumentas, hia ao sopro encantado da philosophia, tão avezada a reduzir o confiado intellecto dos pobres mortaes a bolhas de sabão nas azas do vento, ia desfiando em cada libra, que deslizava no panno verde da mesa, uma historia longa de longas agonias.

Annos e annos de trabalho improbo, noites fadigasas, vigílias acerbas; o descanso, a paz e a honra de muitas familias; o amor, a ternura e a castidade de muitas crianças; via tudo como numa galeria immensa e negra sacrificado alli ao delirio d'um leviano deslumbramento; via tudo impiamente atirado á voragem lobrega d'aquelle funesto Titicaca. Titicaca sim, já que tão arrevezado nome vale bem um anathema. E buscava interpretar nas alegrias dissimuladas de Lucio (sancta ingenuidade!) longes da generosa condolencia que rehabilita o vencedor aos olhos do vencido.

Se eu ainda então ignorava que a febre do jogo afugenta bemfazejos instinctos; enerva a afinada corda dos sentimentos delicados a furtar-lhe as mais doces vibrações; bestifica sob a pressão ignobil da desenfreada cubiça!

Como media a desgraça dos outros pela minha desgraça, compulsava de perto, por uma notavel complacencia do egoismo, os males alheios, as paixões desaforadas e as angustias, que de envolta se erriçavam.

Os valores, que meu pai me confiara, essas reliquias sanctas d'uma opulencia desbaratada (sanctas, porque d'ellas pendia a boa fama e a segurança da minha familia) iam cahindo no abysmo peça sobre peça, baloiçadas no fluxo e refluxo irregulares d'aquella aurifera onda.

Attrahido primeiro por simples curiosidade, e em seguida, como de ordinario succede, pela esperança seductora de farta colheita, deixei-me depois vencer do teimoso despeito, que se origina das repetidas perdas, e puz mais audacia no jogo até que, sem o presentir, attingi o perigoso termo da fascinação. E d'ahi não ha voz de raciocinio que levante o homem.

Todavia eu ainda não estava pervertido a ponto de esquecer que não era uma moeda fria e superflua que submettia ás velleidades

da sorte. O producto das joias de minha mãe mirava a mais nobre emprego, qual era salvar-lhe a honra, salvando os ameaçados creditos de meu pai. Era pois a honra e o credito da minha familia que eu estava compromettendo com repugnante cynismo. Fazia-me cynico a demencia. Estava alli fatalmente amarrado como Prometheu ao pincaro do Caucasos com o abutre da avareza a mergulhar as garras em meu peito confrangido. Afeiçoara-me aos repellões d'uma miseravel esperança. Necessitava reaver o perdido, arriscar ainda algum ouro, luctar, estrebuxar...

Estorcendo-me no espaldar da cadeira, e arripiando os empastados cabellos num tregeito de oratoriano desespero, que é o mais ridiculo de todos os desesperos, pregava iracundas vistas no banqueiro, observando de soslaio com frenesi de tonto o apoucado destroço subtrahido á voracidade das cartas, o ultimo punhado de libras que me restava.

Formei decisivos planos de ataque, indaguei um apropriado systema de jogo, erigi barreiras e castellos fortes, e colloquei-me na brecha com o aprumo resignado de um martyr. Porem minhas maduras combinações, meus calculos prudentes, astucias e determinações medidas chegaram serodios de mais para que medrassem. Goraram-se num abrir e fechar de mãos. Acertou em vir por esse tempo á mesa uma carta que me deslumbrou. Foi invencivel a tentação. E concorreu a redobrar-lhe o valor a soberana urgencia de um commettimento arrojado, pois que em assaltos parciaes e moderados se tornava quasi impossivel a restauração dos perdidos capitaes.

Esta consideração acabou de me resolver. Joguei tudo na maldita carta. Lucio olhou-me com sobrecenho reprehensivo. Eu baixei os olhos humilhado, pasmando da temeridade, e, na eminencia do perigo, arrependi-me sinceramente de tão precipitado lance. Mas, caso inexplicavel! não ousei retirar a parada.

Em pé, hirtos, com o pescoço grotescamente estendido, boquiaberto, abafando em suor e com a serpente da cubiça na sua mais sordida expressão enroscada na garganta, considerava tremebundo cada carta que despontava no baralho. O receio agitava-me barbaramente o coração, e a intelligencia, escurecida, lampejava a espaços em acerbas exprobrações. Hora aziaga!

Não ha fugir á sorte. A minha estava lançada. Perdi.

Vibrou-me nos ouvidos uma voz de tormentas, inflammou-se em meu cerebro um clarão de desespero, cahiu pesado meu punho sobre a mesa, e meus labios encrespam-se numa palavra obscena.

Ninguem se offendeu, nem apiedou tão pouco. O jogo proseguiu no estylo em que começara. Eu é que estava irremediavelmente perdido.

Desorientado fui sentar-me longe dos joga-

dores com a cabeça apertada nas mãos como um tendeiro fallido, ou como um galan soberbo atraído em seus desfraldados affectos. As labaredas d'aquelle inferno não ha nesses caminhos, em toda a christandade, painel de almas penadas, que as represente ao vivo. Quantos as terão experimentado menos abraçadoras sem animo para preservar as regiões craneanas dos estragos d'uma bala!

Não culculo o tempo que permaneci nessa dolorosa prostração. Despertou-me o som de uma voz, que pronunciava o meu nome com certa accentuação sentimental. Era a voz de Lucio.

Tinham-se dispersado os jogadores, e apenas elle, condoído do meu abatimento, consentira em malbaratar comigo, á mingoa da panacea infallivel e milagrosa, ao menos algumas estafadas palavras de consolação.

— Marianno, diz em tom emphatico, aproximando-se, não serás tu um homem? Esmaga essa consternação que é um insulto para o teu character, e mostra que sabes reconhecer que nem as pedrarias de Borneo, nem todas as minas do Perú compensariam uma afflicção de momento. Pois que! Tão mudado estarás? Nos bellos tempos do nosso condiscipulado... lembras-te? memoraveis tempos! tornou-se notavel o teu nome por um sem numero de liberalidades galantes, que desfalcariam os recheados cofres d'um nedio capitalista: desdenhavas esse estúpido metal. Hoje...

— Mudaram as circumstancias.

— Não ha circumstancias que dobrem uma boa natureza.

— É falso. Falla em ti a felicidade, que tudo vê retincto em seus peculiares arrebiques. A tua generosa e boa natureza, Lucio, a tua boa natureza é a primeira a desmentir-te, porque se altera, como se passasse de cadinho grosseiro a grosseiros moldes, desde que tomas logar a uma mesa de jogo. De civil e cortez eis-te petulante; de liberal avaro; de probo e justo...

— De probo e justo?

— Burlão de taberna.

— Marianno!

Quem tivesse o sangue em ebulição e o coração ao pé da bocca deparara nessa injuria com favoravel ensejo para uma festejada briga de faca em punho. Por mim estava em termos de a desejar. Lucio porem era de fria tempera e animo recto, e nunca á primeira farpa investiu contra o adversario, quando mesmo não fosse um amigo.

— Paciencia, Lucio! volvi, sanando a ferida. Já que estás rico de dinheiro consente que eu o seja ao menos de franqueza. Não me queixo, não devo queixar-me. Percebi a tempo o engodo; podia ser cauteloso.

— Juro-te...

— Fazes mal. Canças-te sem proveito. Surpreendi-te nos ardis da empalmação.

— A mim! Mentos. Continuaste jogando, e terias cessado se fosse verdade.

— Arrastava-me uma força superior. Tinha de ser.

ALVARO DO CARVALHAL.

(Continua.)

soneto

A S. L.

Mulher! eu vou partir a largos passos
Sobre o costado d'um jumento ardêgo:
Vou partir d'estas margens do Mondego,
Onde os dias passei de pranto escassos.

Alem arrastarei os membros lassos,
Mais tristonho na dor do que um morcêgo.
No ventre já não tenho um só rofêgo,
Já tenho de chorar os olhos baços!

Tal como a tenia, a sordida lombriga,
Nas tripas vive mesta e solitaria,
Assim eu viverei, oh doce amiga.

Mas, ai! que importa a vida ao triste paria?
Que a parca fie a derradeira estriga,
E apague a amortecida luminaria!

JOÃO PENHA.

A estrella

No occaso moribunda
Esmacia a luz do dia:
Negra melancolia
Do céo a luz derrama.

O peito se me inflammas
Se os olhos lá estendo;
Que eu vel-a ali pretendo
Em thronos de saphira!

Descanto-lhe da lyra
Suave, intimo canto
No extasis tão sancto,
Que eu sinto só por ella!

Depois, quando a procella
Da noite que se estreita
No céo corre desfeita
Em crepes que põem medo,

Nessa hora de segredo
O espaço emfim percorro,
Pedindo-lhe soccorro
Nos trances d'esta vida.

E a vista enlanguecida
Me fica numa estrella;
Que eu penso, vejo nella
A sua imagem querida.

Depois, ó sorte dura!
Se a nuvem m'a encobre,
No peito d'este pobre
Só vejo a desventura

A feiticeira

I

De farrapos coberta a um canto escuro,
De escura habitação juncto do lar,
Como se fosse Parca do futuro,
Não cessa a pobre velha de fiar.

Esmorece a fogueira: o lume extingue-se;
Com a estopa final depõe a roca.
É tudo silencioso, mas distingue-se
Secreto balbuciar da sua bocca!

Que pode ella dizer, a triste velha,
Ao mundo que na face lhe ha cuspidos?...
Mas que dor no fanzir da sobranceira,
Que dor lhe vem do peito dolorido!

Ao restrugir da chuva no telhado
Accende o extincto lume da fogueira;
De novo põe a estriga, e o seu fiado
Continua, cantando, a feiticeira!

II

«Tantos annos lá vão, tantos insultos
Soffrêram nossas mães! Crel-o me aterra!
Seus ossos nem sequer foram sepultos,
Negaram-lhes a terra!

«O vento lhes levou as cinzas todas,
Quando a pyra queimava a carne d'ellas!
Não pouparam, covardes! nessas bodas
As timidas donzellas!

E nós, as suas filhas, somos tidas
Como filhas do inferno — ao que parece!
Malditas Jozabeis, escarnecidas
Por quem nos não conhece!

«Como a raça proscripta dos Judeus
Que nem patria sequer dos homens têm,
C'os olhos sempre erguidos para os céos
Soffremos nós também.

«Mas ai! não se acabar, com esta febre
Que me expira na roca, a minha vida!
Quebrara, como o fio que me quebra,
O encanto infanticida!»

III

D'est'arte procurava em seus cantares
Volver as longas noites ao serão.
Recordando a gemer os seus pezares,
Pensava dar allivio ao coração!

Allivio! que palavra, que mentira
Pretende escarnecer da sua dor!
Ao seio moribundo quando expira
De que serve o fallarem-lhe d'amor?

Como as noites que a pobre seroava
Mais noite a sua vida lhe parecia;
Eram da cor dos fios que fiava
Os cabellos que a touca lhe escondia!

IV

Morreu aquelle peito penitente,
Rasgaram-lhe a punhaes

— O coração!

Levou aquella martyr innocente
Por preces funeraes

— A maldição!

J. SIMÕES DIAS.

ESBOÇO HISTÓRICO

Da instrucção popular entrè os povos antigos

Continuado da pag. 34.

São estas as formas de educação religiosa entre os hebreus.

Sobre o modo por que elles eram instruidos nas sciencias profanas, não nos fornece a historia dados seguros, por que o possamos avaliar.

Todavia o plano d'esta educação não podia deixar de ser acanhado.

A historia não falla do seu desenvolvimento moral; ao contrario, apresenta-os como refractarios ao desenvolvimento das sciencias. Os hebreus olhavam com desprezo, senão com horror, todos os estrangeiros, a sua linguagem, as suas artes e as suas sciencias.

Quando a mão do destino fez parar o captivo de Babilonia, e arremessou os exilados para o solo sagrado da patria, desconheciam ainda a navegação, a astronomia e outras sciencias, que entre os Babylonios eram sinceramente cultivadas.

E depois houve sempre entre elles uma tendencia deploravel. Faziam monopolio dos seus livros sagrados; occultavam-n'os escrupulosamente das vistas de todos os povos. Quando Ptolomeu Philadelpho obteve uma traducção

d'elles, instituíram jejuns em memoria d'aquella imaginaria desgraça.

Ignoravam completamente o principio da fraternidade social.

Onde findava o territorio do seu paiz, ahi terminava para elles a humanidade.

Alem d'isso quasi que até desprezavam as sciencias que existiam entre elles.

Os hebreus bem conheciam que a instrucção religiosa era necessaria para o cumprimento dos seus deveres para com Deos, para fazerem d'ahi a norma das suas acções; mas o que elles nunca comprehendiram é que a educação popular, em todas as suas formas, é uma grande necessidade social. Um povo pode tanto, quanto sabe.

Agora, pelo que diz respeito á doutrina religiosa, não era o seu conhecimento um privilegio de classe; todos podiam e deviam adquiril-o.

As escholhas e as synagogas eram publicas; e especialmente estas não foram creadas com outro fim, que não fosse a conveniente e indispensavel educação religiosa do povo.

O que entre elles constituia um privilegio era o direito de ensinar, porque nem todos podiam fazer parte das corporações docentes.

Só os escolhidos por Deos gozavam d'essa prerogativa.

Comtudo não era esse um privilegio que prejudicasse o desenvolvimento do espirito publico, e trahisse o cumprimento do fim religioso dos hebreus, porque nessas instituições de ensino usava-se com o povo da franqueza da verdade.

Se a sociedade judaica não fosse essencialmente theocratica, se as synagogas não tivessem em vista só a educação religiosa do povo, e professassem com a mesma franqueza e illustração o ensino das sciencias profanas, teria a humanidade muito que lhe agradecer, porque contribuiriam poderosamente para os progressos do espirito humano.

Ao menos honra lhes seja, que, por sua parte, não lhe estorvaram o desenvolvimento, como succedeu com a educação entre alguns povos da antiguidade.

Se muito não fizeram em beneficio do espirito publico, é porque tanto não cabia em a natureza da sua missão.

Mas, se as nacionalidades modernas se dedicassem tão fervorosamente á educação das ultimas classes da sociedade, como se fazia entre os hebreus, não veriamos ainda o povo acorrentado ao cepo da miseria, escravo de paixões degradantes, e involto na mortalha da ignorancia, contemplar com uma impassibilidade estúpida a obra da revolução, que o alevantara em idolo, que lhe laureara a fronte com o diadema da soberania.

Do modo por que a instrucção religiosa era diffundida por entre o povo hebreu, ha só um exemplo a aproveitar pelas sociedades mo-

dernas — é a fervorosa dedicação á causa da educação popular.

No Egypto a educação popular resentiu-se profundamente da sua forma de governo. A sua organização politica foi inteiramente constituida sob o regime das castas.

Sem nos determos em investigações historicas a respeito d'esta instituição, diremos, tão só, que logo nas edades genesiacas se formaram duas classes na humanidade: — uma arrogando-se todos os direitos e todos os privilegios, concentrando em si o poderio e a sciencia; a outra sujeita a todas as tyrannias, despenhada na mais dolorosa das degradações, porque renunciara á sua razão, á sua independencia, á sua personalidade! Para uns a vida da intelligencia; para outros a tutela da ignorancia, a morte do espirito: para aquelles os esplendores das grandezas humanas, a consideração publica, que dá sempre o prestigio do poder; para estes o abysmo de todas as miserias, o escarneo dos outros homens, porque traziam na fronte o stygma maldicto d'uma casta ignobil!

A instituição nefanda das castas foi, a nosso ver, o maior cancro social dos povos antigos; e de todos elles foi tambem, sem duvida, o Egypto o que lhe prestou mais culto.

A casta sacerdotal era a mais privilegiada. A administração publica era um encargo dos padres; o *sacerdos magnus* era o primeiro funcionario depois do Rei; as suas prerogativas estendiam-se ainda á instrucção, ao culto, ao estabelecimento e recepção dos impostos, e a toda a administração civil.

Só a raça sacerdotal era a depositaria das sciencias; as ultimas classes sociaes estavam votadas ao ostracismo da intelligencia; eram os *pareas* da civilização.

Investidos na educação do povo, os padres tinham summo cuidado em lhe não revelar os seus conhecimentos. Pintavam com vivas cores os excessos a que a ignorancia podia arrastar os principes; mas, para com o povo, faziam da sciencia um sigillo inviolavel das verdades mais uteis um mysterio!

E para que occultar-lhe essas verdades uteis? Para que espalhar assim um mundo de trevas em redor da intelligencia publica?

É porque ia nisso o seu interesse.

Como não tinham por fim levar a instrucção ao espirito e fazer nascer sentimentos generosos no coração dos outros homens, mas perpetuar o seu dominio insinuavam-lhes erros e prejuizos a isso conducentes; não os instruiam naquillo que tinham como verdadeiro, mas no que lhes era util para realizarem o seu pensamento tenebroso e deshumano. Ostentavam nas suas palavras alguma cousa de sobrenatural, envolvendo-se num véo mysterioso que ninguem sabia levantar; persuadiam aos outros homens que os seus conheci-